

**OUTUBRO - 1940**

# **REVISTA DO BRASIL**

(FUNDADA EM 1916)

Director: OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

---

ROBERTO ALVIM CORRÊA — A LITERATURA FRANCESA E A GUERRA — 1 \* AFFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — O PROBLEMA DA AUTORIA DAS "CARTAS CHILENAS" — 7 \* ALBERTO DE SERPA — ALGUNS POEMAS PROVINCIAIS — 18 \* JULIO PATERNOSTRO — SÃO THOMÉ DAS LETRAS — 22 \* LOBO VILELA — O PROBLEMA PEDAGOGICO — 26 \* GUILHERME FIGUEIREDO — VELHO ROMANCE — 33 \* EDMUNDO CORREIA LOPES — JUSTIÇA A NINA RODRIGUES — 44 \* OMER MONT'ALEGRE — LETRAS ESQUECIDAS — 48 \* AYDANO DO COUTO FERRAZ — POEMAS — 50 \* SAMUEL MAIA — BOA VENTURA FINGINDO DE DESGRAÇA CHEGA-SE AO REI NA FIGURA DE MALINA FEBRE — 52

**O CONTO BRASILEIRO** — *Jogo do Osso*, Simões Lopes Neto — 57

**O CONTO ESTRANGEIRO** — *O noivado infeliz de Aurelia*, Mark Twain (trad. de Valdemar Cavalcanti) — 60

**LIVROS** — Almir de Andrade, Valdemar Cavalcanti, O. T. de S. e L. M.-P. — 63 \* **LETRAS PORTUGUESAS** — Lucia Miguel-Pereira — 71 \* **ARTES PLASTICAS** — R. Navarra — 73 \* **CINEMA** — Rachel de Queiroz — 75 \* **POLITICA INTERNACIONAL** — Augstregesilo de Athayde — 77

**NOTAS E COMMENTARIOS** — 80 \* **PESQUISAS E DOCUMENTOS** — Uma carta de Bernardo Pereira de Vasconcellos — 83 \* **VARIEDADES** — 84 \* **A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS** — 89 \* **RESENHA DO MÊS** — 94 \* **REGISTRO BIBLIOGRAPHICO** — 109

**O CONFLICTO EUROPEU** — Raul Lima — 111

---

**Anno III**

**3.ª phase**

**N.º 28**



# REVISTA DO BRASIL

**Director:**  
OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA  
**Redactor-Secretario:**  
AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA

**Gerente:**  
L. SANTOS

**Publicação mensal**

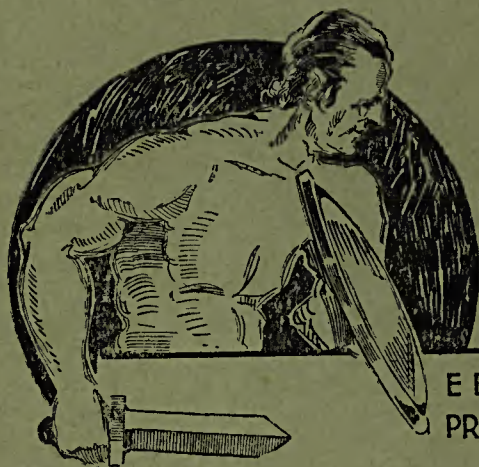
**Direcção e Redacção:** AV. RIO BRANCO, 129-31 — 3.º — Tel. 43-7073

**Administração:** RUA DO LIVRAMENTO, 191 — RIO — Tel. 43-2741

**ASSIGNATURAS:** Balcão dos "Diarios Associados", Av. Rio Branco, 129-31

**ASSIGNATURA (registrada):** Annual, 36\$000 — Semestral, 20\$000

**NUMERO AVULSO..... 3\$000**



*Defenda os  
seus pulmões*

**E DEFENDERÁ A  
PRÓPRIA VIDA!**

O COGNAC DE ALCATRAO XAVIER é o remedio mais eficiente contra a grippe, as tosses e os resfriados.

Não deixe que o seu mal se agrave: corte-o imediatamente com o

## COGNAC DE ALCATRÃO XAVIER

# REVISTA DO BRASIL

(Fundada em 1916)

ANNO III

3.<sup>a</sup> PHASE

N.º 28

OUTUBRO DE 1940

## A LITERATURA FRANCESA E A GUERRA

Escrevendo as linhas que seguem, gostaria de fugir a tudo que possa lembrar de perto ou de longe a de prophecia, de julgamento ou de qualquer outra attitude definitiva, que me parece incompativel com os tempos cruéis, graves e complexos que atravessamos, e que, de toda maneira, para ser efficaz, exigiria qualidades, boas ou más, que não são minhas. Deponho aqui, breve e summariamente que seja, apenas como testemunha solidaria do immenso infortunio presentemente imposto ao mundo e como quem fosse ameaçado numa fibra vital só por sentir a necessidade de defender uma certa concepção da literatura, quasi poderia escrever: da vida.

\*

Um dos rarissimos resultados da guerra susceptiveis de serem bemfazejos — mas a que preço! — é o que obrigaria os povos vencidos, e, talvez, ainda mais, os outros, a descer em si mesmos. A derrota, comtudo, costuma ser melhor conselheira do que a victoria. Os povos victoriosos, embriagados com triumphos militares, raramente ouvem a voz da razão ou do espirito. Querem ser os mais fortes, porém, na realidade, não podem exprimir nada. Não são consultados. Raramente são livres: vivem ás ordens de seus chefes. Quem se atreve a falar a verdade é considerado inimigo do país. Os meios, ahi, justificam o fim, o unico fim: a pseudo-grandeza da nação, pois a verdadeira é bem diferente: escolhe os meios, e nos revela que não há grandeza possível obtida á custa dos outros, de sua propria palavra, e sem o respeito do que, na pessoa individual como nos povos, se chama a dignidade. Essa observação, se visa alguns responsaveis, não se dirige, todavia, a nenhum regime. O que importa a uma nação é muito menos sua forma de governo, visto que todo systema acaba esgotando-se a si proprio, do que os homens que o constituem. Todo



regime possui vícios que o tempo accentua, até que vem a ser mortífero, e é perigoso quando nas mãos de homens corruptos ou incapazes.

E' provavel que o mundo de amanhã, pelo menos o mundo social, não seja o mesmo que este que está morrendo. Não nos deixemos, porém, illudir: o mundo não se transforma nem rapida, nem facil ou definitivamente. Dois mil annos de uma civilização que se pretende christã não conseguiram modificar o coração humano. Não o conseguiram, na medida que não era christã, e se, para nos salvar, existem, de facto, santos e milhares de almas de boa vontade, é mesmo obra milagrosa do christianismo. A triste verdade, porém, é que a caridade christã ainda não conquistou o mundo. Sem duvida, depende, antes de tudo, de nós, christãos, que essa virtude capital ovença, mas tambem dos outros que tornem possivel tal conquista.

Uma das razões de ser da literatura é reflectir o homem, o de sempre. Por isso mesmo, não pode haver solução de continuidade entre as grandes obras. O que há, são épocas de silencio relativo, de recolhimento, de meditação ou de abafamento. O espirito guerreiro, que exige um regime autoritario, não favorece a expressão literaria. Entre o imperio da força militar e o do espirito parece haver um desses pactos mudos que estabelecem as grandes leis da vida e fazem com que um e outro alternem, como o movimento da respiração, feito em dois tempos, que se succedem e são reciprocos factores de exaltação e de orgulho nacionaes. Ainda bem perto de nós, o exemplo vivo de Napoleão é typico desse estado de coisas no sentido que o Primeiro Imperio afastou da França os grandes escriptores do tempo, obrigando-os a viver no exilio ou contra o regime, taes como Madame de Staël ou Chateaubriand. Entretanto, se o imperador, enquanto vivia, abafou todo pensamento que tentava ser independente, não se pode negar que, depois de morto, elle inspirou a França inteira. Conferiu-lhe um prestigio e um potencial de vida jamais alcançado até então. Tornou-se um fermento de poesia de intensidade sem igual na literatura moderna. O romantismo francês, desde Chateaubriand até Hugo, não seria o que é sem Napoleão, que mais do que qualquer outro contribuiu para lhe dar seu proprio tom.

Não houve quem desse o seu á França actual. Espera-se ouvir uma voz e, apesar de grandes escriptores cujo valor é indiscutivel,

procura-se debalde. As circunstancias requerem que o país entre, do ponto de vista literario, num periodo de recolhimento e de revisão dos valores. Poucos nomes escaparão ao julgamento e á censura publica. Poucos livros possuirão bastante materia humana para que consigam sobreviver aó flagello insondavel da guerra, cujo sentido profundo nos escapa, mas que não temos o direito de desprezar, como seríamos tambem inclinados a fazer. Tudo que é mysterioso, tudo que nos fere, devia obrigar-nos a meditar. Assim como escrevia Joseph de Maistre numa pagina celebre: "Les fonctions du soldat sont terribles; mais il faut qu'elles tiennent à une grande loi du monde spirituel, et l'on ne doit pas s'étonner que toutes les nations de l'univers se soient accordées à voir dans ce fléau quelque chose de plus particulièrement divin que dans les autres; croyez que ce n'est pas sans une grande et profonde raison que le titre de *Dieu des Armées* brille à toutes les pages de l'Écriture sainte. Coupables mortels, et malheureux, parce que nous sommes coupables! C'est nous qui rendons nécessaires tous les maux physiques, mais surtout la guerre."

Talvez a guerra seja para os vencidos um terrivel meio de purificação, e aconteça que seja para os vencedores uma provação perigosa, onde não há gloria ou algo que honre nossa civilização.

\*

Uma nação que a guerra feriu vitalmente deve ter a coragem de ver as coisas como são, e tendo-a, não está longe de obter as victorias que fazem os santos, os heróes, os grandes homens e, com elles, os grandes povos. A literatura, que revela ora a alma nacional, ora a individual, deixará então de ser um luxo, um simples passatempo, para se tornar uma necessidade do espirito, um reflexo tão completo e fiel quanto possivel de nossa "condição humana". Os multiplos efeitos da guerra fazem com que saibamos melhor do que em tempos de vida facil o que temos o direito de pedir a um livro. Mais do que nunca este terá que ser digno das grandes obras que nos ensinaram a ser exigentes, a pedir-lhe que enriqueça o conhecimento que podemos ter de nós mesmos; a nossa concepção da vida, o nosso modo de pensar e de sentir. Um povo que soffre não se deixa mais illudir, quer obras authenticas, não só brilhantes pelo estilo e pelo jogo das idéas, mas que correspondam a uma intuição ou a uma experiencia segura e infallivel da vida. Os tempos que succedem a dias infelizes reclamam obras que ajudem a viver, obras classicas.

\*

A nossa civilização fez com que a literatura represente um dos patrimonios nacionaes mais valiosos, indispensaveis, um de seus titu-



los de gloria deante dos quaes todos se inclinam. Shakespeare fez mais pela gloria immortal da Inglaterra do que todos os reinados successivos de seus reis. Por que será — talvez indaguem alguns — esse privilegio da literatura? Porque nella devem externar-se as forças espirituaes do genio nacional. A literatura não deve apenas reflectir seu tempo, mas todos os tempos. Há de surgir das profundezas da alma nacional, por vezes ferida, porém viva. Nem todas as victorias se travam em campos de batalha. Só se impõem, na verdade, depois. Prova-o, por exemplo, a força secular de resistencia do povo glorioso da Polonia. Admiravel nação que encarna algum novo Rolando das neves perfidas, ainda por nós desconhecido, quem te cantará numa epopéa digna de teu heroismo puro? Confiantes no valor immortal da poesia, esperamos o poema que cante tua victoria — a do sacrificio sangrento e total — o poema que será o prolongamento de nossa propria aspiração, voltada para ti, grata...

\*

Será que pedimos demais ás letras? As provações incitam-nos a querer ver claro, a apreciar o sentido de tudo que importa e, particularmente, de nossos motivos de viver. E' provavel que nem todos resistam a esse exame. Uma obra literaria, todavia, seria pouca coisa se não nos revelasse um mundo mais profundo, mais real, mais fertil do que este, com o qual nem sempre nos podemos satisfazer. Estamos chegando, nessa altura, ao problema capital da poesia, capital porque é indispensavel á vida dos livros, dos quaes é a alma, e nos liberta dos carceres infernaes. Precisemos, todavia.

\*

A poesia, que tem por fim augmentar em nós o senso da vida, não pode, ao invés do que alguns pensam, afastar-nos da realidade. A palavra "lyrica" não tem outra significação. Poeta é quem desvenda segredos da realidade escondida. Para isso, que recorra o poeta aos meios que quizer, sonho, recordações, exaltação de certos sentimentos, comtanto que consiga obter nossa adhesão, que haja comunicação entre elle e nós, algo que nos permita ir mais fundo, e que não dependa só de preocupações de ordem esthetica, mas palpito e viva nelle como em nós, algo que traduza o exemplo immortal de Shakespeare. Todo poeta é suprealista, se entendermos essa expressão fora de qualquer espirito de escola literaria. Todo poeta é visionario do mundo interior, tem revelações sobrenaturaes, é portador de uma mensagem inedita.

\*

O conceito de poesia tem soffrido estes ultimos cincoenta annos, desde Rimbaud até os suprealistas, uma serie de interpretações que



demonstram um enriquecimento incontestável da matéria poética. Assim como o previa o encantador Guillaume Apollinaire, grande creador de seus sucessores:

*Il y a là des feux nouveaux des couleurs jamais vues  
Milles phantasmes impondérables...*

E mais até. Pelo facto de que só mais tarde conseguiremos avaliar em obras definitivas todos os resultados desse longo esforço muito complexo e de valor desigual que é o suprarrealismo, mas que, apesar de abusos grosseiros, conseguiu ampliar o campo das investigações poéticas, levando-o além dos limites até então concebíveis — por isso a poesia não deixa de ser um dom que temos, por vezes, de merecer por uma paciência infinita. O exemplo de um poeta como Claudel, cuja grande sombra paira muito acima de seus contemporâneos, no-lo ensina, como também no-lo ensinou, referindo-se a uma poesia muito mais íntima, mas não menos rica de vida interior, Rainer Maria Rilke, que nos seus inesquecíveis *Cadernos de Malte Laurids Brigge* nos confiava esta receita de ouro: “Para escrever um verso só, é preciso ter visto muitas cidades, homens e coisas, é preciso conhecer os animaes, é preciso sentir como voam os passaros e saber que movimento fazem as florezinhas quando se abrem de manhã cedo. E’ preciso poder pensar novamente em caminhos, em regiões desconhecidas, em encontros inesperados, em viagens que vamos se aproximarem, em dias da infancia cujo mysterio ainda não foi desvendado, e não basta saber pensar nisso tudo. E’ preciso ter lembranças de muitas noites de amor, uma diferente da outra, de gritos de mulheres berrendo em dores de parto, e de leves e adormecidas parturientes que se fechavam de novo. E’ preciso ainda ter estado perto daquelles que morrem, ter ficado sentado perto dos mortos, no quarto com a janela aberta e os barulhos que subiam de repente. Nem basta ter lembranças. E’ preciso esquecer-las quando numerosas e depois ter a grande paciência de esperar que voltem. Pois ainda não está nas lembranças. E’ só quando ellas se tornam em nós sangue, olhar, gesto, quando não têm mais nome e não se distinguem mais de nós mesmos, só então é que pode acontecer que numa hora muito rara, no meio dellas, se levante a primeira palavra de um verso.”

\*

Que lição de paciência, quasi de silencio! Este nem sempre é signal de morte. Há silencios dignos, ferteis, bons conselheiros, mediativos, que correspondem a um recolhimento, participam da vida literaria no sentido em que se fazem necessarios á realização de grandes obras que elles precedem. Não são obrigatoriamente os escriptos



realizados em tom alto os que têm mais significação. Nem todo trovador possui o volume de voz de um Victor Hugo. Poetas como Verlaine ou Rilke, escriptores como Benjamin Constant, jamais serão ouvidos por surdos de espirito. Falam em voz baixa. Augmenta, porém, a intensidade do que têm a dizer a discrição de suas vozes. Nelles, a margem entre a expressão graphica e a intimidade real do ser é a minima possível. Sentimos que o que lemos foi precedido de um silencio longo, paciente, significativo, attento, activo, quasi religioso. E' do valor actual desse silencio que depende, ao nosso ver, a qualidade immediata da producção litteraria que teremos após a guerra.

\*

O que consideramos ser a luz, por vezes cega. Quem jamais passou da luz estonteante e quente de uma tarde de verão para uma daquellas innumeradas igrejinhas da França, ao penetrar no interior do santuario todo mergulhado numa penumbra deliciosamente fresca, começa por não distinguir nada. A primeira impressão é de uma noite total, e só aos poucos, como no acido magico de uma chapa photographica, vae-se revelando a vida intensa presente e reflectida num altar, num crucifixo, na imagem de uma santa, num ramo de flores, que nos escondia, no entanto, a pretensa luz. A verdadeira é a que permite medir a nossa realidade humana com toda a sua profundeza. E' a unica que procuramos nas letras, é essa que sempre nos revelou a França, nossa mãe espiritual, para a qual temos uma divida de ordem cultural, inesgotavel. E' possível que a noite do inverno moral que atravessamos seja longa. O que sei é que nunca deixaremos de perceber o fremito da vida, do espirito e da alma, como uma voz sagrada momentaneamente abafada pelos estrondos dos canhões, mas que, no silencio religioso da madrugada, ouvimos da terra que deu a um mundo imperecivel Montaigne, Pascal, Racine, Bossuet, Rousseau, Constant, Stendhal, Flaubert, Baüdelaire, Claudel...

ROBERTO ALVIM CORRÊA



# O PROBLEMA DA AUTORIA DAS "CARTAS CHILENAS"

## I. A TRADIÇÃO

Thomaz Antonio Gonzaga foi o autor das *Cartas Chilenas*.

Pensamos que o presente estudo autorizará o character emphatico desta affirmativa, sem que nos seja cabivel a pecha de precipitação.

O maior obstaculo ao esclarecimento de um problema literario, (que apparece, de resto, com qualquer problema), é o ponto de vista preconcebido, o *parti-pris*.

Desde que o estudioso de literatura leve a sua solução no bolso, antes de examinar o assumpto, está claro que, sobretudo, se for homem capaz, há de sempre arranjar argumentos em favor della.

Desenvolve, então, o escriptor todos os esforços no sentido de obscurecer a these contraria, de abalar os fundamentos em que ella se assenta, para melhor clarear e robustecer a propria.

Com esta technica o estudo degenera em polemica, e o que fica em jogo, desde que o contendor replique com o uso das mesmas regras, não é mais a resolução de um thema passado, mas a defesa de dois sentimentos vivos de amor-proprio.

Os exemplos que temos desse lamentavel desvio são os mais numerosos e os mais altos.

Recordemos como é falsa a critica, contida no julgamento dos ultimos romanticos portuguezes sobre os realistas, e vice-versa.

No Brasil, para irmos logo a um espirito culminante, o artigo de Machado de Assis sobre o *Primo Basilio*, de Eça de Queiroz, é um modelo de obstinada incompreensão.

Só pode chegar á verdade, na solução de uma duvida literaria, do genero da que existe sobre a autoria das *Cartas Chilenas*, aquelle que não pretender, antecipadamente, attribui-la a nenhum dos seus possiveis autores.

Foi, afinal, o que se deu com quem assigna estas linhas, e, também, com os srs. Luis Camillo de Oliveira Neto e Manuel Bandeira, cujos estudos, conduzidos ao mesmo tempo que os nossos, servem de importantes subsidios para as conclusões a que chegamos.

Nós estávamos plenamente convencidos da autoria de Claudio Manuel da Costa, antes de sermos levados a examinar mais de perto a questão.

A origem de tal convicção era, *et pour cause*, o livro *O Inconfidente Claudio Manuel da Costa*, do sr. Caio de Mello Franco.

Em tal trabalho, de inegáveis qualidades, o escriptor mineiro traz todo o vento que pode, para enfunar o pano do poeta do Ribeirão do Carmo.

O aparecimento do referido estudo deu a impressão geral de que a velha duvida estava para sempre esclarecida.

Ronald de Carvalho, na ultima edição da sua *Pequena Historia da Literatura Brasileira*, assegura que, depois do livro do sr. Mello Franco, "deve-se concluir que as *Cartas Chilenas* receberam certidão de baptismo". (1)

O sr. Rodolfo Garcia, em uma de suas notas á *Historia Geral de Varnhagen*, sustenta identica opinião:

"... Caio de Mello Franco publicou *O Inconfidente Claudio Manuel da Costa, o Parnaso Obsequioso e as Cartas Chilenas*, Rio, 1931, — que veio resolver a questão definitivamente em favor do autor do poema *Villa Rica*." (2)

A nossa convicção pró-Claudio não fazia mais, pois, que acompanhar a de outros, muito mais abalizada.

Entretanto, a oportunidade de estudar pessoalmente o assumpto se nos apresentou quando escrevemos, para o Instituto Historico, uma these sobre a Inconfidencia Mineira.

O estudo da conjuração politica levou-nos a uma pesquisa mais aprofundada do ambiente intellectual em que ella se gerou.

As *Cartas Chilenas* são um dos mais typicos productos de tal ambiente. Tivemos, dada a orientação do nosso estudo, de nos deter demoradamente sobre ellas.

E dahi partiram as primeiras duvidas sobre a these da attribuição a Claudio, que não mais nos pareceu pacifica.

O sr. Luís Camillo de Oliveira Neto, outro tranquillo partidario de Claudio, a quem communicamos alguns dos resultados de nossas investigações, levou a effeito outras pesquisas, no admiravel material de que dispõe sobre a historia de Minas, produzindo os excellentes esclarecimentos de que em breve nos valeremos.

( 1 ) — Ed. Briguiet, Rio, 1935, pag. 183.

( 2 ) — Garcia, in Varnhagen, *Historia Geral*, vol. 4, pag. 425. Hoje o sr. Rodolfo Garcia reconsiderou a opinião primitiva e reconhece a autoria de Gonzaga.



Quanto ao sr. Manuel Bandeira, quando começou a fazer o seu estudo sobre o estilo das Cartas, a impressão inicial que levava era a mesma sustentada no trabalho de Tito Livio de Castro sobre a famosa sátira, isto é, que as *Cartas Chilenas* podiam muito bem não ser obra de nenhum dos seus indigitados autores, (Gonzaga, Claudio, Alvarenga), mas de um outro qualquer, obscuro e insuspeitado.

Veremos logo que a evidencia da autoria gonzagueana também conquistou o sr. Manuel Bandeira no terreno a que limitara as suas pesquisas.

Nenhum de nós três pretendeu, portanto, dê inicio, attribuir as Cartas a Gonzaga. Isto talvez tenha contribuido, mais que qualquer outro facto, para o encontro, (dizemo-lo sem falsa modestia), daquillo que hoje pode ser considerado como verdade.

Pode-se crer que as primeiras duvidas sobre a autoria das Cartas começaram com as opiniões de Varnhagen.

Diz-se, é verdade, que desde que o poema começou a correr, em Villa Rica, foi attribuido ora a Claudio, ora a Gonzaga, ora a Alvarenga, ora aos três, conjuntamente.

Theophilo Braga é, talvez, o primeiro dos que nos vehiculam esta informação, desacompanhada, aliás, de qualquer prova. (3) Chegou-se a dizer que o proprio Cunha Meneses attribuiu a sátira aos dois poetas. Coisa impossivel, pois, como vimos, ella deve ter sido escripta depois da partida d'elle. Esta antiga imputação parece inventada pelos literatos. Até prova da sua existencia, devemos considerá-la como falsa.

O que conhecemos de positivo, porque são testemunhos escriptos, é que as Cartas foram, de inicio, attribuidas somente a Gonzaga.

Varnhagen, porém, baseado em razões perfeitamente infundadas, além de bastante ligeiras, attribuiu-as em 1850 a Alvarenga e, em 1867, a Claudio.

Pode-se dizer que a opinião do grande historiador levantou a ce-leuma.

Aliás o visconde de Porto Seguro era mestre, nessas malicias.

Quando teimava num ponto, (e o ponto foi aqui retirar a autoria de Gonzaga), não arredava dali, e mais se agarrava a elle quando percebia que não tinha razão.

Assim fez com as viagens de Vespucio, assim obrou com a ida de Caramuru á Europa. Chegava a esconder textos, que eram do seu conhecimento, e que iriam desmentir a these em que se collocara.

---

(3) — Theophilo Braga, *Filinto Elysio e os dissidentes da Arcadia*, Porto, 1901, pag. 540.



Depois de Varnhagen, seguiam-se varias opiniões, umas de accordo com elle, outras contrarias á sua, mas, na maior parte, incontestavelmente rapidas, mal informadas, infundadas. Chegou-se até a sustentar que as Cartas tinham sido escriptas no seculo dezenove, e que tudo não passava de uma grande mystificação...

Como Varnhagen, (primeira phase), attribuiram as Cartas a Alvarenga Peixoto, entre outros, os seguintes: Ferdinand Denis, Camillo Castello Branco, Theophilo Braga, Sylvio Romero.

Como Varnhagen, (segunda phase), attribuiram-nas a Claudio os srs. Lindolfo Gomes e Caio de Mello Franco, que encontraram, já vimos, quem os apoiasse.

Com Gonzaga ficaram, modernamente, apenas Alberto Faria, Arthur Motta e José Verissimo. Pereira da Silva, Joaquim Norberto e Tito Livio de Castro não se pronunciaram, com segurança, por nenhum.

A these da collaboração, lembrada, entre outros, por Pereira da Silva, voltou, modernamente, a ser defendida, e não sem brilho, pelo sr. Sud Mennucci, em três artigos publicados no jornal *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Na demonstração, que faremos, da autoria exclusiva de Gonzaga, refutaremos, de todas as posições assumidas, apenas as theses mais representativas, ou que tiverem maiores apparencias de fundamento.

Seguiremos a seguinte ordem, na exposição do nosso ponto de vista:

Inicialmente veremos o que impõe a verdadeira tradição escripta, depois colheremos os argumentos de facto e as indicações historicas retiradas ao texto das Cartas, e, finalmente, recorreremos á prova de estilo.

Concluiremos como tudo concorda em apontar, sem qualquer sombra de duvida, para os espiritos desapaixonados, um unico autor para as *Cartas Chilenas*: Thomaz Antonio Gonzaga.

Vamos á tradição.

Esta, pelo que sabemos com certeza, aponta, desde o inicio, o cantor de Marília.

São conhecidos três depoimentos antigos, por escripto, sobre as Cartas.

O primeiro é o de Francisco Luis Saturnino da Veiga.

O seu neto, no prefacio, que fez, das Cartas, affirma que o depoimento do avô estava na copia "que serviu de base á edição", (Ms. C), o que não é exacto. A nota de Saturnino está na Carta 7.<sup>a</sup> do Ms. B, mais antigo que o outro, e é a seguinte, fielmente copiada:

"Dizem que continha esta carta 299 versos até ao que diz — *Que não busques cobri-los...* — como ao deante se mostra copiado no

resto da mma. carta 7.<sup>a</sup>. E que ao copiar do original esta Carta o A. (o dr. Thomaz Antonio Gonzaga) dissera q. já estava reformado o q. nella falta; mas não em estado de se poder copiar. O mmo. succedeu com o fim da 13.<sup>a</sup> q. é a ultima: e q. poucos dias depois fôra preso; sem q. haja qm. dê noticia de tal manuscrito."

Note-se a precisão e a certeza do depoimento, quanto á affirmacão da autoria.

Pois bem, um dos partidarios de Claudio, o sr. Lindolfo Gomes, referindo-se a estas linhas de Saturnino da Veiga, que foram transcrip- tas pelo neto na sua edição, diz o seguinte:

"O finado Francisco Luís Saturnino da Veiga, que viveu de 1771 a 1788 em Villa Rica e possuiu uma copia do poema, declarou-se conjecturalmente em prol de Gonzaga, mas é certo que esse seu depoimen- to não pode ter fundamento seguro." (4)

Ora, nestas poucas linhas do erudito escriptor mineiro, (a quem acatamos sinceramenté pelos seus valiosos trabalhos), há varias in- exactidões que precisam ser corrigidas.

Em primeiro lugar Saturnino *nasceu* em 1771, chegou a Villa Rica em 1788 e ali ficou até fins de 1789. (5)

Em segundo lugar está escripto no prefacio do neto que o avô possuia três copias do poema, das quaes uma do seu proprio punho, (sabemos agora que são duas, as escriptas por elle), e não uma só copia, como affirma o sr. Lindolfo Gomes.

Finalmente, e isto é que importa, (citamos o resto apenas para mostrar com que facilidade a desattenção falseia os textos), Saturnino não "se declarou conjecturalmente em prol de Gonzaga".

A conjectura está no ponto em que elle fala da maior extensão da Carta 7.<sup>a</sup>, ("dizem que continha esta carta"...), mas, quando in- forma que o autor é Gonzaga, não pode ser mais affirmativo. Basta reler o trecho acima transcripto.

Ajunta ainda o sr. Lindolfo Gomes no local citado:

"Essa supposição era especialmente baseada no facto de haver, na copia que possuia, a assignatura Tomaz (sem h, não de uso do poeta) Antonio Gonzaga. Antonio estava escripto com dois tt, o que faz crer que essa assignatura não podia ser do punho de Dirceu, mas do copista."

A supposição de Saturnino não foi baseada em tal facto, e isto é certo por uma circumstancia que o sr. Gomes não poderia conhecer. Esta circumstancia é a de que não há, nem nunca houve, em nenhum dos três manuscritos que pertenceram ao velho Veiga, a famosa as-

(4) — Lindolfo Gomes, *A autoria das Cartas Chilenas*, Typ. Brasil, Juiz de Fora, 1932, pag. 3.

(5) — Luís Francisco da Veiga, Prefacio ás *Cartas Chilenas*, pag. 15, nota.

signatura errada. Quem quiser se certificar disto não tem mais que examinar os manuscritos, que estão no Instituto Histórico.

Não sabemos que vespa terá mordido o honrado Luís Francisco, para fazê-lo impingir aquella inverdade aos seus leitores. Diz elle, com effeito, na pagina 12 do seu prefacio:

“Na copia que possuo, do sr. Francisco Luís Saturnino da Veiga, e que serve de base á presente edição, encontra-se no fim da dedicatória (em prosa), o seguinte: “Villa Rica, 9 de Fevereiro de 1789. Thomaz Antonio Gonzaga”. A letra é differente, assim como singular o character dos algarismos; parece que o copista conhecendo a letra do poeta, tratou de imitá-la. Thomaz está escripto, como se vê, sem h e Antonio tem dois tt.”

Ora, a copia que serviu de base á edição de 1863 é o Ms. C.

Não o prova apenas a declaração de Luís Francisco em outro ponto do seu prefacio. O proprio Ms. conserva signaes irrefutaveis disto: a distribuição, no alto das paginas, das tarefas, feita pelo chefe da officina aos typographos, bem como as marcas de paginação, que correspondem ás do livro impresso.

E este Ms. C, repetimos, absolutamente não contém, nem conteve, (não há signal de raspagem), a assignatura fantastica, como, aliás, ella não apparece em nenhum dos dois outros.

Podemos, pois, affirmar, sem temeridade, que o factio é pura invenção de Luís Francisco.

Aliás temos a prova material da innocente fraude.

O prefacio original e manuscrito de Luís Francisco está collado ao Ms. C. E, observado attentamente, revela esta coisa curiosa:

O prefaciador escreveu a principio que a copia possuia a assignatura de Thomaz Antonio Gonzaga, (o que era falso), mas graphou correctamente o nome do poeta. Só depois de escripto é que o alterou, riscando o h de Thomaz, e acrescentando um t a Antonio.

Por que terá feito isto? E' difficil responder, hoje em dia. A unica hypothese plausivel, a nosso ver, de toda esta ingenua invenção, é que Luís Francisco tenha querido criar mysterio e despertar interesse em torno do assumpto, sem pensar nas dores de cabeça que nos iria dar, mais tarde.

Resumindo: Fica desfeita a balela do nome errado e confirmado o character informativo, e não conjectural, do depoimento de Saturnino sobre Gonzaga.

Depoimento de contemporaneo, presente em Villa Rica no momento da diffusão do poema e da prisão do poeta.

Vamos, agora, ao segundo testemunho tradicional.

E' o de Francisco das Chagas Ribeiro.

Consta elle da primeira edição, (incompleta), das Cartas, apparecida em 1845.

Santiago Nunes Ribeiro diz, na nota preliminar, que "um ancião depositario de muitos thesouros da literatura brasileira", e dono do manuscripto que serviu para a edição, assegura: "Tenho motivos para affirmar que o dr. Thomaz Antonio Gonzaga é o autor das *Cartas Chilenas*. Francisco das Chagas Ribeiro." (6)

Chagas Ribeiro, sendo ancião em 1845, era, tambem, um provavel contemporaneo das Cartas. Seu depoimento, pois, sobretudo nos termos em que foi vazado, é importante.

Para invalidá-lo não bastam vagas allegações posteriores, mas são necessarias provas ou depoimentos coevos, em contrario, até hoje não apresentados.

O terceiro testemunho da tradição escripta é do bispo de Anemuria, frei Antonio de Arrabida, a quem já nos referimos.

Do catalogo de Mss. da Bibliotheca Regia, que o bispo elaborou, e que ainda hoje se encontra na Bibliotheca Nacional, consta a indicação de um Ms. das *Cartas Chilenas*, com esta simples nota: "Cartas Chilianas, aútor Thomaz Antonio Gonzaga."

Não havia, para o director da Bibliotheca Regia, a menor duvida sobre o assumpto. E isto num tempo em que Gonzaga, talvez, ainda estivesse vivo, em Africa.

Está, pois, demonstrado o que dissemos há pouco.

Os três depoimentos authenticos, contemporaneos do poema, e escriptos num tempo em que não se discutia quem era o seu autor, o attribuem a Gonzaga. Fora delles não se conhecem quaesquer outros.

Os dois depoimentos antigos que se referem a Claudio não tratam das *Cartas Chilenas*, mas da *Epistola que lhes serve de introdução*.

Esta evidencia tão simples tem escapado systematicamente aos defensores da autoria de Claudio, a começar por Varnhagen, o que contribue para augmentar a confusão.

A nosso ver taes depoimentos são perfeitamente fundados, pois estamos convencidos de que Claudio escreveu a *Epistola*.

Trataremos deste ponto no fim do presente estudo.

Passemos, agora, a examinar as provas de facto que existem em favor de Gonzaga, no proprio texto das Cartas.

Comecemos pelo nome de Critillo.

A interpretação deste cryptonymo foi um dos grandes argumentos apparecidos mais recentemente a favor da autoria de Claudio, porque, por um exercicio anagrammatico a que se não pode negar habilidade, o sr. Lindolfo Gomes identificou o nome "Critillo" com o nome "Claudio Manuel da Costa".

(6) — V. *Cartas Chilenas*, in "Minerva Brasiliense", Rio de Janeiro, Typ. Austral, 1845, pag. 4.





em cotejo com as outras que aqui indicaremos, que mostram a autoria de Gonzaga.

O habito do emprestimo de livros era corrente na Villa Rica de então, e sobre isto temos mais de uma referencia na devassa.

Talvez o livro pertencesse a Gonzaga e estivesse emprestado a Claudio. Talvez este o tivesse emprestado áquelle, que da leitura tirou a idéa de Critillo.

Talvez o cryptonymo tenha sido suggerido por Claudio, que assistiu dia a dia á composição da satira, a Gonzaga, que a compôs. Conjecturas possiveis de fazer, mas impossiveis de provar.

O que é facto é que o livro do heróe Critillo existia em Villa Rica, na livraria de Claudio.

O *Criticon* é offerecido pelo autor, em flammejante dedicatoria, a D. Pablo de Parada, general espanhol, (embora nascido em Lisboa), que foi aquelle mesmo Pablo de Parada que fez parte das tropas espanholas enviadas para dar combate aos hollandeses, em Pernambuco.

Pablo de Parada e Francisco Peres do Souto, mandados por Bagnuolo, fizeram uma incursão contra Goyana, onde queimaram muitos engenhos dos invasores. (10)

Os capitulos do *Criticon* são denominados *Crisis*, (segundo Pamprolini esta palavra significa analyse de costumes), e o seu heróe se chamava Critillo, isto é: o Critico.

Critillo apparece como o homem da razão, em opposição a Andrenio, que é o homem da natureza.

Gonzaga aproveitou o heróe da satira espanhola, (dahi as ficções de Espanha e Chile, para representar Portugal e Minas), e fê-lo desembarcar na Bahia, em vez de naufragar na ilha de Santa Helena, como acontece na obra original.

Ponhamos, assim, de lado, como inteiramente infundada, a ligação anagrammatica que se procurou encontrar entre os nomes de Critillo e Claudio.

Outro argumento, retirado ás Cartas, e que se oppunha á autoria de Gonzaga, era a pretensa declaração, contida na satira, de que o seu autor nascera no Brasil.

Vejamos que valor tem.

São sempre perigosas as conclusões implicitas, ou retiradas por deducção, principalmente quando servem de defesa a pontos de vista preconcebidos.

Varnhagen não hesita em escrever:

"Que o autor das Cartas era filho de Minas o revela elle claramente, quanto a mim, no fim da Carta 10.<sup>a</sup> dizendo:

---

(10) — Varnhagen, *Historia Geral*, vol. II, pag. 333.



“Talvez, prezado amigo, que nós hoje  
 Sintamos os castigos dos insultos  
 Que *nossos paes* fizeram...

.....  
 Aqui os europeus se divertiam  
 .....

Que muito pois que Deus levante o braço  
 É puna os descendentes de uns tyrannos.”

Sinceramente, não vemos como este trecho tenha induzido o illustre visconde de Porto Seguro a crer na origem brasileira de Critillo. Ao contrario, se o lermos com attenção, veremos que elle mais se ajusta a um portugûes.

Vamos copiar, por exemplo, um trecho da *Instrucção* de José João Teixeira, portugûes de nascimento, escripto mais ou menos no mesmo tom:

“A falta de policia da capitania de Minas Geraes perturba a ordem do governo della. Os povoadores da capitania ou são ou procedem dos europeus que se transportaram a ella excitados pela esperanza dos seus interesses. A maior parte delles eram ou réos de delictos, ou pessoas que, nas suas terras, não tinham mais que aquillo que ganhavam pela enxada ou pelos officios vis que exercitavam. Estes homens que cá no Reino eram a escoria do povo, e o desprezo dos bons, vendo-se em um país extenso e cheio de liberdade, fazem-se insolentes e querem ser fidalgos.”

E, mais adeante:

“Que educação podem dar a seus filhos uns homens daquella qualidade?”

Mas o principal é o que dissemos acima, isto é, o erro critico de se forçar conclusões seguras baseado em deducções de trechos os mais vagos.

Para que se veja o pouco fundamento que isto tem, podemos citar cinco versos da Carta 1.<sup>a</sup> em que Critillo, pela theoria de Varnhagen, se declara successivamente mineiro e portugûes:

“Escuta a historia de um moderno chefe,  
 Que acaba de reger *a nossa Chile*,  
 Illustre imitador de Sancho Pança;  
 E quem dissera, amigo, que podia  
 Gerar segundo Sancho *a nossa Espanha!*”

Nossa Chile e nossa Espanha, (nossa Minas e nosso Portugal), com a distancia de três versos.

Gonzaga, filho de brasileiro, nascido em Portugal, era, exactamente, quem poderia falar assim. Os modernos escriptores, habituados



á idéa de independéncia do Brasil, se esquecem de que Critillo não podia ainda concebê-la e, por consequéncia, referia-se a brasileiros e portuguezes como a um só povo, a Brasil e Portugal como a um só país.

Gonzaga participava, como homem de seu tempo, de tal estado de espirito, mas havia, além disto, nelle, este dualismo de sentimentos que é commum em todos nós e que experimentamos em varias manifestações.

Que Gonzaga se sentia brasileiro não há duvida, pois o proclama em uma das suas Lyras. Nesse poema, depois de descrever as provas de fidelidade a Portugal que o "americano povo" apresentava na sua historia, conclue o poeta, dirigindo-se á deusa da Justiça:

"Não é aquelle mesmo,  
Que estas acções obrou? é outro novo?  
É pode haver direito, que te mova  
A suppor-nos culpados,  
Quando em nosso favor conspira a prova?" (11)

Gonzaga se inclue, assim, de motu-proprio, no meio do povo cuja fidelidade proclamava: o luso-americano.

Portanto, não estranhemos que Critillo manifeste ao mesmo tempo pendores lusophilos e lusophobos, segundo despreze a pequena vida provinciana de Villa Rica, como homem habituado á vida do reino, ou se entorneça pelos soffrimentos do povo mineiro.

A unica indicação segura, contida nas Cartas, sobre a origem de Critillo, ao contrario do que sustenta Varnhagen, repetido por outros escriptores, dá-o como portuguez.

Vejamos, com effeito, os seguintes versos da Carta 9.<sup>a</sup>:

"Nasceu o sabio Homero entre os antigos,  
Para o nome cantar do grego Achilles;  
Para cantar tambem ao pio Enéas,  
Teve o povo romano o seu Virgilio:  
Assim, para escrever os grandes feitos,  
Que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,  
Entendo, Doroteu, que a Providencia  
Lançou na culta Espanha o teu Critillo." (12)

AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO

(Da Introducção á proxima edição das *Cartas Chilenas*, feita pelo Ministerio da Educação.)

(11) — *Marilia de Dirceu*, parte II, lyra 38.



## ALGUNS POEMAS PROVINCIANOS

Para Jorge Amado, José Lins do Rego,  
Manuel Bandeira e Mario de Andrade

### LISBOA E' LONGE...

*Vida provinciana, vazia...  
E cheia de vagar e tédio...*

*Vida quotidiana e estreita...  
E a paisagem quasi sem fim da planície...  
E os montes, ao longe, a subirem a Deus...*

*Vida a ensinar humildade...  
A terra sôb os pés a lembrar  
Uma morte a que não se foge nunca...*

*Vida calma, em voz baixa...  
A poesia esparsa em silencio  
Pelas almas desprevenidas que, ignorantes, a guardam...*

*Vida pousada nas mãos...  
Guardada numa redoma invisível  
Que quebra os sons vindos de longe...*

### SEGREDO

*A' janela, de bruços, dando o teu busto ao luar,  
Beijada na face triste pela aragem branda,  
Embalada com o silencio que sobe da rua  
— Menina triste, que esperas?*

*Lembra-te um verso esquecido há muito tempo...  
Sonhos inquietam a tua alma a abrir,  
Sonhos indecisos como as estrelas no céu claro...  
— Menina triste, que queres?*

*A tua boca e os teus seios vão adivinhar...  
Fecha a janela á aragem, ao silencio, ás estrellas, á lua!  
Em noite assim, vem da noite qualquer coisa secreta  
A insinuar-se nas almas debruçadas...*

*Se tu soubesses como é triste e breve, o amor!*

### ROMANCE

*A chuva miuda cae de um céu que não se vê...*

*Na rua larga, áquellas horas mais que mortas,  
O jovem apaixonado ainda passeia e espera,  
Parando nas sombras carregadas das arvores.  
Olha os vidros baços de uma janela illuminada,  
Com a illusão de que surja o vulto desejado,  
O vulto que poria outra illusão na sua alma.*

*Nos vidros não se recorta qualquer sombra,  
Nem no céu há estrellas distantes para companhia...*

*E a tristeza desce sobre o moço, desce  
Como a chuva que vae fazendo poças na calçada...*

### POESIA PERDIDA

*Toda a villa dorme e sonha sob o luar...*

*Só no seu quarto cheio de fumo e sombras,  
Sob o candeeiro onde uma luz de doença agoniza,  
O esperançoso poeta passa a mão magra pelos cabellos revoltos  
E olha o papel que espera uma poesia fugitiva...  
Mas a poesia não vem na frescura da noite,  
Nem no luar que se vae do peitoril da janela...*

*E o moço corre ao fundo do seu coração,  
Revolve a sua inexperiencia provinciana...  
Mas vê tudo banal e inútil como a sua vida simples.  
A poesia continua occulta, occulta...*



*E elle ergue o olhar para o rosto apagado dum retrato delido,  
Na esperança de uma luz que rompa o fumo e as sombras...  
Breve, os seus olhos descem molhados de desespero  
Sobre o papel de que a poesia se esconde, se esconde...*

### AMORES INFELIZES

*Amor de olhos nos olhos e silencias,  
De grandes palavras irremediáveis: sempre... nunca...  
De beijos nos olhos umidos e nas frentes enrugadas,  
De mãos nas mãos e nada mais...*

*Amor de longas confidencias ao luar e ás estrellas,  
De ciúmes que fazem insomnias e sonetos pessimistas,  
De aventurosos planos que se sabem impossiveis,  
De perigos pneumonicos nas noites chuvosas sob uma janela...*

*Amor de olhar as aguas rapidas e nocturnas do rio fundo,  
Com pensamentos fataes de suicidio romantico  
Sentindo já no corpo o frio arripante da morte...*

*Amor de ir á igreja, depois, numa manhã clara de primavera,  
E de acabar num habito supportavel e tranquillo...*

### PARAGEM

*Que melancolia, nesta triste estação provinciana!*

*Quando o comboio chega, ninguém desce, ninguém,  
Para esta vida parada e sem importancia...*

*Quem passa, leva daqui uma lembrança leve...  
(Rosas sobem pelas paredes das casas proximas...)  
Lembrança que voltará um dia aos olhos,  
Fugaz como paisagem imprecisa de um sonho...*

*Soluços marcam o rythmo do comboio a arrancar,  
Lagrimas caem por faces contrahidas,  
Mãos trementes atiram beijos tremulos,  
Lenços abrem as asas vagarosas...*

*E ninguém vê que esta melancolia é um adeus, adeus  
A um sonho de evasão que mais uma vez foge...*

**DISTANCIA**

*O homem que veio de longe com uma saudade nos olhos claros  
Falou de um mar imenso onde a vista e a vida se perdem,  
De ondas altas que voltam barcos em noites sem lua,  
De ventos que rasgam o pano rijo de velas erguidas...*

*E todos os que ouviam com olhos espantados e escuros  
Olharam as ondas mansas do rio correndo entre as margens,  
As montanhas distantes e longas que anoiteciam,  
As folhas amarelas que o vento outomnal arrastava no chão...*

**AMOR**

*E' bem mais triste a saudade que fica  
Na solidão destas paragens paradas e distantes  
Onde a vida é só saber que a vida passa longe...*

*Volta, e faltem estrellas no céu todas as noites!...*

ALBERTO DE SERPA

*(Do livro em preparação:  
LISBOA E' LONGE)*



## SÃ O THOME' DAS LETRAS

A gente tomando hoje o trem da Central, baldeia em Cruzeiro para a Rede Mineira de Viação e com doze horas de viagem chega em Três Corações, no Estado de Minas Geraes. O percurso é um pouco mais longo do que os cariocas costumam fazer quando vão tomar aguas em São Lourenço.

Numa boa manhã de sol, com a frescura do ar montanhês, deixando-se Três Corações de automovel, anda-se hora e pouco até a fazenda do sr. Alcides Junqueira. Ahi monta-se num animal de sella bem ferrado e por uma estrada sinuosa galga-se o morro até o cimo, onde está o povoado de São Thomé das Letras. Se o dia for brumoso, a viagem torna-se demorada, pois as erradas são frequentes e a gente perde a orientação cegado pela cerração.

Lá em cima, attinge-se aproximadamente a 1.300 m.

\*

No Sul da Provincia de Minas, no seculo passado, as feridas feitas na terra pelos moções abriram-se para sempre, documentando até hoje o que o negro fez na historia do Brasil. Quem viaja actualmente em certos caminhos de Minas ou Goiás vê surgir ao lado das estradas, gargantas escancaradas, seccas, com grandes depressões, e fica-se na duvida se foi a erosão do tempo ou o negro que as abriu. A escravatura marcou a nossa vida como a enxurrada marcou a gleba: sulcos profundos que não se apagam.

As grammas de ouro eram toneladas de terra, que o braço do negro fez rolar. Nas montanhas, nos morros, nos valles, o negro revirou as entranhas de nossa terra, e dentro das casas grandes, o leite da mãe-preta, as cantigas rythmadas pelo balanço dos berços, vieram acalentando o corpo e a imaginação das raças que estavam e aportaram no país.

Na segunda metade do seculo passado, os pés de café começaram a balançar em suas hastes os bagos encarnados, que symbolizavam milhões de globulos vermelhos do sangue dos escravos. Primeiro o ouro, depois o café; primeiro o negro, depois o negro, depois o italiano. .

Nessa época de transição da mineração para a monocultura, o senhor daquelles matos, Barão de Alfenas, apertou os castigos na sen-



zala, pois os escravos não se acostumavam á carpa, ao preparo da terra para a lavoura. Os relhos dos feitores zuniam mais vezes no ar e rasgavam mais frequentemente o dorso da negrada.

As fugas começaram. Os negros embrenharam-se na mataria virgem, e a origem de algumas cidades dessa região de Minas começa pela historia de captivos que se escondiam do mau-trato dos senhores.

Nas phases de mudança de cyclos economicos, quando as energias dos homens se multiplicam, a imaginação tambem se accelera. O limo feiticista vem á tona, e o psychismo do homem procura auxilio nas coisas que a realidade não lhe dá. E' um recurso de defesa.

Surgem, então, lendas, historias sobrenaturaes, que se espalham de boca em boca, e todo o povo se desafoga nellas. São um lenitivo para os soffrimentos do corpo. Em toda a parte do mundo, nas phases de transição desses cyclos, encontram-se desses casos.

No Brasil, foi numa época destas que appareceu o milagre de São Thomé das Letras.

\*

Corria o anno de 1872. Na Fazenda das Pedrás, o Barão de Alfenas apparecia na varanda da casa-grande, carrancudo e mau, dando ordens severas aos negros que tinham deixado a extracção do ouro para trabalhar na lavoura incipiente do café. Os feitores iam e vinham da varanda do senhor, desanimados com aquella gente que não se adaptava ao plantio. Com as argolas e as chibatas arrancavam-se os gemidos mais agudos que até então encheram aquelles ares.

Viviam entre aquelles escravos dois negros, irmãos de raça e de sangue, fortes e sacudidos como dois touros. Um delles foi seguro um dia para o castigo. Seus gemidos e seus gritos tiraram o silencio de três noites e torturaram o outro irmão mais novo, de vinte annos, que não resistiu á idéa de libertar o mais velho do supplicio. E, na quarta noite, elle foi até a argola onde o irmão estava acorrentado. Presentido por um dos feitores, deu-se o alarme, soltou-se a matilha de cães, e o negro não pôde salvar o prisioneiro, sendo perseguido pelo terreiro, que elle atravessou em disparada. Ganhando o mato, ninguém mais o alcançou, e amanheceu o dia sem que a busca dos feitores e dos cães localizasse o fugitivo.

E, como represalia á tentativa e a á fuga do irmão, deram tanto no prisioneiro que este acabou morrendo de tanto soffrimento.

O fugitivo, apavorado pela perseguição, foi andando pela mataria, subindo aquellas encostas, arrebetando as carnes nos espinhos, sangrando os pés na pedraria. Chegando ao cimo do morro, encontrou uma gruta, onde borbuhlava um fio d'agua, e ali ficou. Lá em cima nin-



guem tinha tido coragem de ir, e elle assistia todo o dia ao sol nascer e morrer. As nuvens brancas que circumdavam o pico separavam-no da senzala, cuja recordação coloria de terror seus pensamentos e fazia prolongar seu degredo. Brotos de arbustos e capim rasteiro eram sua comida. Passou a viver como um bicho solitario, naquelle lugar onde não existia nenhum animal.

Veio o mês de junho com um frio de rachar, e numa tarde, ao escurecer, quando seu organismo começava a baquear sem calor, sem alimento que o nutrisse, appareceu-lhe na entrada da gruta um moço loiro, bem configurado, vestido de escuro como um grande senhor.

O negro estarreceu com a apparição. O moço sorriu-lhe e disse-lhe que voltasse á fazenda do Barão, que nada lhe aconteceria. A lembrança da argola, da chibata, dos gritos de seu irmão, tiraram a immobilidade do negro, deante daquella visita inesperada. — “Não, sinhô moço, não volto mais p’ra aquelle inferno, prefiro morrer sozinho nesta furna” — foram suas palavras.

O moço loiro, sempre sorrindo, ordenou-lhe que regressasse, pois seria bem tratado pelo Barão. Então, o negro pediu-lhe que escrevesse uma carta ao fazendeiro, ao que o visitante accedeu, tirando um papel e um lapis do bolso, indo-se sentar depois na entrada da gruta.

O fugitivo encheu-se de coragem, não se incommodou com o frio, nem com a escuridão da noite, e descarnado, seminu, partiu para a fazenda. Já era de manhã quando elle chegou no terreiro do Barão. Os outros negros, os feitores, ficaram parados, de boca aberta, e os cães deitaram-se no chão, quando o escravo cansado e tropego atravessou a distancia que ia até a casa-grande. O Barão, de pé, na varanda, espantou-se com a chegada do negro, que subia as escadas, com um papel alvejando nas mãos, fazendo um acto que nenhum escravo fizera, dirigindo-se para elle, com a cabeça erguida e fitando-o nos olhos.

O negro deu conta do succedido ao seu senhor, e este leu no papel umas letras bem traçadas que diziam: “Não faça mal ao meu irmão. Thomé.” O bilhete e assignatura de uma personagem desconhecida, que escrevia imperativamente, impressionaram o aristocrata rural. Este mandou dar a melhor comida ao escravo e a melhor cama da casa-grande para que o negro repousasse.

No dia seguinte organizou-se uma grande conitiva, em que ia o escravo fugitivo, vestido de roupa nova, na frente, para escalar o morro. O Barão marchava ao seu lado, pois queria conhecer quem escrevia daquella maneira nas suas terras, e num lugar onde até então ninguem sabia que vivia gente. Ao chegarem na gruta, porém, em vez do moço loiro, encontraram uma pequena imagem, justamente no ponto onde o negro vira a apparição se sentar. O negro jurou que durante todo

o tempo que habitara a furna não vira aquella imagem, que desde esse dia ficou sendo a de São Thomé das Letras. E repararam tambem que na entrada da furna estavam marcadas outras letras, que hoje constituem a gravura rupestre que se pode observar nesse lugar.

O negro fugitivo foi perdoado, ficou sendo pessoa da familia do Barão, e desde então não se espancaram mais escravos naquellas bandas. Contam até que elles tiveram o 13 de Maio antes do anno de 1888.

O Barão erigiu uma capella ao lado da gruta, edificaram-se varias casas de pedra lá no alto, levou-se agua até lá pôr meio de regos tambem construidos de pedra, e todo anno commemorava-se a appareção de São Thomé com festas de quinze dias e as familias passavam esse tempo nas casas que o Barão mandou construir.

Hoje, moram nessas setenta casas de telhado de pedra alguns negros que devem ser descendentes dos antigos escravos da fazenda do Barão. A maioria delles passa muito tempo sem descer lá de cima, e por isso sua alimentação, pobre de certos mineraes e vitaminas, explica o bôcio, de que são portadores. Na capella, semiabandonada, o vigario de Conceição do Rio Verde de vez em quando vae rezar missa e fazer baptizados; na sacristia ainda se encontra um velho quadro a oleo dum pintor italiano, do Barão de Alfenas, em tamanho natural, mas não existem mais os ricos candelabros de ouro e prata que a ornamentavam. Circumdando a capella, grandes lages com inscrições em latim nos lembram que ali jazem os restos mortaes do Barão, de pessoas de sua familia, inclusive do negro que viu São Thomé em carne e osso.

JULIO PATERNOSTRO



## O PROBLEMA PEDAGOGICO

Entre os problemas sociais que requerem solução satisfatória, há um cuja importância transcende a de todos os outros pelas repercussões que sobre elles exerce e que por isso mesmo deve merecer a mais cuidada e esclarecida atenção dos sociólogos: é o problema pedagógico. A civilização criou condições tão complexas que, para as satisfazer, todos os povos precisam de atender, acima de tudo, á formação do seu escol cultural e técnico. Dahi depende todo o seu futuro.

Qualquer que seja a época e a latitude, o problema pedagógico reduz-se sempre a duas questões essenciaes: o **ideal pedagógico** e o **systema educativo**. Fazendo ambas parte do mesmo problema, são, todavia, distinctas e algumas vezes até contraditórias, por deficiencias de ordem varia. A primeira, refere-se aos **fins** que se pretende alcançar; a outra, ao conjunto de **meios** que se adoptam para a realização desses fins. A virtude de um systema educativo está, pois, em ser adequado ao ideal pedagógico correspondente, quere dizer, em formar o tÿpo de homem que esse ideal preconiza.

A criação de um ideal pedagógico é um phenomeno muito complexo pela diversidade de factores que nella intervêm; e mais complexo ainda porque implica juizos de valor insusceptiveis, por natureza, de alcançarem validade universal. Cada sociedade constróe os seus ideaes pedagogicos para satisfazer as suas necessidades e aspirações; e por isso, além do condicionalismo economico-social a que essa construcção tem que sujeitar-se, obedece ás tendencias psychologicas dominantes em que entram, como reagentes, diversos elementos relativos á concepção do mundo, da natureza e finalidade humanas.

A importancia relativa dos diversos factores que intervêm na elaboração dos ideaes pedagogicos depende, sobretudo, da maneira como se interpretam essas necessidades e aspirações, isto é, como se resolve a indeterminação que lhes é inherente. Dahi um campo mais ou menos vasto para a expressão dos moveis subjectivos. Com effeito, todo o ideal pedagógico se elabora na zona obscura da personalidade que comprehende a esphera dos valores ethicos, estheticos e religiosos. E como os ideaes politi-



cos se geram na mesma zona e á custa dos mesmos elementos, os ideaes pedagogicos têm com elles as mais intimas connexões, constituindo, mesmo, um dos seus aspectos mais importantes; dahi resulta que ellas devem manter-se entre os respectivos systemas politicos e pedagogicos, entre a estrutura social e a organização escolar.

As sociedades têm, como os individuos, um forte instincto de conservação; e é isso que mais contribue para que os fins pedagogicos se identifiquem com os fins sociaes e politicos, como já notava Aristoteles, na sua **Politica**.

Dado o seu character subjectivo, a excelsitude de um ideal pedagogico não pode ser, portanto, objecto de demonstração, como o não é a elegancia de uma attitude espiritual, a belleza de uma paisagem, a realidade de uma crença. E, no entanto, é através do ideal pedagogico de um povo que melhor pode apreciar-se o seu nivel intellectual e moral, o seu temperamento e condições de vida, os seus usos e costumes, gostos e tendencias, ansidades e aspirações, as suas idéas sociaes e politicas. Mas, ao mesmo tempo que reflecte todos estes aspectos, reage sobre elles e determina-os nos limites em que o respectivo systema educativo realiza um ideal de reforma social.

Um ideal pedagogico que traduzisse fiel e rigidamente as accidentaes condições humanas de uma sociedade em dado momento historico, abstrahindo das tendencias que nella existem já, sob forma potencial, e constituem a summula das suas mais altas aspirações, seria um formidavel obstaculo á natural evolução dessa sociedade, desde que conseguisse objectivar-se num adequado systema educativo. O peso morto da tradição seria, nesse caso, o lastro que difficultava a subida, o molde que formaria series de gerações mumificadas. Tal é o phenomeno que se observa em Esparta, emquanto vigorou inflexivelmente a constituição de Lycurgo.

Comtudo, por mais coactivos que sejam os meios educativos, elles não conseguem impedir a evolução social assegurando-lhe a invariabilidade, porque o poder da educação é limitado. Nada há de mais contrario á fixidez das formas do que o poder expansivo do espirito; illudem-se os que pensam modelá-lo, porque a sua liberdade essencial é indestructivel. A vida está incessantemente a recriar-se, como as imagens que se formam no seio de aguas correntes; mas, em vez de se subordinar á modelação extêrna, encontra em si mesma as forças criadoras de que se serve. O espirito é, por natureza, inquieto e subversivo: só a materia é inerte e plastica. Quando um systema educativo, em vez de se propor orientar estas forças para melhor as aproveitar, se propõe



aniquilá-las, perde a sua efficiencia pratica e convertc-se num instrumento de corrupção que accelera a decadencia.

Attendendo á diversidade e complexidade dos factores que intervêm na formação de um ideal pedagogico, é evidente que só numa sociedade homogenea se pode conceber a existencia de um unico ideal pedagogico. Sempre que surgem antagonismos economicos e psychologicos, formam-se novos ideaes pedagogicos.

Num regime de classes sociaes, cada uma dellas tem o seu ideal pedagogico, mais ou menos adaptado aos seus fins particulares e que só consegue realizar na medida em que pode exercer influencia politica. Há, porém, uma differença essencial entre o ideal pedagogico da classe dominante e o de qualquer das outras classes: o primeiro visa a perpetuar a sociedade existente, ao passo que os outros se propõem reformá-la em harmonia com as respectivas tendencias. A característica commum a todos elles é pretenderem alcançar e consolidar o predominio da respectiva classe.

A classe dominante, fazendo prevalecer o ideal pedagogico que melhor pode servir os seus interesses particulares, procura modelar todos os individuos segundo o seu espirito de classe para assegurar a invariabilidade da estrutura social e a sua proeminencia politica. E é através do processo educativo que se esforça por imprimir nas outras classes os estigmas da sua propria mentalidade, fazendo-as collaborar nos seus fins particulares, que tomam assim um illusorio aspecto de universalidade.

Nas sociedades em que a classe dominante, pelos privilegios de que dispõe e pelas condições em que exerce o poder, consegue subtrahir-se á pressão das outras classes, constituindo uma oligarchia dirigente, homogenea e hereditaria, o escopo supremo da educação é manter aquellas condições e aquelles privilegios. Os fins educativos são, neste caso, fixos e invariaveis, e os meios coactivos para estabelecerem a continuidade na identidade. Como os horizontes pedagogicos não vão além dos limites impostos pelas condições actuaes, a educação perde toda a virtude rejuvenescedora e converte-se num factor de decadencia.

A ascensão de uma nova classe, como resultado da sua crescente importancia social, ao mesmo tempo que modifica a estrutura da sociedade, promove o triumpho de um novo ideal pedagogico, influenciado pelas novas condições que se estabelecem, cujas directrizes tendem a satisfazer as reivindicções triumphantes e os privilegios conquistados á oligarchia vencida. A conquista do poder politico realiza, por algum tempo, um certo nivelamento das classes oprimidas que lhes permite collaborarem; mas uma vez alcançado esse objectivo, a classe vencedora mais pode-



rosa procura absorver todos os direitos de soberania illudindo os compromissos tomados. Foi assim que, em Athenas, á oligarchia aristocratica dos **eupatridas**, que assentava nos privilegios de nascimento e na posse de bens de raiz, succedeu a oligarchia burguesa, depois que a expansão commercial deu lugar á economia chrematistica. Phenomeno analogo se produziu com o advento da burguesia moderna.

Quando, porém, dentro da classe dirigente começam a accentuar-se desigualdades susceptiveis de dar origem a uma classe intermedia, a oligarchia dominante enfraquece e então ou se torna permeavel á influencia das outras classes, numa lucida tentativa de equilibrio social, como succedeu em Esparta com a formação dos **hypomeiones**, a quem os **homoioi** reconheciam direitos e regalias que lhes amorteciam o espirito de revolta, ou recorre a todos os abusos de poder, a todas as violencias, na illusoria esperança de simular a força que lhe falta e impor pelo medo a ordem que já não tem condições para subsistir.

No primeiro caso, o ideal pedagogico, embora procure servir ainda os interesses da classe dominante, os seus fins particulares, já o não faz exclusivamente. O espirito de classe dilata-se e tenta ascender a uma esphera de universalidade. Todavia, quanto esforço de asas precisa desenvolver para se libertar do criterio particularista que o informa!

A propria impossibilidade em que essa classe se encontra de exercer uma hegemonia absoluta, faz que os fins educativos se alarguem e depurem successivamente através de uma incessante busca de equilibrio e justiça social: As condições prementes em que se encontra nos quadros sociaes, obriga-a a uma politica de compromisso e transigencias a que foge, aliás, sempre que consegue subtrahir-se á pressão que as outras classes exercem sobre ella, impondo-lhes então os seus fins particulares, fazendo prevalecer o seu criterio de classe e, muitas vezes, retirando até as concessões anteriormente feitas e que havia inscripto já no seu programma.

No segundo caso, o systema pedagogico reveste formas autoritarias e tudo sacrifica — desde as materias dos programmas ao espirito do ensino — para assegurar os fins politicos de dominio que visa.

Assim o ideal pedagogico official, num regime de classes sociaes, exprime o pensamento politico da classe dominante, mais ou menos dissimuladamente, procurando manter os privilegios sociaes por meio de um systema adequado de educação — o mais poderoso instrumento politico de que pode dispor. Comprehen-



de-se, pois, que a cada typo de sociedade corresponda um ideal pedagogico adaptado á sua estructura e procurando realizar os seus fins.

Nem mesmo durante o predominio da tendencia religiosa de conteúdo christão, com o seu character pretensamente universalista, se abstrahiui das condições sociaes no dominio pedagogico, embora se cuidasse de preparar uma vida extraterrena. Numa sociedade dividida em classes impermeaveis só é possivel uma religião de castas e uma pedagogia que sirva os interesses da classe dominante.

O advento da burguesia moderna não conseguiu resolver o problema da permeabilidade das classes sociaes porque substituiu as prerogativas da nobreza pelas prerogativas do capital. No entanto, contribuiu bastante para a diffusão da instrucção e deu á estructura social uma maior plasticidade. Quanto á pretensa liberdade de escolha da profissão, deve reconhecer-se que ella é meramente illusoria visto que o condicionalismo economico lhe traça os limites. Por isso os povos progressivos modernos procuram resolver o problema da orientação profissional em harmonia com as tendencias e aptidões individuaes, superando as condições sociaes e economicas das familias. Este criterio, ao mesmo tempo que permite ao homem alcançar a plenitude do seu desenvolvimento em harmonia com a sua propria natureza, torna-o um valor social mais productivo.

Até agora, a historia da educação tem-nos mostrado duas tendencias claramente definidas: a **humanista** e a **profissional**. Enquanto o humanismo visa o enriquecimento da vida espiritual tomando uma attitude de reflexão psychologica, o profissionalismo propõe-se o desenvolvimento economico tomando uma attitude de actuação pratica. Por isso o primeiro se occupa do aspecto cultural e o segundo do aspecto tecnico. Qualquer dessas tendencias unilateraes é, por si mesma, insufficiente e assim se explica que a sua applicação tenha obedecido a um criterio de classe: uma vem compensar os inconvenientes da outra.

O antagonismo que se tem manifestado entre as duas tendencias provém da opposição entre certos preconceitos aristocraticos e os interesses economicos da burguesia. A tendencia humanista é de formação aristocratica, enquanto a profissional é de formação burguesa. Com effeito, só uma classe privilegiada com condições economicas asseguradas podia desinteressar-se da actuação pratica. E' assim que os pensadores gregos justificam a necessidade dos escravos aos quaes eram confiados todos os misteres grosseiros para que os homens livres pudessem dedicar-se á alta cultura do espirito.



A' burguesia interessava já a educação profissional para augmentar o rendimento do trabalho e explorá-lo em melhores condições: dahi o desenvolvimento do ensino technico elementar. Não se tratava de valorizar o operario como homem, mas apenas como instrumento de riqueza economica, pelo que o aspecto technico prevalece e domina.

A tendencia profissional accentua-se mais ainda e attinge as outras classes em virtude do desenvolvimento da sciencia e da complexidade cada vez maior da estrutura economica e social. As proprias necessidades que decorriam das applicações da sciencia á vida economica e social impuseram a criação do ensino technico superior onde a technica se allia a uma cultura especializada. A burguesia continuava imprimindo ao ensino as directrices que melhor convinham á sua expansão economica.

O humanismo, pelo seu character improductivo, foi sempre um ideal pedagogico de applicação restricta. A grande massa era excluida para poder sustentar com o seu trabalho rude aquelles que, considerando-o deprimente e ao abrigo de difficuldades economicas, se refugiavam na alta cultura do espirito. Assim o humanismo correspondia á deshumanização da maior parte dos homens. Por sua vez, o profissionalismo conduziu ao mesmo resultado, pois que a cultura especializada era insufficiente para dar ao homem a comprehensão nitida da sua função social.

Na nossa época não pode admittir-se a existencia de individuos que não tenham uma profissão definida e não estejam aptos para desempenhá-la; mas tambem não se justifica que esses profissionais não estejam integrados no systema geral de idéas actuaes que constituem o patrimonio espirital de todos. A preparação para a vida requere alguma coisa mais que a simples especialização. Esta deve ser um aprofundamento de certas questões, depois de se possuir uma comprehensão geral da natureza e da vida.

O individuo, acima de profissional tem de ser homem, e homem do seu tempo, sobretudo quando desempenha na sociedade funções directivas. Só assim a especialização não destróe no individuo o que há nelle de mais respeitavel — a sua qualidade de Homem.

Deste modo, o aspecto technico e o cultural devem andar intimamente associados na educação, porque são inseparaveis, entendendo-se por aspecto cultural aquelle que representa o systema de idéas vivas e actuaes que todo o homem deve possuir, independentemente da sua especialização. (Consideramos a cultura especializada como fazendo parte do aspecto technico.) A' educação actual compete conciliar estes dois aspectos — cultural



e técnico — que, em vez de oppostos, são complementares, promovendo o justo equilibrio das duas tendencias. Tanto a cultura como a technica devem admittir graus de extensão e de profundidade em harmonia com o desenvolvimento mental daquelles a quem se destinam.

Estabelecida a prioridade do homem sobre o profissional, a formação cultural deve preceder a especialização. A technica, ainda quando tornada consciente por uma profunda cultura' especializada, faz perder ao homem o sentido totalizador da vida, collocando-o num mundo unidimensional. E' esse inconveniente que a cultura evita.

O novo humanismo, que mal se vislumbra ainda para além dos horizontes tenebrosos da hora que passa, deve collocar os valores espirituaes acima dos economicos, e, portanto, a educação futura deve preoccupar-se menos em preparar individuos economicamente productivos do que espiritualmente ricos. Os bens espirituaes têm esta particularidade singular: são inesgotaveis, não se gastam distribuindo-os. A sua apropriação individual, longe de diminuir o patrimonio commum, accrescenta-o. Assim a educação constitue uma função social. Por outro lado, o significado biologico da infancia faz da educação um processo auxiliar do desenvolvimento natural e um direito commum a todas as crianças. Neste systema, o trabalho adquire um novo significado: é uma forma de illumination interior e de expressiva solidariedade, um processo de desenvolvimento das potencialidades criadoras.

Os athenienses realizavam, nas suas festas solennes, as **lampadedromias**, ou corridas de tochas accesas que passavam de mão em mão como symbolo da cultura que passa duma geração a outra para que a leve mais longe e a não deixe extinguir. Tal a imagem que devemos ter presente em materia educativa.

LOBO VILELA



## VELHO ROMANCE

A primeira lembrança que tenho delle ainda é do casarão da praça Luís de Camões. Eu devia ser muito pequeno, porque essa recordação é confusa e esgarça. Por exemplo: a memoria guardou perfeitamente que naquella época o meu tio Alfredo ainda tinha na cabeça um punhado de fios negros e lustrosos, arrumados propositalmente para esconderem o inicio da calvicie. Revejo tambem o grande collarinho e umas botinas amarelas, de abotoar. Pois bem: as feições mesmo delle, só as conheço de alguns annos depois: um rosto liso, risonho e tristonho a um só tempo, coroado por um cranio absolutamente imberbe, apenas aureolado por algumas repas grisalhas. Olhos apertados de myope e um narigão rubro, repleto de estranhos accidentes geographicos.

Possua uma voz serena, quasi sem modulações. E, quando ria, lá em casa, o seu riso ficava entre resignado e sem interesse pela conversa. Fora, não: aquelles ombros altos sacudiam-se com fragor, gostosamente. Mas subito a alegria escondia-se, como se tivesse havido um arrependimento.

Quando fomos morar na pequena villa — depois que papae perdeu a casa de negocio — tio Alfredo começou a apparecer mais. Vinha, deixava numa cadeira o chapéo e a bengala, dava um boa-tarde geral e acanhado, e sentava-se. Mamãe trocava com elle algumas palavras. Papae raramente abria a boca. E, se o fazia, eu parecia sentir, nas duas ou três phrases que deixava escapar, uma especie de raiva e de incommodo. Uma vez mesmo, durante o jantar, commentou aquella assiduidade:

— Você já reparou que o Alfredo volta e meia está aqui? Acho que estuda um meio de se hospedar cá em casa. Você trate logo de dizer que não é possível.

Eu não podia comprehender essa seccura entre dois irmãos. E a minha piedade augmentava porque tio Alfredo era pobre, era triste, era sozinho. Gostava de mim, trazia-me confeitos, contava-me historias. Foi mais de seus labios do que dos de mamãe que soube da existencia do Pequeno Pollegar e da Bella Adormecida. Tambem narrava coisas verdadeiras e interessantes sobre o Polo Norte, os selvagens da Africa e os animaes ferozes. Hoje, porém, creio que elle nunca esteve no Polo, nem na Africa. Quanto a animaes ferozes, não sei.

Recordo-me de uma vez em que me levou para passear. Mamãe calçou-me botas novas, e um grande chapéo, igual ao do Chiquinho do Tico-Tico. E saímos nós dois. Tio Alfredo pôs-me no bonde, desceu-me no Passeio Publico. Eu me encantava com as velhas arvores nodosas sob o céu pallido, a pontezinha que parecia de brinquedo, os caminhos recortados por entre a grama. Elle disse-me:

— Tenho aqui uma coisa para você.

Tirou do bolso um pacotinho de chocolates.

Lembrei-me de que mamãe recommendava sempre: "Deve-se agradecer todo presente que se ganha. Vamos, Tonio, como é que se diz?" Então agradei ao tio Alfredo:

— Obrigado.

Elle sorria.

— Vá, agora deixe ver aqui um chocolate. Eu também quero.

Estendi-lhe o saquinho, na alegre certeza de ter ali um amigo insubstituível.

Fomos ver o aquario. O amigo insubstituível deslumbrou-me: contou coisas a respeito de peixes, narrou aventuras arriscadas com tubarões, mostrou-me as piranhas, descreveu-me a voracidade com que atacam até um boi!

— Um boi, tio Alfredo?

— Um boi. O boi entra na agua, p'ra beber, p'ra tomar banho. E esses bichinhos vêm em cima delle, num bando enorme que se chama cardume. E não demora muito o boi é só esqueleto.

Eu abria os olhos, num espanto.

— Espia aqui. Essa minhoca assim grande é o peixe electrico. Se chama assim porque se a gente botar a mão nelle, elle dá um choque, que nem fio de luz.

E vinham os peixes japoneses, com longos véos nas caudas vermelhas, lentos e orgulhosos como principes. Adeante, o peixe-porco, que de noite me tirou o somno. Outros eram negros, e collavam-se ás pedras do aquario; mais além, uma tartaruga rodava por detrás do vidro. E de cada um tio Alfredo contava uma historia assombrosa.

Ao sairmos, levou-me pela Cinelandia, e então falou no Marechal de Ferro, apontando-me a estatua.

— Conheci elle muito!

E aquillo maravilhou-me! Então tio Alfredo, aquelle que estava ali a meu lado, segurando a minha mão, tão simples, tão sem importancia, conhecera o homem daquella estatua! Ah! Eu precisava contar isso no collegio, a todos! Que inveja ia causar!

— E os indios, tio, aquelles ali da estatua, o senhor também conheceu?

Tio Alfredo teve um sorriso superior, e doutrinou que aquelles indios não existiram — que aquillo era uma allegoria. E entrou numa explicação sobre o que vinha a ser allegoria — que eu não entendi. Mostrou-me o Theatro Municipal, e prometeu:

— Quando você crescer mais, eu te levo ali.

Mas pasmei deante de um cartaz do *Capitolio*. Era um annuncio de Tom Mix, e aos poucos fui arrastando meu tio para o cinema. Reuni toda a minha coragem para quebrar uma lei de mamãe: "Criança não deve pedir, que é feio." E pedi:

— Quer me levar, tio?

— Não, hoje não. Isso acaba tarde e sua mãe vae ficar assustada. Outro dia a gente vem, mais cedo.

E o passeio, que começara tão bom, findou triste, pois fiquei emburrado e monosyllabico. Ao chegar, mamãe perguntou:

— Então? Gostou, Toninho?

E eu, inchado de desapontamento e odio, engrolei, malcriado:

— Não gostei nada.

Mamãe reprehendeu-me, e o proprio tio Alfredo intercedeu por mim. Retirei-me da sala, detestando-os a ambos, e da varanda vi quando tio Alfredo tomou o chapéo para sair. Então mamãe veio junto delle e disse:

— Alfredo, você está precisando de uma coisa. Fale.

— Que bobagem! Até amanhã. Dá lembranças ao Gastão.

— Não me engana, Alfredo. Você está sem dinheiro, não está?

— Acaba com essa tolice, Ernestina, por favor. Ora já se viu...

Mamãe botou uma nota no bolsinho do lenço do paletó d'elle — e elle protestava:

— Ora, ora...

— Não senhor. Depois você me paga.

Tio Alfredo olhou-a, teve um riso triste, e falou num fio de voz:

— Obrigado, Ernestina, obrigado...

Nunca, meu Deus, nunca me senti tão miseravel como naquelle instante! Elle não me levou ao cinema porque... E no entanto... no entanto eu ainda não sabia do que havia de mais tragico naquella esmola. Hoje, só hoje, que elle morreu, é que o sei. Tinha havido um amor na vida de meu pobre tio. E agora elle era assim pobre, assim triste, assim sozinho porque... Sim, naquella época eu não sabia destas coisas, nem as interpretava. Mas será que minha mãe não sentia mais naquelle homem o antigo namorado da adolescencia?

Ao vê-lo receber o dinheiro, tive vontade de correr para elle, pedir-lhe desculpas, abraçá-lo, beijá-lo, conversar nos seus joelhos sobre assumptos amigos e que o encantassem. Mas ouvi a porta que bateu lá em baixo. Mamãe voltava.

Guardei para tio Alfredo o último chocolate do pacotinho.

\*

De noite, quando papae chegou, contei-lhe o passeio. Falei em peixes e Floriano. Pedi-lhe que me desse um aquario. Nem toquei em Tom Mix. Papae tambem discorreu sobre peixes, referiu-se a piscicultura — mas eu julguei sua conversa arida e desinteressante.

— Papae, tio Alfredo é sabio, não é?

— Onde é que você ouviu isso? — perguntou elle rindo.

— Sabio não é um homem que sabe muitas coisas?

— E'. Mas seu tio não é um sabio. O que elle foi é um bom estudante. Se você estudar, há de saber tanto quanto elle.

Quando, quando eu iria saber tanto quanto tio Alfredo? Hoje, que conheço a sua historia, comprehendendo o tom das palavras de meu pae. E sinto meu pae um tanto distante dos meus sentimentos,

\*

Papae disse-me depois que elle estudara Direito. Mas, se as minhas conjecturas ainda não alcançavam o que vinha a ser isto, logo decidi que o Direito era o estudo mais bonito do mundo.

Novamente nós tínhamos melhorado de vida, e fomos morar numa outra casa, em Botafogo. Ganhei um quarto separado, alguns livros, e descobri alguns angulos deliciosos da vida de meu tio. Quando chegava — agora vinha mais raramente — ia até a minha estante, contemplava um pouco os Julio Verne e os Alexandre Dumas. Perguntou-me o que eu pretendia ser, quando crescesse.

— Advogado.

— Advogado? Mas você sabe o que é isto?

— Sei, sim. E' como você. Papae disse que você é advogado.

— Sou, sim; mas não advogo. Sou só bacharel. Empregado num escriptorio. Mas que é que você pensa que seja um advogado?

Sentia-me desapontado ao saber que elle desprezava a profissão, aquelle titulo que eu já amava só por ser d'elle...

— Hein? Ah! E' uma pessoa que defende as outras, no tribunal.

— E você acha que dá p'ra isso?



— Dou, sim.

— Pois bem: se você resolver mesmo estudar Direito, quando entrar para a Faculdade eu lhe dou alguns livros que tenho.

Não era um encanto? Depois declarou:

— Toninho, você está grande, já. E' preciso ver outras coisas, sentir a vida mais de fora dos brinquedos, do collegio. Sempre que eu vier aqui vamos conversar.

Não percebi este discurso. Mas depois, sempre que elle surgia, iamos passear na praia, junto da amurada, enquanto a noite descia sobre o mar. Elle era quem falava mais, e o escutava.

Mostrei-lhe um dia a bahia, chapeada de fragmentos de lua e reflexos de lampadas.

— Não é bonito?

Sabia que o meu amigo amava aquelle ar, aquellas luzes, e se deliciava em contemplar a agua que borbulhava nas pedras.

— Mar você precisa ver é na Italia.

— Na Italia? O senhor já foi á Italia?

Ah, meu Deus! Lá é que tinha morado Monte Christo; lá é que houve os Borgia e aquelles espadachins terriveis dos romances que eu lia. E elle estivera lá! Então ia me contar uma porção de façanhas de esgrimistas, e guerras, e tropelias de bandidos mascarados, e aventuras de piratas genoveses...

Não. Descreveu-me somente um luar da Italia.

— Estive em Napoles. Aquillo é que é terra p'ra ter luar! A bahia lá é tão clara, tão azul de dia, que chega a doer nos olhos. Nas praias há pescadores — *piscatori* — com grandes redes e barcos parados na areia. E longe está a Gruta Azul, onde se pode entrar numa canoa... De noite nasce uma lua tão grande que parece um outro sol, enchendo a terra, a agua, as montanhas, de lascas brilhantes... *Quando sponta la luna a Marechiarè pure li pisce 'nce fann l'ammore... passa l'acqua pe sotto e murmulea...* E no fundo o Vesúvio, o vulcão...

— Vulcão? Você já viu um vulcão?

Sim, tinha visto um vulcão. E pouco a pouco tio Alfredo me descobriu uma outra Italia, completamente differente da que eu sonhava, mais cheia de outro encantamento forte, e repleta de sentimentos bellos. Papae confirmou-me que elle tinha estado lá — e até falava muito bem o italiano. Bem que podia ser professor, assegurou meu pae, quasi como uma accusação.

— Até, quando me casei com sua mãe, elle nos mandou de Napoles uns lindos objectos de coral.

Tio Alfredo abriu um novo mundo á minha recente puberdade. Contou-me festas da Piedigrotta, e, com uma voz estragada pelo fumo, cantou-me canções napolitanas:

*T'aggio visto  
dint'a st'ucchie belle,  
verde comm'o mare,  
'na smania passà...*

Ou então, com a boca quasi tropeçando em soluços que eu não entendia:

*Si sta voce te sceta 'nt'a nuttata,  
mentre l'astrigne 'o sposo tuo vicino,  
statte scetata, si vuo' sta scetata,  
ma fa vedè ca duorme a suonno chino...*

Ao rememorar agora estas palavras, quanto drama angustiado percebo a se extravazar daquela figura meio ridícula de velho, que me tomava o braço com mais força para gemer:

*Si 'sta voce te canta dint'o core  
chello ch'io null te cerco 'e nun te dico:  
tutto 'o turmiento 'e 'nu luntano ammore,  
tutto ll'ammore 'e nu turmiento antico...*

E não está ahí o seu drama, o drama de meu tio, que antigamente eu só escutava enlevado pela musica?

Fiquei sabendo onde eram Marechiare e Sorrento; aprendi estribilhos sonhadores, com vozes claras e lamentos amorosos. Tio Alfredo levou-me á Opera — e que sensação, quando pela primeira vez ouvi a *Bohemia!* Elle estava tão emocionado quando o meninozinho de quatorze annos que junto delle abria uns olhos espantados e incredulos.

A tela abriu-se e mostrou a vida dos poetas pobres; elle me explicou que Marcello era engraçado e brigava com a namorada. (No segundo acto suspeitei muito daquella namorada que já estava com outro numa mesa de café...) E Mimi, quando entrou! Era gorda, e reclamei isto baixinho ao tio Alfredo.

— Chut! Todas as cantoras são mais ou menos assim... Presta attenção... Ouve...

E ouvi. Elle cantarolava tambem em surdina, e acompanhava com a mão os compassos. Tra-li-ra-ra... ra-ra-ra-ri-ra-ra...

— Escuta agora... agora... *Che gelida manina... se la lasci riscaldar...* quer dizer: que mãozinha gelada... permite que a es quente...

Havia uma lágrima no canto do olho delle. E na sua physionomia calva e vermelha pairava um sopro generoso e soffredor...

— Agora... agora, ouve... E' o dó de peito do Rodolpho... Oh! Agora... Percebeu? Maravilhoso esse tenor! Veja que final delicioso... *Parlate vuoi...* Não é lindo? Mimi agora vae dizer quem é... *ma il mio nome... è Lucia...* Ouve...: *a tela o a seta richiamo...*

Deitava para trás a cabeça, semicerrava os olhos, e de seus labios tremulos deixava escapar uma ou outra phrase... *Altro di me non li saprei narrare...*

Confesso que soluçámos ambos quando Mimi morreu, tísica, exangue, mas forte bastante para modular o "sono andati"...

Fora, entrámos num café, e tio Alfredo, vibrando ainda, rememorou trechos... *Addio... senza rancore...* Ah! Sorvia um golezinho da chitarra, gesticulava, procurava ver a impressão que me causara a opera:

— Formidável aquelle quarteto!

Descreveu-me as difficuldades do canto, da orchestra, a significação de "bohemio" — e desancou um Chaunard, que dera uma nota falsa não sei em que passagem importante.

Passei a noite com os olhos no tecto, a luz apagada, e os ouvidos repletos de sons encantados.

\*

Tornámo-nos companheiros assíduos dos espectaculos lyricos. Já tio Alfredo, quando ia a nossa casa, não ficava numa cadeira, lendo o jornal, á espera que lhe dirigissen uma phrase breve e de indifferença attenciosa. Muitas vezes mesmo papae me chamava, dava-me algum dinheiro, e dizia:

— Convide o seu tio para ir ao theatro. Convide. Mas não deixe elle pagar.

Por essa época eu já sabia de sua pobreza. Trabalhava num escriptorio de importações, numa função insignificante — e me enchia de odio isso de não darem importancia a meu tio. Um homem daquelles! Um artista! Sim, agora já não era o sabio. O sabio seduz as crianças com desfiles de coisas inesperadas e descripções espantosas. Mas um artista! Esse apaixonou os moços, que encontram na sua palavra uma verdade grata ao coração, uma emoção grata á idade. Tio Alfredo era um artista!

Nos meus ultimos annos de preparatorios, elle foi o mais bello país que conheci, a mais bella viagem que fiz. Falou-me de Mozart e de Correggio, dos Doges de Veneza e de Edmundo de Amicis — e por isso aquelle homem — só elle — estava destinado a ouvir a minha primeira confidencia de amor.

\*

Contei-a como quem narra um peccado mortal.

Morava numa rua transversal á minha, e se chamava Julieta. Eu a conheci quando vinha do collegio, e até hoje não sei como nos falámos. Lembrou-me de que, ao passar, vendo-a sair tambem, dizia-lhe bom-dia, um bom-dia inexpressivo, que significava só a coincidencia da vizinhança e de sairmos sempre juntos. Aquillo tornou-se um habito, e certa noite, na avenida da Praia, quando eu passeava, encontrei-me com ella. Sou absolutamente incapaz de recordar o que dissemos; mas na noite seguinte Julieta me esperou.

Falava-me de assumptos simples, commentava festas a que ia, narrava casos das amigas, historias em que havia uma certa desenvoltura de namoros e peccadilhos. E depois, aquellas pupillas vivas e indecifráveis, ás vezes longinquoas... Eu imaginava mysterios absolutos naquelles olhos, cujas palpebras se apertavam como que tentando esconder a profundeza com que a dôna via e sonhava... Sonhava... Hoje — ai de mim! — sei que esses olhares não têm mysterio algum, e que a poesia delles pode provir de uma simples myopia...

Mas Julieta era assim, e eu tinha dezeseis annos.

Andavamos de um lado para outro, no passeio do jardim publico. Um dia baixei uma das mãos, ella tambem, e na cadencia da marcha nossos dedos se tocaram. Depois as mãos se juntaram sem temores. E finalmente os meus dedos avidos comprimiram os seus com força, enquanto o coração se descompassava no peito. Fiz a minha primeira poesia de amor, e não tive animo de lha entregar. Mas soube uma noite levá-la para uma rua deserta, e inesperadamente, desesperadamente, abracei-a, apertei-a contra mim, beijei-a, beijei-a, beijei-a... Todo o meu corpo abriu-se-me como flores novas que desabrocham; aquelle instante, aquelle segundo, como foi supremo na minha alma! Senti cantar dentro de mim um estribillo do tio Alfredo: *N'copp'a stu core mio te vularria fa sta, pe t'abbraccià, pe' te vasà...* Atordoado, quando me afastei, mal ouvi a voz que me dizia:

— Passa o lenço na boca.

Voltou commigo até o portão de sua casa, como se nada houvesse acontecido.

Voltei eu tambem para o meu quarto, meio ebrio, meio doido, meio... que sei eu? Parecia-me que todos estavam lendo em mim a aventura; não soube olhar direito para mamãe, que me falou:

— Seu tio esteve ahi. Esperou por você até agorinha.

Eu lá queria saber de tio Alfredo?! Só queria devanear, sonhar, até o dia seguinte, quando me encontraria de novo com Julieta. Mas, na noite seguinte, antes que eu pudesse sair, tio Alfredo chegou.

— Olá, por onde andou ontem, Toninho? Eu tinha trazido uns albuns p'ra você ver... Não viu? Deixei em cima de sua mesinha.

Não, nem tinha reparado. E aquelle homem ali, a querer conversar, a mastigar coisas longinquas... Pela primeira vez reparei como era grotesco o nariz de tio Alfredo.

Julietta deve estar me esperando, na praia... Com certeza já se sente impaciente, talvez tanto quanto eu... Levei meu tio para a varanda, e, enquanto inventava a maneira de lhe explicar tudo, enquanto tentava eliminar meu acanhamento, enquanto estudava como fazê-lo compreender que uma mulher — a Mulher — me esperava, tio Alfredo discorria sobre os afrescos da Capella Sixtina. Era impossivel dizer-lhe tudo; e o relógio da sala andava, andava...

— Vae buscar os albuns, que eu mostro...

Qual albuns! Olhei-o com furia, com tanta furia que o seu olhar me estranhou:

— Que foi que aconteceu, rapaz?

— Nada, não.

E vendo-lhe o rosto bom, desejoso de sentir o que me affligia, cheio de solicitude irritante e pateta, explodi:

— Não me amole, ouviu?

Quando me retirei, batendo os pés, ainda lobriguei no seu rosto um véo de soffrimento. "Sujeito bobo!", pensei. Mas naquelle dia Julieta não me impressionou tanto. Havia, cravada em mim, uma ponta de remorso, que me tornava silencioso e inoperante deante daquelles labios, daquelles olhos, daquelles seios...

Ao regressar, tio Alfredo já tinha ido embora. O arrependimento me suffocava. Mamãe, que vira minha brutalidade, censurou:

— Isto não são modos de tratar seu tio.

Minha mãe, minha doce mãe... "Isto não são modos de tratar seu tio..." Não, não quero nem pensar sobre esta phrase...

Onde morava elle? Sim, eu devia ir lá, contar-lhe tudo, pedir-lhe perdão. Sabia que sua residencia era para os lados de São Francisco Xavier; nunca, porém, o visitara, talvez mesmo porque elle preferisse vir a nossa casa. Já me acostumara tanto á sua presença junto a nós, que nem ao menos me occorrera a idéa de que tio Alfredo não morava conosco. Perguntei a papae o endereço d'elle. Não sabia. Perguntou-me:

— Que diabo quer você na casa do Alfredo?

Mamãe attenuava:

— Ora, deixe, Gastão. Quer visitar o tio. Que tem isso de mau?

Realmente, nada tinha de mau. O facto, entretanto, é que ninguém sabia onde morava o tio. Até que papae bateu na testa:

— E' verdade; pergunte ao jardineiro. Elle é que deve saber. Outro dia levou para elle umas roupas velhas minhas. Agora estou me lembrando: parece que o Alfredo deu o endereço a elle.

Era mesmo. A' tarde rumei para a rua indicada, uma rua de calçamento irregular, quente e poeirenta, com casas roidas pelo tempo. Cincoenta e três, quasi na esquina, em cima da quitanda. E quando bati, atendeu-me uma mulher immensa, com rosto pintado de bexigas, um coque grisalho na cabeça, um vestido de xadrezinho branco e preto, e uns chinelos moles e rotos nos pés sem meias ondê saltavam varizes.

— O Alfredo? Vou ver.

E de baixo da escada berrou o nome de meu tio. Berrou umas três vezes, íntima e energética. Anunciou, depois de um silencio:

— Não veio ainda.

Emquanto falava, olhava-me como a um animal extravagante. Minha roupa, os sapatos, os cabellos — só não encarou bem para os olhos. Para convencê-la de que devia entrar e esperar, disse-lhe:

— Sou sobrinho d'elle.

Olhou-me de novo, embaraçada.

— Ah! Deve estar na hora de elle vir. Se quer, pode ficar lá em cima, no quarto.

Deu-me as costas e começou a subir a escada, agarrando-se com força no corrimão e arfando. Seus quadris enormes dançavam deante de mim, a cada degrau. No alto, abriu uma porta:

— Entre ahí é sente-se, faz favor. Não demora.

Um quarto triste e quasi sem luz. Umhas cortinas de chitão desbotado cobriam os vidros da janela; uma cama de madeira amarela, forrada com um cobertor vermelho, de barras pretas. Uma mala pequena, uma mesa com a moringa e alguns livros, um velho retrato meu encostado á parede. No armario escuro e tosco, o espelho tinha manchas que pareciam borrões de oleo. Na parede, duas gravuras recortadas de revistas: uma vista do Colyseu, uma Gioconda cujo sorriso ali era mais ironico e doloroso. Subiam até mim uns cacarejos de gallinhas no sol.

Sentei-me numa cadeira de vime, meio desgostoso. Olhei os livros: dois volumes de Eça de Queiroz, uma Bíblia, uma brochura de Maupassant, e *Os ultimos dias de Pompéa*, de Lord Lytton. Com o pé empurrei a tampa da mala, que não cedeu. Pairava no ar um cheiro de gordura, que não se distinguia se vinha da cozinha, ou se já pertencia ao quarto. Ouvi o pigarro de meu tio na escada. Pela porta, vi-lhe a calva lisa e vermelha.

— Alfredo, seu sobrinho está ahí — gritou a velha do xadrezinho.

Elle chegou-se á porta:

— Você?

Parecia desapontado com a visita. Quasi zangado mesmo. Circumvagava pelas coisas um olhar tímido e perguntou, cheio de humildade:

— Quem sabe se era melhor a gente andar um pouco lá fora?

Uma dor bruta e grande mordida-me o coração. Eu não tinha jeito de começar...

— Tio, você me desculpe de eu vir aqui...

E me pareceu tremendamente grosseira esta phrase... Prosegui, gaguejando:

— Ontem fui muito estúpido e venho pedir-lhe perdão...

— Ora, qual nada, Tonio! Coisas que acontecem. A's vezes a gente está de mau humor...

Eu devia dizer, devia, porque além da explicação um desejo immenso de confidencias me empurrava para elle. Era uma vontade incoercível de falar em Julieta, dizer como era ella, o que eu tinha feito, o meu primeiro beijo... Só tio Alfredo é que deveria ouvir taes coisas; e por isso fui contando tudo, sem limitar palavras, tumultuosamente, com uma especie de paixão pela narrativa, e quasi sem ver o effeito causado no ouvinte. Elle se levantou, quando terminei, e, deante do espelho, examinou a lingua, as palpebras, espiou o brance dos olhos. Voltou-se depois para mim, deu-me uma palmada no ombro, sorriu, estirou-se ao comprido na cama.

— Você não repara, não é?

Eu esperava a sua opinião. Elle permanecia mudo, olhando o tecto.

Depois gritou:

— Zefa, um café p'ra nós!

E calmo, para mim:

— Então você beijou?



Fiz que sim, orgulhosamente.

— Você está entusiasmado. Você acaba mesmo gostando dessa diabinha. Isso é mau, isso é mau...

Mirou-me, brêjeiro:

— Olha aqui, Tonio. Trata de amar como homem, ouviu? Nada de coisas sentimentaes, nada de paixão. Isto é bonito na opera, só na opera. Versos! Quedé os versos?

Dei-lhe os versos. Leu-os.

— Além de tudo, maus, graças a Deus! Escuta: faça o que qülser com essa Julieta, comtanto que não haja versos nem casamento. Que é que você vae fazer hoje de noite? Vae lá, decerto...

— Vou lá.

— E depois?

— P'ra casa.

— Não. Eu vou te buscar na praia, está bem?

Fiz que sim.

— Isto é o diabo, é o diabo — murmurou elle.

A mulher entrou com uma bandeja e café. Serviu em silencio, estendeu-me uma chicara, outra a meu tio, que se sentou lentamente na cama, para apanhá-la. Ella interrogou com familiaridade:

— Está cansado, meu velho?

E um mundo de suspeitas sordidas invadiu-me a alma.

\*

Então tio Alfredo... Eu já falara nelle a Julieta, elogiara-o. E agora, de braço com ella, tinha impetos de lhe contar aquella miseria. A vida com aquella mulher sem belleza, sem espirito, sem poesia — só com aquelles grandes quadris e as faces bexigasas... Mas um pudor tapava-me a boca, e eu me sentiria insultado em falar nisso. Com certeza, pensava eu, era essa a causa secreta do desprezo de papae... Tio Alfredo vivia com uma mulher, vivia quasi de uma esmola de carne que lhe dava aquella velha gorda e repugnante... E quando haveria eu de suppor...? E, além disso, a narração, a narração acida de tio Alfredo, quando Zefa se retirou, levando as chicaras.

— Olha aqui, rapaz: deixa desse negocio de paixão. Eu tambem já tive a sua idade, tambem já tive namorada. Fiz versos, que talvez até fossem peores que os seus... (Eu nem ouvia bem. Girava-me na cabeça a descoberta horrivel daquella amante de meu tio, daquella vida immunda... Elle, elle, o meu idolo!...) Mas as mulheres não sabem distinguir as poesias ruins das boas. Minha namorada recebeu as que eu mandava, me escreveu bilhetes, me mandou amores-perfeitos seccos. Naquelle tempo era assim: não havia passeios nas ruas escuras. Eu tinha acabado o curso de Direito e estava mesmo quasi noivo della. Era assim que diziam, quando um namoro durava um pouco e adquiria seriedade. Mas meu pae, teu avó, achou que eu devia ir á Europa. Talvez não approvasse muito o casamento... Diziam que eu era "a esperanza da familia"... O unico formado... Meu pae se orgulhava disso. Bobagens de velho. Tambem, naquelle tempo era chique ir á Europa depois de findo um curso. Eu queria ir, mas por causa da pintura e da musica. Fui. Mulher é sempre ruim, sem sentimentos intensos, sem capacidade de soffrimento, sem resistencia na dor. Assim como não distingue bons e maus versos, não descobre razes profundas para os seus affectos. Sai daqui cheio de promessas de amor. Tolices. Lá, as cartas della foram rareando, rareando... e por fim ella me esqueceu. Quando voltei, já não era o mesmo homem, não ti-

nha vontade de vencer. A Italia, que eu vi com sofreguidão, para não pensar em mais nada, gastou-me a saúde e a iniciativa. Quando cheguei, essa mulher que você viu ahí agora, a Zefa, me apanhou como quem apanha um trapo numa sarjeta. Eu me deixei conduzir, porque não tinha mais crenças, e tinha nojo, nojo de reagir. Cuida de mim, porque me acha um sujeito sobrenatural e incompreendido — mas quasi não fala, porque o seu amor é feito duma especie de medo, respeito e piedade. Gastão casara-se, você nasceu, e eu preferi esconder sempre esta minha vida. Acho que lá elles sabem. Mas, de qualquer maneira, você não diga nada, ouviu? Não diga nada, por favor... E escuta, Tonio, escuta... Posso fazer uma pergunta? A sua amizade por mim não diminuiu depois... disso?

Seus olhos estavam umidos e afflictos. Sacudi a cabeça que não, mas tudo me repugnava...

— Você é tão parecido commigo, que tenho medo de lhe acontecer alguma coisa semelhante. E' preciso fugir, Tonio, fugir. Uma menina que nos toma pela mão, nos faz sentir um milhão de sensações desconhecidas e arrebatadoras — pode ser uma innocente, mas toma conta do nosso destino. Depois, ainda que venham outras, até mesmo mais lindas, mais intelligentes, mais amorosas, mais puras, nunca mais a gente escapa da que passou deixando vestigios de seus passos dentro da nossa alma...

Palavrório! Todo aquelle discurso, as lagrimas, as mãos retorcidas angustiadamente, não justificavam a presença torpe de Zefa! Seria inutil a tio Alfredo querer disfarçar, tesser um romance — porque infelizmente eu não acreditaria mais, e sentia que sua figura se derretia no meu coração como um boneco de cera. Pobre tio Alfredo... Pobre de mim, que pensei tão mal...

Mas devia narrar taes coisas a Julieta? Não: afinal elle pedira, era um segredo seu — e embora eu o odiasse pelos conselhos que me dera, não devia atrahir Julieta para o mesmo odio... Andei com ella mudo e distante, e vi tio Alfredo que me esperava na esquina. Pensei em deixá-lo esperar, mas assaltava-me uma vergonha de estar passeando a minha Julieta, tão bella, tão minha, assim deante delle... Delle...

Levei-a para casa, e voltei ao encontro de meu tio.

Não trocou commigo uma palavra. Tomou o meu braço, parámos na esquina, tomámos um bonde, que veio acceso e trepidante. Em silencio, eu sentia o olhar de meu tio, que me apalpava e me interrogava. Pagou a passagem, sem que eu fizesse um movimento. Vinha-me uma vontade ás vezes de contemplar aquelle rosto envelhecido e soffredor, que ali ao lado me espiava como um cão medroso espera o estalo dos dedos do dono para voltar á alegria. Queria falar, nem que fossem assumptos despreocupados e falsos. Mas subitamente me apparecia a imagem daquella Zefa, com os quadris balançando, e eu não sabia se elle merecia lastima ou desprezo. Talvez ambos.

Descemos no Passeio Publico, e a minha imaginação reconstruiu a velha scena da caminhada de infancia. Vi-me de novo junto áquelle homem bom, que me offerencia chocolates. Fechei os olhos um instante — e lá estavam os peixes deslizando no aquario; e por trás da fluorescencia da agua, eu descobria os olhos risonhos de Julieta, e depois o carão sordido de Zefa.

Não nos sentámos sob as arvores. Atravessámos a praça, para os lados da rua da Lapa, dobrámos esquinas estreitas, passámos por calçadas sombrias, povoadas de gente silenciosa, e para onde davam janelas entreabertas. Elle pôs a mão no meu ombro, e eu não tinha coragem de falar. Ouvi vozes que nos chamavam com timidez, quasi com pudor. Ou melhor: com um despudor fingido, quasi casto. Tio Alfredo empurrou uma daquel-



las portas faceis. Não retrocedi. Entrei com elle — e elle sentiu que eu me perturbava e tremia. Só então olhei-o com ar interrogativo e como que pedindo soccorro. Riu com serena confiança. Uma mulher passou-me os dedos no queixo e disse-me uma phrase de que só guardei o som nos ouvidos. Havia uma victrola ganindo nos fundos. De vez em quando estrugiam risos, em lufadas. Um homem, no corredor, pediu-me licença para passar.

Quando saímos, Julieta estava um pouco morta nos meus sentidos.

\*

Já estou em São Paulo há algum tempo, e aqui inicieo o meu curso de Direito. A viagem, a transição, não foram emoções intensas, nem marcaram fundamente a minha alma. Recordo-me de papae, de mamãe, de tio Alfredo, que me abraçaram na estação, quando parti. Mas trazia dentro de mim uma grande ansia de libertação, de novos panoramas e de nova vida. Por isso não soffri. Senti saudades, sim, e solidão; mas parece-me que a distancia dos meus desvencilha-me de pesadelos. Sentimentos de rapaz que quer ser homem. Fumo. E o cigarro me fornece uma forte impressão de independencia.

Faz duas semanas que tio Alfredo morreu. De repente, do coração. Quando recebi a noticia, deitei-me na cama e chorei, soluçei, desesperado. Depois, com os olhos parados no tecto, não me cansei de recordar. Vinha-me sempre á imaginação, com suas botas amarelas, seu casaco lustroso, a calva rubra e brilhante, o nariz com estranhos accidentes geographicos. E então a noticia me parecia impossivel, inacreditavel... Quasi lhe ouvia de novo a voz: *si 'sta voce, che chiagne 'int'a nuttata, te sceta 'o sposo, num avè paura...*

Hoje recebi do Rio uma velha mala. Foi Zefa que remetteu. Nunca mais a vira, e jamais falei a seu respeito com meu tio. Vinha tambem uma carta della, uma carta de letras gordas e syntaxe duvidosa. Dizia-me que me mandava a mala que "o meu bondoso Alfredo" tinha deixado para o sobrinho. Ao ler isto, arrebatou-me novamente aquella impressão de asco, que eu tentava espantar de mim relembando a figura amiga de meu tio.

Depois abri a valisa, que continha alguns livros de Direito, riscados á margem, annotados, amarelados. De um delles rolou no chão uma flor secca e fina, quasi se desmanchando. Dois outros volumes, em italiano, tambem rabiscados, com phrases sublinhadas. Alguns albuns de estampas, alguns libretos de operas. E num canto, cercados de frisos desbotados pelo tempo, uns enveloppes. Tirei delles as cartas. Uma, duas... Todas mandadas para a Italia, e começavam sempre assim: "Meu amor." E eu conheci aquella letra, santo Deus... aquella letra... Por baixo da ultima linha, havia o nome de minha mãe.

GUILHERME FIGUEIREDO



## JUSTIÇA A NINA RODRIGUES

(NOTAS SOBRE O ARTIGO "O PESSOAL GÊGE")

No correio do Brasil veio-me devolvida uma imputação falsa que assaquei ao autor de *Os Africanos no Brasil*. O delicto consta do meu artigo *O pessoal gêge*, publicado na REVISTA DO BRASIL de fevereiro de 1940. Venho espontaneamente confessá-lo, um pouco incerto acerca do valor dessa attitude que a intelligencia do leitor, se pelo escripto tomou algum interesse, tornou, sem duvida, dispensavel. Que "Nina Rodrigues fez trapalhada", como eu disse depois duma leitura mal digerida, no mesmo instante em que a impressão se devia desvanecer deante das passagens transcriptas, por onde o publico terá visto que a doutrina do investigador bahiano (aliás maranhense) é clara e verdadeira! Sem nenhum esforço se realiza que na Bahia o termo *negro mina* é restricto aos africanos de linguas *tshi* e *gá* e no Maranhão abrange os gêges e nagôs, segundo Nina.

A trapalhada foi toda minha e ainda bem. Embora não me honre, estimula-me. Atiro para longe a preguiça e esforço-me por distinguir. Naquelle meu artigo citó Brás do Amaral, que fala de gêges, dahomés, agoins e popós. Quem diz que todos elles seriam, no Brasil pelo menos, *ewe speaking people*, sou eu. Quem identifica a *llngua mina* de Franco de Sá, com o *ewe*, sou ainda eu. Brás do Amaral fala de *lingua gêge*. Encostado ao reinol Peixoto, eu identifico tudo numa *lingua geral*.

*Gá* e *ewe* (ou *gêge*), incluídos no mesmo grupo por Hovelacque como linguas com o *ioruba* ou *anagô*, são para Diedrich Westermann (1) grupos dialectaes do *ewe*. O *gé*, *ancho* ou *popó* fala a Westermann, na primeira dessas denominações, das emigrações dos *gá* e dos fantis para a região da Costa dos Escravos, onde se localiza, entre Lomé e o Popó Grande. E' o grupo intermediario, mais accessivel á comprehensão dos vizinhos occidentaes que falam *anglo* que dos orientaes que falam *fogbe* e *oguyre* (*gunu*, *gu*, *alada*). Nina Rodrigues estava sufficientemente preparado, pelos estudos do Coro-

(1) Traducção inglesa de Oxford, 1930, *A study of the ewe language*, pag. 197, e *Die Westlichem Sudansprachen und ihre Beziehungen zum Bantu*, Berlin, 1937.

nel Ellis, de Hovelacque, para apprehender nas suas linhas geraes o problema linguistico. Encontrou muitas difficuldades foi no campo de pesquisa, entre os seus desmemoriados africanos.

Farei notar que de quaesquer duvidas nossas não têm as confusões do passado culpa. Escriptores, Brás do Amaral absteve-se de tocar em *minas*. Os negreiros, nos tempos do intenso trafico, deviam ser os mais interessados em conhecer a que nações pertenciam os negros, visto que do comportamento especial de cada nação decorria a necessidade de tratá-los de certa maneira e a fama publica que influia na facilidade das vendas e nas cotações. Não havia rigor scientifico, mas os caracteres somaticos e psychologicos dos negros e a nação de origem como representação desses caracteres, para effeitos de avaliação e de identificação, eram assim mesmo considerados. Em documentos que recentemente encontrei, duma especie de que é natural venham a apparecer muitos, mostra-se o que digo. Na *Lembrança das Estradas que se fizerão para a Comp.<sup>a</sup> das Minnas de S. José dos Kareris*, annexa ás *Condicoinz com que se estabelece a nova Companhia para o descobrimento das Minnas Novas de S. José dos Kareriz novos* (Archivo Historico Colonial de Lisboa, Doc. de Pernambuco, 29 de outubro de 1756), encontram-se descrições minuciosas como estas: "1 Negro Ladino de Angolla por nome Andre de estatura mediana, com sua barba, nariz chata, as mãos curtas e groças, avaliado com oytenta mil rs. . . . 3 Negros Ladinos: a saber hum Criolo Mathias bastemente. alto e um gervazio na face esquerda em sem mil rs, e outro Criolo Joaquim com bastantes marcas no rosto e de mediana estatura em noventa mil rs e hum negro barbeyro Angolla baixo e barbado em noventa e sinco mil rs. . . ." Mais curiosos são, para o nosso caso, os documentos policiaes. Na *Relação das pessoas que tem assignado termo para fora da Comarca e outros da Demarcação por ordem do Dezor. e Intendente Geral dos Diamantes João da Rocha Dantas e Mendonça* (mesmo Archivo, maço 48 de Minas Geraes, annos de 1774-75), os negros apparecem designados pelas suas nações: Gregorio, Gonçalo e José, dagomés (dahomés); José e Antonio, nagês; Thomé e João (?-Laló); ladás (aladas); Maria e Domingos, angolas; Sebastião, cabo-verde; Joaquim, cobu (ignoro o que seja); Manuel, cabundá; e Joaquim, malé.

Bastava esta referencia a um malé para tornar precioso o documento. Sobre os malés, consulte o leitor *Os Africanos no Brasil*, pag. 67 e sgs., e o capitulô de *O Negro Brasileiro* de Arthur Ramos sobre os negros mahometanos. Esta referencia preciosa mas isolada não me autoriza a concluir em accrescentamento ou correção do que já está dito.

Na *Relação das pessoas despejadas por determinação da Junta*, de 26 de abril de 1774, ligada á policia da mesma região diamantifera, estão incluídos Sebastião, angola; Agostinho, nagê; Luís, laló, que



me faz persistir na mesma duvida de que seja ladá ou alada, leitura não impossivel. Felizarda, mina — uma só, e não parece que os Minas propriamente ditos sempre foram um pouco raros, explicando-se assim o facto de Nina Rodrigues ter encontrado poucos no seu tempo?; e Quiteria, xambá. Que é xambá? Toda a gente sabe que foi o auxilio supposto ou verdadeiro prestado ao rei inimigo Xambá que deu pretexto á prisão e expulsão para a Bahia, em 1743, dos officiaes da guarnição do forte portuguez de Ajudá, mas ignorava eu e talvez o leitor tambem ignore que nação fosse essa de xambás, os valentes xambás que chegaram a bater o invicto conquistador dahomé. (2) Uma carta do meu amigo Commendador J. Victor Angelo, de Porto Novo, vem ao encontro das minhas duvidas, localizando os Simba ou Samba, povo seminu, nas provincias de Nayinyngu, Burgu e Atacorá, e Nordeste de Abomey, capital do antigo reino dahomeano. Pregunto se não serão remanescentes da invasão dos Jagas.

Dou-me por muito feliz, mesmo com o atraso de um dia de viagem que me importava hoje fazer — este remexer impaciente em papeis e livros de estudo que outras occupações tornaram para mim fruto prohibido — dou-me por tão feliz quanto nas actuaes condições o posso ser, se alguma coisa logrei construir sobre as ruinas duma parte do artigo escripto desprevenidamente em situação identica talvez. Valha-me Deus! Ainda tenho ali mais que demolir e aqui mais que construir. Digo ali que “bozó” é a palavra alada *bosio*. Está bem, mas quando trato de dar o sentido do vocabulo, digo que é o *assento* privado da presença divina, chegando a empregar o termo “carcassa”. O leitor que está sempre em disposição mais intelligente, mesmo não sabendo alada, pela simples juxtaposição das palavras viu logo: *oxio miton* — a vossa carcassa; *oxio bosio* — a carcassa do ou dos idolos, sendo estes idolos tambem carcassas! O leitor decidiu que eu era inaturavel e eu proprio não me posso aturar mais em semelhante ordem de idéas. O que me estava no pensamento era isto: o termo que se emprega para significar divindade em alada é outro distincto do que se emprega para significar idolo. “Volta... para os teus deuses”, *Ruth*, 1, 16: o termo é *ycwhe*. Ahi está o que é bozó: uma imagem de religião sem a presença divina. Quando se separam os dois conceitos, o de religião e o de feitiçaria, passa neste a ser bozó uma imagem feita por religiosos-feiticeiros, impropria das presenças de voduns, (3) collendos e bemfazejos. “Vocabulo rico de substancia para a comprehensão do culto animista”, disse bem.

(2) Edmundo Correia Lopes, *S. João Baptista de Ajudá*, “Cadernos Coloniaes”, n.º 58, Edições Cosmós, Lisboa.

(3) *Vodun* — “*vodun he ma sogan whlen yé*”, um deus que os não pode salvar. *Isaias*, 45; 20.



Para concluir. E' certo, como diz Nina Rodrigues, que "se dava no Brasil a designação popular de Minas a quasi todos os escravos da Africa superequatorial, nelles comprehendendo não só os de lingua guineana: nagôs, achantis e fantis, mas ainda muitos outros povos sudaneses." (*Os Africanos*, pag. 222). Na Bahia não há esse costume, mas no Maranhão chama-se *tambor mina* ao que na Bahia se chama *candomblé*, e canta toda a negrada:

*Oh mina! meu pãe é mina,  
Oh min!  
Oh miná den bôssuê.*

Tambem na minha idade escolar, nas festas escolares havia sempre um estudante português, que, por acaso, não era eu, a dizer-se alaciano. A "mina" é no Maranhão tambem o culto e a feitiçaria.

Não é esta significação lata que interessa. Há tanta razão para chamarmos minas aos "negros de lingua *tshi* que atravessaram o Volta e occuparam uma pequena zona dô territorio dos Gêges" (*Os Africanos*, pag. 166), como aos outros povos de lingua *Ewe*. E' nada mais que uma denominação popular brasileira, mas antiga e a mais restricta. E' nas designações tribaes constantes de documentos que espero o Archivo Historico Colonial irá liberando com certa profusão, que se poderão colher mais alguns factos para a historia das raças africanas no Brasil.

Quanto ao estudo da lingua, seria bom tentá-lo sobre os restos que ainda por ahi há e de que eu fiz uma apaixonada colheita, ao mesmo tempo que da musica, com esse bello proposito. A vida não me tem corrido propicia para isso. Outros mais instantes deveres — se essoutro era algum — me prendem e me levam por differente caminho.

Os centros e as pessoas são os de que fiz menção no artigo *O pessoal gêge*, podendo ainda, a titulo de mera curiosidade, accrescentar outro na cidade de Cachoeira, no Estado da Bahia, filial do Bôguni da capital estadual.

Lisboa, 26 de maio de 1940.

EDMUNDO CORREIA LOPES



## LETRAS ESQUECIDAS

Pode ser bem verdade que esta humanidade esteja se aproximando de uma fronteira; transposta esta, uma outra vida poderá surgir; esta que estamos vivendo, que presenciemos ir escorrendo noite após dia, não é certamente das melhores; e, no entanto, parando um momento de visionar o presente, não conseguimos esperar o futuro com melhor animo. Sempre uma desconfiança nas possibilidades de sermos bons, de melhorarmos; sempre uma tendencia pessimista e má de que tudo irá piorando, de nada valendo transposições. Por isto mesmo é que talvez seja hoje do agrado geral falar dos mortos, resuscitá-los naquillo que elles deixaram de melhor, abrir em nossa geographia um clima e uma latitude especial para elles, de modo a que não estejam correndo o perigo de descêrem até á superficie, envolvem-se nos nossos negocios, e sujarem-se com esta nossa attitude de descrença deante de uma felicidade futura a ponto de inutilizarem tudo aquillo que os tornava admirados e possibilitava-lhes a nossa admiração e confiança.

Pretende-se fazer justiça, revisão de valores. Justificativas. Nada mais do que isto. O que desejamos é fugir de um mundo que não reconhecemos mais cómo o nosso mundo, aquelle onde pensavamos viver e que não sabemos como fugiu de nós. O que pretendemos é uma evasão para uma atmospheria mais densamente povoada que esta em que respiramos. A falta de fé com que olhamos para o futuro faz com que não se acredite no advento de uma renascença. Na falta de deuses hodiernos, restabelecemos os do passado; ás vezes outrora foram demonios, mereceram as fogueiras de alguma inquisição; hoje nós mesmos vamos desenterrá-los das cinzas para attribuir-lhes qualidades de milagreiros. Dominados pelo preconceito, foge de nós toda e qualquer qualidade de selecção do presente; ao em vez de um juizo justo emittimos um conceito galante com a finalidade de não desagradar, o que tambem, por seu turno, não significa coisa alguma em face do objecto tratado.

Falta humoristas á nossa decadencia.

Não há excepções de seres ou de coisas. Pessoaes ou impessoaes. Arte, Política, Profissão.

Uma familia, um grupo, um povo, têm necessidade de uma crença. Quando todos os dogmas eternos desaparecem sob o esforço do



homem de superar a propria criação, surgem outros dogmas, outros deuses se impõem. A mystica da fé vae aos extremos dos paradoxos onde toda negação implica numa affirmação. Onde todo atheismo converte-se num deismo. A humanidade não supporta a anomalia.

Os ideaes evoluem com o conhecimento. Não há o desenvolvimento deste com a paralyção daquelle. Uma nova concepção de conforto exige rectificação immediata no conceito moral e social da vida. A concepção humana de fixidez para as normas da vida é anti-natural; por isto mesmo tem forçado modificações radicaes. Quando cessa a malleabilidade da formula há a quebra.

Os axiomas passam a valer novos conceitos, como tudo que é convenção e está sujeito á interpretação do homem do momento. Nada é estavel, seja concreto ou abstracto. Como a terra occupa o mar ou como o mar invade a terra.

Nada mais difficil e ocioso que escrever a historia presente. Dentro da historia, porém, nada há de novo. Cada capitulo é o anterior renovado, melhor escripto, "actualizado". As lutas de hoje não differem das de ontem senão na "actualização". As razões são as mesmas. De todas ellas saem sempre derrotados e victoriosos que se encarregarão de armar a proxima. O passado bem vale como lição. Pelo menos asseguraria aos homens uma quasi infallibilidade. Mas os homens são seres eminentemente presumpçosos e aventureiros e farão o presente ás cegas. Ás apalpadelas. A' sua imagem e semelhança. Não lerão a historia como um roteiro.

Amanhã será a mesma coisa.

Pobres letras esquecidas que servem para fixar uma conversa que não foi tida. O interlocutor não comprehenderia. O leitor comprehenderá? Tambem não, será quasi certo. E ellas passarão despercebidas, no corpo de toda a outra materia, como um appendice. Para que não seja afeado o volume, ninguem arrancará estas paginas. E as pobres letras esquecidas irão para a gaveta ou para a estante. Um dia, talvez, quando o papel tiver amarellecido, alguém as leia. E será então como se tivessem sido escriptas naquelle momento.

Letras esquecidas e sem data; idéas de todos os instantes!

OMER MONT'ALEGRE



# POEMAS

## O SUICIDIO DA MOÇA

*Ficou para trás a moça pallida  
suicida provinciana em 1940  
sem nome nos jornaes.  
Soube do caso por intimos  
assim em segredo na sala de jantar  
era uma tragedia sem poesia nem theatro  
a família da suicida tinha mais força que Poë  
na sala meia escura com um cardeeiro no centro da mesa  
havia flores murchas.  
Mas de repente no meio da narração  
dos soluços dos cabellos umidos de sua irmã que tinha febre  
a imagem da morte me veio aos olhos na sala  
não era a suicida era uma imagem de outros tempos sorrindo  
mas com o suicidio nos gestos nas mãos nos labios tristes  
de namoros de não sei quantos annos.*

## SENTIMENTO DA VIDA

*O poeta podia ser Byron num catre  
soldado aleijado escrevendo canções  
naquella meia-luz.  
O poeta podia ter voos celebridade  
a doçura das amadas e os tons do crepusculo  
todo um passado.  
Mas o poeta humanissimo  
supportando suas dores certo de um futuro como ponto morto  
supportando suas dores dentro do rythmo immutavel da vida  
o poeta humanissimo subiu sem o perceber no conceito dos amigos  
num minuto foi Gæthe patinando de cabellos soltos  
foi Keats humillimo escrevendo seu nome sobre a agua*



*teve a flamma brilhando dentro da casca secca do seu soffrimento  
o poeta era um simples que condemnava os transviados com amargura  
tendo o perdão mais misericordioso para aquelle que commettesse er-  
[ros maiores.*

### CAMINHAREI ENTRE OS PROPHETAS

*Verei passarem os dias sem a tua presença  
verei murcharem as luas sobre os campos  
mortos os mares verei flores mortas sobre as aguas  
e tuas mãos agonizando como asas mutiladas.  
Teus seios fenecerão como frutos intocados  
teus braços como os galhos mais altos sobre os montes  
porque eu parti como um cego ou um perseguido  
parti aventurosamente.*

*Verei tuas mãos boiando desprendidas do corpo  
num desesperado chamamento nesta noite.  
Verei seios olhos claros ouvirei gestos e supplicas  
sentirei gestos se desprendendo das tuas mãos sem destino.  
Teu corpo será banhado pela obsessão dos meus olhos  
e teus cabellos fugindo do meu olfacto serão para mim o derradeiro  
[adeus.*

*Verei teu corpo ao abandono no meu caminho achado  
não a promessa de ontem mas tuas formas adolescentes  
como eu as via no mar ou através das vidraças.  
Verei homens contentes de serem a multidão  
as mulheres renunciando a antiga revolta  
céos azues debruçados sobre os novos sonhos.  
Verei os sonhos dos martyres renascere[m] com os hymnos  
e como recompensa de perder-te caminharei serenamente entre os  
[prophetas  
sem estranhar a vibração da vida ou sorrir como os cegos que reco-  
[nhecem a aurora.*

AYDANO DO COUTO FERRAZ

## BOA VENTURA FINGINDO DE DESGRAÇA CHEGA-SE AO REI NA FIGURA DE MALINA FEBRE

Agora attendei, ó vós que ledes, como se apresentou a El-Rei o destino venturoso. No mesmo instante entrou elle com disfarce de mal ruim, atreito a rematar na morte que todo veio a succeder por bem, na vida afortunada depois vista.

D. Sebastião abriu a boca desmesurada, a querer falar, sem conseguir mais do que sons rouquinhos. O tremor augmentou, envolveu o corpo inteiro, as pernas tremeram, os queixos batiam. Não conseguiu manter-se a prumo, oscillou, ampararam-no.

Estabeleceu-se a confusão. "E' um ataque."

Beijos de cal, olhos aviborados, dentes a ranger, de se ouvir; cada qual aventava o que á imaginação desvairada acudia.

Chamaram os physicos, que entraram em disputa sobre tremores, apoplexias, febres podres, sem decidir se deviam applicar vomitorio ou sangria.

Mais de uma hora se prolongou a tremura, que pouco a pouco mudou em escaldão de febre. Com o augmento de calor, cresceu o quebramento, até não dar acordo de si. Ajudas e purgas não obraram; ao vomitorio entenderam não o consentir a conjuncção da lua.

Fr. Roque por conhecer o sitio teimava que seriam maleitas. Os physicos preferiam considerá-la febre putrida das veias altas. Toda a noite ardeu, ora offegante, ora gemendo sons que não se entendiam. Pela madrugada voltou o tremor, seguido de quentura maior.

Os physicos agastados, tratando-se de nescios, inventavam melhores injurias que remedios.

Proveio dahi formarem conselho D. Miguel de Noronha, Conde de Vimioso, Vasco da Silveira, D. Duarte de Meneses, D. Christovão de Tavora, Jorge Roiz, com os bispos para deliberar, sem mais quererem saber do que diziam ou entendiam os medicos.



Confiaram de Deus a salvação do rei e entregaram a D. Duarte o commando geral para caso de ataque imprevisto dos mouros, ou de acção que conviesse empregar.

Decidiram que se guardasse segredo da doença, pelo menos se evitasse considerá-la perigosa.

Não impediram os rumores de que D. Sebastião fôra envenenado por traição occulta, coisa que os physicos se abstinham de refutar.

Ao segundo dia manifestou-se amarelo nos olhos, o que levou os medicos a declarar corrupção das veias do figado, procedente de colera, o que motivou depois de longa opposição de pareceres a sangria na veia arca.

A febre não consentia descanso ao enfermo, caído em abatimento assustador. Nem assim o pouparam a vomitorios, purgas, clisteres, que os astros já consentiam.

Sem tomar-se de terror pelo que a morte possivel do monarcha poderia causar, D. Duarte de Meneses mandou transportá-lo para dentro dos muros de Arzilla, destacou para defesa da cidade a gente indispensavel e ordenou que tudo estivesse a postos para levantamento do arraial.

Assim o determinou para corrigir a disciplina quebrada com brigas constantes entre espanhões, tudescos com mistura de venezianos, e portugueses. Mandou espalhar que o exercito mouro se aproximava disposto a accommetter, o que determinava prohibir as saídas até ahí frequentes. Com Jorge Roiz combinou despachar os espias a saber do occorrido no campo inimigo.

Não tardou a noticia da morte de Abd-el-Melek perto de Alcacer, com os successos por ella provocados. Partidarios do Xarife que encobertos o acompanhavam, mal souberam do passamento pronunciaram-se a favor d'elle, logo provocando opposição dos que elevavam Muley Hamede, irmão do morto. Resultou contenda, seguida de refrega com mortes bastas, no termo a fuga precipitada, dispersa aos quatro ventos dos que deram voz pelo Xarife. Eram esses muito menos que os outros. Alguns delles aproximaram-se, chegando á fala com as da sua laia, a quem contaram o succedido, bem calhado ao gosto dos portugueses.

Dos sequazes de Hamede bastantes bateram ferraduras de costas para o chefe, que, pobre de coragem como era, tambem pensou em retirar-se. Sustiveram-no os caides de Ash, Mequinez e Alcacer, que dispunham de forças maiores. E já conhecedores da doença do rei de Portugal, que suppunham envenenado e pres-

tes a succumbir, não queriam perder o ensejo de bater as tropas acampadas proximo de Arzilla para tomar em seguida a praça.

Não faltou a D. Duarte de Meneses aviso seguro do projectado pelo mouro que os homens de Muça instruidos por Jorge Roiz souberam descobrir.

Sem perda de tempo cuidou de precaver-se, saindo com os escolhidos a procurar terreno favoravel onde pudesse accètar batalha. Convinha-lhe não se afastar para longe de Arzilla, que devia conservar de accesso facil para defendê-la e a pessoa do Rei que continuava em luta com a docença inacessivel ás medicinas dos physicos.

D. Christovão de Tavora ficaria perto do enfermo, que mostrava desprendimento muito de temer.

Na marcha de estudo iam D. Vasco da Silveira, Condê de Vimioso, Jorge Roiz e poucos homens com bagagem para pernoitar em caso de precisão.

Depois de andarem seis horas na endireitura de Larache acharam uma elevação de terreno que desde a orla do mar se estendia para o interior. Adeante acautelaram-se de proseguir, receosos de serem vistos nos aduares que descobriam no horizonte. Examinando com vagar o sitio, acharam-no propicio como outro não apparecera.

Jorge Roiz tomou calor a desenvolver o thema que o acaso lhe deparara.

— Aqui teriamos o maior da artilharia com uma ponta em viés além á direita, outra á esquerda. Adeante os arcabuzeiros. A cavallaria moura punha-se á frente para o desafio. Na quebrada estariam os terços de piqueiros. E atrás cavallaria portuguesa para a investidura final. Se o mouro entrar naquella endireitura...

D. Duarte, attento ao plano exposto até final, mostrou-se agradado.

— Boas contas fazeis, Jorge Roiz. E quem vos ouvissê, sem saber que pela primeira vez vindes á guerra, teria o vosso discorrer como de capitão experimentado.

O moço não se calou antes de confiar o êxito do bom uso que se fizesse da artilharia. Com tiros dados a tempo poderiam abater o arranco do mouro que tanta força punha a avançar, como poria a fugir depois de assustado. Bem se sabia que não era gente de porfiar, quando a sorte desse mostras de contraria; ou venciam no calor da arremettida ou abalavam. Com esse feitio as bombardas teriam todo o prestimo se soubessem cair a meio dos cavalleiros. Ponto estava em mandá-las certeiras.



— Não digo o contrario. Só o que não prometto é trazer-vos os mouros aonde convenha para lhe dardes com as bombas em cheio.

— Se conseguissemos trazê-los aqui e obrigassemos a pelear aonde marquei, perderiamos quando nos minguisse o animo. Ora esse nunca Santa Maria nos faltou com elle.

Sem quebrar no enthusiasmo, insistiu em descrever os lances com desafios, fugas simuladas, taes como em imaginação os representava. Tanto falou que D. Duarte acquiescendo adeantou que nada perderiam em tentar. Como se ia por ali a caminho de Larache, mudava-se o campo a experimentar se attrahiam o inimigo que devia estar com pressa de acabar a guerra que supunha facil.

De regresso a Arzilla ordenaram o levante do arraial para a madrugada, enquanto se informavam do movimento de Muley Hamedé que se dispunha vir-lhes ao encontro. Agradados com proposito que tanto lhes convinha, foram colher novas da doença do rei, que souberam ter-se aggravado, decidindo D. Christovão e outros fidalgos que lhe guardavam a cabeceira, mandar vir de Tanger, por conselho de Fr. Roque do Espirito Santo, que bem o conhecia, um medico judeu de origem portugueza, afamado por curas espantosas que ouvira relatar. Moveram-se de escandalo os medicos reputando de sacrilego que homem de tal raça se chegasse á pessoa de El-Rei. Nem a voz de Fr. Roque, por todos acatado, os accommodou em respeito, depois de lembrar-lhes que de quanto haviam feito nenhuma melhora se vira.

Foi preciso o ralho e decisão de D. Christovão de Tavora para remettê-los ao silencio.

— Haveis dado mostra de que não sabeis curar El-Rei, nem entendeis a doença. Em que vos fiaés? Acautelae-vos, que se o deixaes morrer antes de tomar conselho com quem entende, eu vos lançarei ao mar com pedra no pescoço.

Só o temor os obrigou a pedir que viesse o sabio recommen-  
dado por quem parecia conhecer melhor os mouros que os bons christãos.

Quándo D. Duarte e Jorge Roiz entraram nos aposentos reaes, souberam que attento examinara o enfermo e muito perguntara sobre o occorrido desde a primeira hora e conversara depois com os physicos por modo que os deixara sem lingua para se opporem aos juizos apresentados. Declarara serem sezões malignas para as quaes conhecia remedio aprendido com arabes do Levante.

Concorrera muito para acatarem o judeu, saberem que elle herdara livros do grande Zacuto, com fama deixada na côrte de Lisboa nunca excedida por quantos depois vieram.

Expedito preparou a bebida que o monarcha haveria de engulir custasse o que custasse.

Fizeram-lhe saber que primeiro haveria de prová-la e não arderia dahi enquanto a malina durasse. Tambem lhe promette-ram boa paga se conseguisse a cura que afiançava.

A nada o judeu se negou, tanto confiava nos seus remedios, que para seu bom credito e segurança breve mostraram o proveito.

O arraial levantou como fôra ajustado pelos capitães, seguindo para o lugar escolhido com apparatus que bem o desse a conhecer aos espias de Haméde. Ia o exercito accrescentado com cavalleiros amigos do Xarifç, que á morte de Abd-el-Malek haviam chegado do campo onde estiveram dispostos á traição. Baldoaram que seguiam a tomar Larache por terra e por mar, esperançados em que o novo Sultão com as suas tropas decidisse embargá- lhes o caminho.

Não contentes com o desafio por esse modo espalhado, apenas assente o arraial determinaram assaltar os aduares proximos, onde esperavam achar presa de vantagem.

SAMUEL MAIA

(Do livro em preparação *Historia Maravilhosa de D. Sebastião II, Imperador do Atlantico*).



## JOGO DO OSSO

— Pois olhe: eu já vi jogar-se uma mulher num tiro de taba. Foi uma parada que custou vida... mas foi jogada!

Um pouco p'ra fora da Villa, na volta da estrada, mettida na sombra dumas figueiras velhas ficava a vendola do Arranhão; era um bochinche mui arrebitado, e o dono era um sujeito alarifaço, cá p'ra mim, desertor, meio espanhol meio gringo, mas mui jeitoso para qualquer arreglo que cheirasse "a plata"...

Mui destravado da lingua e ao mesmo tempo rezador, sempre se santiguando e olhando por baixo, como porco, tudo p'ra elle era negocio: comprava roubos, trocava cousas, emprestava dinheiro p'ra jogo, com usura, e sempre se atrapalhava para menos, no troco dos pagamentos.

Às vezes, armava umas carreiritas, que se corriam numa cancha dumãs três quadras que elle mesmo tinha arranjado a um lado do potreiro; então conchavava algum gringo tocador de realejo e estava preparado o divertimento. O que elle queria era gente, peonada, andantes, vagabundos, carreteiros, para poder vender canha e comida e doces; e de noite facilitava umas mesas de primeira, de trucq ou de sete-em-porta para tirar o café. Doutras occasiões ajeitava umas dançarolas que alvorotavam o chinaredo da vizinhança.

Por este pano de amostra vancê vê o que seria aquelle gavião.

Duma vez que elle tinha trançado umas carreiras, com duas ou três pencas de patacão, e se havia ajuntado algum povo, tudo gauchada leviana, choveu.

A chuvarada estragou a cancha, molhou as carpetas, atrapalhou tudo.

E a gente foi ganhando na venda, apinhoscou-se por debaixo das figueiras e no galpão.

Quando passou o aguaceiro e oriou o terreiro, deram alguns aficionados para jogar o osso.

Vancê sabe como é que se joga o osso?

"Ansím":

Escolhe-se um chão parelho, nem duro, que faz saltar, nem molle, que a cama, nem areento, que enterra o osso.

E' sobre o firme macio, que convem. A cancha com uma braça de largura, chega; e três de comprimento; no meio bota-se uma raia de piola, amarrada em duas estaquinhas ou mesmo um risco no chão, serve; de cada cabeça da cancha é que o jogador atira, sobre a raia do centro: este atira daqui p'ra lá, o outro atira de lá p'ra cá.

O osso é a taba, que é o osso do garrão da rês vaccum. O jogo é só de "culo" ou "suerte".

Culo é quando a taba cae com o lado arredondado p'ra baixo: quem atira assim perde logo a parada. Suerte é quando o lado chato fica em baixo: ganha logo e sempre.

Quer dizer: quem atira culo perde, se é suerte ganhã e logo arrasta a parada.

Ao lado da raia do meio fica o "coimeiro" que é o sujeito depositario da parada e que a entrega logo ao ganhador. O coimeiro tambem é que tira o barato — para o pulpeiro. Quasi sempre é algum aldragante velho e semvergonha, dizedor de graças.

E' um jogo brabo, pois não é?

Pois há gente que se amarra o dia inteiro nessa cachaça, e parada a parada envida tudo: os bolivianos, os arreios, o cavallo, o poncho, as esporas. O facão nem a pistola, isso, sim, nenhum aficionado joga; os fala-verdade é que têm de garantir a retirada do perdedor sem debocheira dos ganhadores... e, cuidado... muito cuidado com o gaúcho que saiu da cancha do osso de marca quente!...

Pois dessa feita se acolheraram a jogar a taba o Osoro e o Chico Ruivo.

O Osoro era um moreno mui milongueiro, compositor de parlheiros e meio aruá; andava sempre mettido pelos ranchos contando historias ás mulheres e tomando mate de parceria com ellas.

O Chico era domador e morava de aggregado num rincão da estancia das Palmas; e vivia com uma piguancha bem jeitosa, chamada Lalica.

Nesse dia tinha vindo com ella ao festo do Arranhão.

Emquanto os dois jogavam, a moroxa andava lá por dentro, com as outras, saracoteando.

Havia violas; havia tocadores; a farra ia indo quente.

E os dois, jogando. O Chico perdia uma em cima da outra.

— Culo! Outra vez?... Má raios!...

— Suerte, chê! Ganhei! repetia o Osoro.

— Jôgo-te o tostado, aperado, valeu?...

— Topo!

— E culo!... Isto é mau olhado dalgum roncolho mirone!...

E relanceou os olhos pelos vedores, esperando que algum comprasse a camorra; ninguém se picou.

— Jogo o teu ruano contra as duas tambeiras da Lalica!

— E' pouco, Chico!... Ainda se fosse a dona!...

— Osoro, não brinca!... Pois olha; jôgo!

— O ruano?

— O ruano contra a Lalica! Assim como assim, esta china já está nãe enfarando!...

— Pois topo!

Os mirones se entreolharam, boquejando, alguns; elles bem viam que o gaúcho estava sem liga, que já tinha perdido tudo, o dinheiro, o cavallo, as botas, um rebenque com argolão de prata; e agora, o outro, o Osoro, para completar o carxeio, ainda tinha topado a ultima parada, que era a china...

A coisa ia ser tyranna; correu logo voz; em roda dos dois amontoou-se a gente.

O Osoro atirou, e deu suerte...

O Ruivo atirou, e deu suerte...

— Ora, não deu gosto! disse um.

— Outra mão! disse o outro.

E o Ruivo atirou: culo!

O Osoro atirou: suerte!

— Ganhei, parceiro!

— Pois toma conta, "ermão"!

- Tu é que tens de fazer a entrega...  
 — Não tem veremos... Trato é trato!...

Já ia querendo anoitecer.

O que se passou entre aquellas três criaturas, não sei; se juntaram num canto do balcão da venda e falaram. Por certo que o Chico Ruivo disse á china que a jogara numa parada de taba; o Osoro só disse uma vez:

- Eu, se perdesse o ruano, o Chico já ia daqui montado nelle...

A Lalice deu uma risadinha amarela; olhou o Osoro, olhou o Chico Ruivo, cuspiu de nojo e disse p'ra este, na cara:

- Sempre és muito baixo!... guampudo, por gosto!...  
 -- Olha, guincha, que te grudo as chilenas!...  
 -- Iche! Este, agora, é que me ensilha, retalhado!...

Nisto um violeiro pegou a rufar uma dança chorada; umas parelhas pegaram a se menear no compasso da musica e logo o Osoro, para cortar aquelle aperto, travou do pulso da moroxa, passou-lhe o braço na cinta e quasi levando-a no ar entrou na roda dos dançadores; o Ruivo ficou quieto, mas de guela secca e nos olhos com uma luz differente.

Na primeira volta, quando o par passou por elle, a china ia dizendo mui derretida:

- Quando quiseres, meu negro...  
 Na segunda volta, como um despique, ella tornou a boquejar p'r'o Osoro:  
 — Eu vou na tua garupa...

E na outra, a china vinha calada, mas com a cabeça deitada no peito do par, olhando terneira p'ra elle, com uma luz de riso, os beiços encolhidôs, como armando uma promessa de boquinha; e o Osoro se esqueceu do mundo... e collou na boca da tentação um beijo gordo, demorado, cheiq de desaforo...

O Chico Ruivo teve um estremeção e deu um urro, entupido, arrancou do facão e atirou o braço p'ra deante, numa cegueira de raiva, que só enxerga bem o que quer matar...

E vae, como pegou o Osoro pela esquerda, do lado, meio por detrás, por debaixo da paleta, o facão saiu no rumo certo e foi bandear a Lalice meio de lado, sobre a esquerda da frente.

Vancê compr'ende? Do mesmo talho varou os dois corações, espetou-os no mesmo ferro, matou-os da mesma morte, fazendo os dois sangues, num de cada peito, correrem juntos num só derrame... que foi lastrando pelo chão duro, de cupim socado, lastrando... até os dois corpos baterem na parede, sempre abraçados, talvez mais abraçados, e depois tombarem por cima do balcão, onde estava encostado o tocador, que parou um rasgado bonito e ficou olhando fixe para aquella parelha de dançarinos morrentes e farristas ainda!

Levantou-se uma berraçada.

- Matou! Foi o Chico Ruivo!... Amarra! Cerca!...

Mas o Ruivo parece que voltou a si; coriscou o facão aos dois lados e atropelou a porta, ganhou o terreiro e se foi ao palanque onde estava o ruano do Osoro: montou e gritou p'ra os que ficavam:

- Siga o baile!...

E deu de redea, no escuro da noite.

O Arranhão acudiu ao berzabum; aquelle safado, curtido na ciganagem só soube dizer:

- Pois é... jogaram o osso, armaram a sua parranda... mas nenhum pagou nada ao coimeiro!... Que trastes!...

J. SIMÕES LOPES NETO  
 (Dos Contos Gauchescos)

# O CONTO ESTRANGEIRO

## O NOIVADO INFELIZ DE AURELIA

Os factos que se seguem foram narrados numa carta que me escreveu uma jovem da bella cidade de San José.

Devo esclarecer que não conheço, em absoluto, a signataria do referido documento, que se assigna simplesmente Aurelia-Maria — provavelmente um pseudonymo.

A pobre garota tem o coração transtornado pelos infortunios que vem soffrendo. E sente-se tão perturbada pelos conselhos, uns differentes dos outros, de amigos ignorantes e inimigos insidiosos, que não sabe o que faça mais para se ver livre da teia do destino, na qual parece encontrar-se presa para sempre.

Nervosa, recorre a mim, supplicando-me que lhe dirija os meus conselhos, falando-me com uma eloquencia extraordinaria, que tocaria o coração de uma estatua.

Ouçamos a sua triste historia.

\*

Aurelia tinha 16 annos — diz ella — quando encontrou e amou, com todo o ardor de uma alma apaixonada, um rapaz de New Jersey, chamado Williamson Brockinridge Caruthers, quasi 6 annos mais velho que ella.

Com o consentimento de seus paes, ficaram noivos, e durante um largo periodo tudo correu muito bem, como se os noivos estivessem immunizados contra os instantes de desgraça que sempre tocam á humanidade.

Um dia, entretanto, a face da realidade transformou-se. O joven Caruthers caiu de cama com variola, e da especie mais virulenta e terrivel. Quando ficou bom, tinha o rosto desfigurado, a pelle marcada pelas bexigas. Já não era o mesmo, porque a sua belleza desaparecera para sempre.

Aurelia pensou logo em romper o seu compromisso, mas, por uma questão de piedade para com o infeliz, limitou-se a transferir o casamento para depois, como que dando uma opportunidade ao pobre rapaz.

Acontece que na vespera do casamento, Caruthers, quando acompanhava com os olhos um balão que subia aos céus, caiu, distrahido, num poço, e quebrou uma perna. Tiveram de amputá-la acima do Joelho.

Novamente Aurelia teve a intenção de acabar com o noivado e novamente o amor triumphou. O casamento foi transferido e ella deixou que o tempo corresse.

Outra infelicidade aguardava o noivo caipora. Caruthers perdeu um braço quando de uma descarga imprevista de um canhão, na Festa Nacional, e, na convalescença ainda, três mezes depois, teve o outro triturado numa prensa agricola.



O coração da pobre Avurelia foi horrivelmente machucado por essas verdadeiras calamidades. Era enorme a sua aflicção, por ver seu jovem noivo a abandoná-la pedaço por pedaço e imaginar que, com esse systema de progressiva redução, com pouco mais nada restaria do rapaz. E doia-lhe mais ver que nada podia fazer por elle.

Em seu desespero, coitada, como um negociante que teima num negocio e tem prejuizo regularmente, todos os dias, Aurelia sentia um grande e profundo arrependimento por não haver casado logo de inicio com Caruthers, antes que elle soffresse tão alarmante depreciação. Mas, encarando a situação com superioridade, resolveu pôr á prova, ainda uma vez, as lamentáveis disposições do seu noivo.

Marcou-se o dia do casorio e de novo turvou-se o céu com as nuvens da desillusão. E' que Caruthers caiu doente com um accesso de erysipela e foi então que perdeu um dos olhos.

Os paes e os amigos da moça, tendo em vista que a sua generosa obstinação já excedia os limites normaes, novamente intervieram e insistiram para que se considerasse nullo o seu noivado.

Aurelia chegou a hesitar, apesar da sua immensa bondade de sentimentos, porém respondeu a todos que, reflectindo direito sobre o assumpto, verificara que não tinha nenhuma razão de queixa contra o noivo.

Foi transferida a data do casamento, e eis que Caruthers quebra a outra perna.

Para a pobre noiva foi bem triste o dia em que, no hospital, viu os cirurgiões mandarem arrastar para um canto o sacco que continha mais uma parte do corpo do seu amado.

Aurelia sentiu uma emoção cruel, percebendo que mais um pedaço do homem que iria ser seu esposo ia desaparecer. Sentiu, sobretudo, que o campo de suas affeições mais puras diminuia a olhos vistos.

Comtudo, não attendeu aos rogos dos seus, quanto á annullação do seu compromisso, e só fez mesmo transferir o casamento.

Emfim, poucos dias antes da data fixada, aconteceu outra desgraça. Foi o seguinte: durante o anno, os indios de Owen River arrancaram o couro cabelludo de um só homem, e este homem foi Williamson Brockinridge Caruthers, de New Jersey.

Ainda assim, o pobre-diabo fez-se transportar immediatamente para a casa de sua noiva, o coração transbordante de alegria, embora tivesse perdido os cabellos para sempre. Apesar de todo o seu desgosto, ainda deu graças a Deus por haver-se salvo, mesmo por esse preço exorbitante.

A esta altura, Aurelia está indecisa quanto á attitude que deve tomar. Ainda ama o noivo — é o que ella me escreve em sua carta. O noivo ou o pedaço de noivo que lhe resta. Ama-o de todo o coração, porém sua familia se oppõe terminantemente ao casamento.

Caruthers é pobre e não pode mais trabalhar. Por sua vez, Aurelia não tem o necessario para que possam viver os dois juntos, com relativo conforto.

— Que devo fazer? — eis o que ella me pergunta, numa indecisão cruel.

Esta é, com effeito, uma questão delicada. Questão cuja resposta deve decidir sobre o destino de uma mulher e de um pedaço de homem.

Estou certo de que seria assumir uma grande responsabilidade responder indo além de uma simples suggestão.



Quanto custaria a reconstituição de um Caruthers completo? Se Aurelia tem algum recurso, deve comprar para o seu noivo mutilado umas pernas e braços de pau, um olho de vidro e uma cabelleira postiça, para torná-lo apresentavel. Feito isto, seria conveniente que lhe desse um prazo improrogavel de 90 dias, ao fim do qual, se o rapaz não torcer o pescoço, poderá arriscar-se a casar com elle.

Não creio que assim procedendo Aurelia se aventure a grande risco, de qualquer maneira. Se Caruthers ainda uma vez cede á tentação estranha de quebrar alguma coisa sempre que se lhe apresenta a occasião propicia, sua proxima experiencia na certa será fatal, e então a pobre noiva poderá ficar tranquilla, casada ou não. Casada, as pernas de pau e outros objectos, propriedade do defunto, ficarão como herança para a viuva, e assim Aurelia não perderá nada, a não ser, na realidade, o ultimo pedaço vivo dum esposo honesto e infeliz, que durante toda a vida não fez outra coisa senão contentar os seus extraordinarios instinctos de autodestruição.

E' tentar a sorte, portanto. Reflecti bastante sobre o assumpto, e este me parece o melhor partido a tomar no caso.

Decerto, Caruthers teria agido com acerto se houvesse tentado quebrar o pescoço logo da primeira vez, tratando de fazer coisa definitiva. Já que escolheu outro methodo, dispondo-se a prolongar o sacrificio o mais possivel, não se pode criticá-lo por haver feito o que lhe pareceu melhor. Deve-se é procurar tirar o melhor proveito das circumstancias, sem o menor resentimento.

**MARK TWAIN**

(Tradução de VALDEMAR CAVALCANTI)



## LIVROS

A. CARNEIRO LEÃO —  
**FUNDAMENTOS DE SOCIOLOGIA.** — Off. do "Jornal do Comercio". — Rio, 1940.

Reunindo em volume as aulas professadas na antiga Universidade do Districto Federal, o sr. A. Carneiro Leão veio prestar á cultura nacional um serviço de inestimavel alcance: veio trazer aos professores e estudantes de sciencias sociaes o livro que estava faltando em nossa bibliographia didactica — uma breve introduccão á Sociologia e, em particular, á sociologia regional. Em conjunto, as lições do illustre mestre — 28 lições — constituem uma contribuição de singular importancia ao estudo da methodofogia sociologica. Não é demais que elevemos esta obra á categoria dos melhores compendios existentes em nosso idioma — entre os quaes avulta, sem favor, o **Principios de Sociologia**, do professor Fernando de Azevedo.

De inicio, o autor resume, a largos traços, a evolução da Sociologia através do tempo e do espaço — desde as suas origens até o momento em que procura affirmar-se como sciencia autonoma, com objecto especifico e campo proprio —, esboçando ligeiro historico da Sociologia no Brasil. Nesse ponto, aliás, — cumpre accentuar — o autor esquece, entre os contemporaneos, os nomes de Miranda Reis, Hermes Lima e Rodrigues Mereje, a quem se deve significativa collaboração em favor do maior prestigio da Sociologia. Em seguida, o sr. A. Carneiro Leão define, á luz dos actuaes conhecimentos sobre a materia, o âmbito da sociologia regional, sciencia

que não é nova — elle nos diz — e que na Alemanha se chama Anthropogeographia, na França Geographia Humana ou Social e nos Estados-Unidos Ecologia Humana.

A' sociologia rural e á urbana dedica o autor varias aulas de seu curso, apreciando então as suas características e delimitando os seus problemas particulares, sem nunca se perder, contudo, em divagações ou se demorar demasiado em um ou outro aspecto especial da materia, com o que pudesse prejudicar a clareza ou a simplicidade do plano de seu trabalho de mestre. Os capitulos restantes referem themas e pontos de capital interesse para o estudioso de Sociologia, porque nos informam, com absoluta precisão, quanto á natureza de determinadas questões do methodo sociologico.

Em appendice, alguns "relatorios" de alumnos do seu curso: trabalhos sobre a casa colonial no Brasil e sobre as cidades-jardins de São Paulo, além de planos para trabalhos de campo, de indiscutivel utilidade, como indicação de itinerario. Por ultimo, a bibliographia geral — referencias a 260 livros — e o indice onomastico.

O que é de admirar no compendio do sr. Carneiro Leão é a segurança de seu methodo: o autor procura sempre situar os assumptos com a maior nitidez, em projecções as mais rapidas, de modo a fixar no espirito de cada um o essencial de todos os aspectos da moderna technica de investigação sociologica. Não lhe faltam qualidades didacticas: o autor sabe tirar proveito da materia, por mais complexa, sem lançar mão de recursos extraordinarios de exposição. E' muito sua a ma-

neira de transformar uma lição sobre thema difficil ou vasto numa pagina clara e simples, em que todas as arestas de erudição se amaciam ao sabor de um raro bom-gosto didactico. Raro sobretudo entre nós, onde o didactico se confunde, via de regra, com o professoral e, tantas vezes, com o acaciano.

Ao fim de cada aula, o autor offerece, além de iridicações bibliographicas especiaes, uma serie de topicos para estudo e discussão e, ainda, suggestões para pesquisas e relatórios — processo de comprovada efficiencia, que visa a despertar, estimular ou treinar o espirito crítico para o exame dos themas de natureza sociologica.

O autor soube aproveitar a sua experiencia — e a dos outros — no ensino da Sociologia, e tanto assim que não é difficil recolher, em uma ou outra de suas paginas, marcas de passos de pioneiros e desbravadores; traços de idéas ou de methodo daquelles que o antecederam na tarefa. Marcas vivas de Gilberto Freyre, por exemplo: o mesmo que aconteceu com **A Sociedade Rural**, conforme tive ensejo de salientar, em nota publicada nesta mesma REVISTA DO BRASIL. E' verdade que o sr. Carneiro Leão declara, lealmente, em seu prefacio, que, ao substituir o mestre de **Casa-Grande & Senzala** na cathedra de Sociologia da Universidade do Districto Federal, outra coisa não desejou senão desenvolver o plano de trabalho que Gilberto Freyre delinearã.

Não resta duvida de que o sr. Carneiro Leão realizou uma obra de inconfundivel merito, que doravante poderá ser considerada indispensavel ao estudioso de Sociologia no Brasil. Nenhum outro compendio se equipara ao seu, como trabalho didactico e esforço de systematização. — **VALDEMAR CAVALCANTI**.

ROMAIN ROLLAND — **O PENSAMENTO VIVO DE ROUSSEAU** — Trad. de J. Cruz Costa. — **ANDRE' MAUROIS** — **O PENSAMEN-**

**TO VIVO DE VOLTAIRE** — Trad. de Livio Teixeira. — **ANDRE' GIDE** — **O PENSAMENTO VIVO DE MONTAIGNE** — Trad. de José Pérez. — Vols. I, II e III da "Bibliotheca do Pensamento Vivo". — Livraria Martins. — São Paulo, 1940.

Essa bibliotheca, que se publica simultaneamente em mais de uma dezena de idiomas, adopta o processo de apresentar o "pensamento vivo" dos autores tratados através de excerptos de suas proprias obras, dispostos intelligentemente e de modo systematico. Cada volume é precedido de uma introdução sobre a vida e a obra do autor, á qual se segue a distribuição systematica dos themas, através de trechos escolhidos, que procuram fixar os principaes aspectos do seu pensamento.

Esse methodo é commodo e incontestavelmente util. O grande publico de hoje não tem mais tempo para ler as obras completas dessas figuras classicas do pensamento. São obras de muitos volumes, de leitura difficil e exhaustiva. Assim, através dessas pequenas obras de vulgarização, torna-se mais facil a familiaridade com os velhos autores e a apprehensão immediata e lucida dos principaes aspectos dos seus pensamentos.

E' a maior vantagem que vejo nesses volumes da serie "O Pensamento Vivo", cujos coordenadores — André Maurois, Romain Rolland, André Gide — são nomes de projecção mundial, e todos elles capazes da missão delicada que lhes foi confiada. — **ALMIR DE ANDRADE**.

EDGAR DA ROCHA MIRANDA — **VISION AND OTHER POEMS**. — Lamley & C.<sup>o</sup>. — South Kensington, 1940.

O inglês é por excellencia a lingua da poesia. Na sua sonoridade que se diffunde como raios de luz, na interpenetração de suas palavras, na sua



ausencia de syllabas fortes, há um admiravel instrumento para a idéa poetica, para a expressão dos estados poeticos. O povo de mercadores e de **gentlemen** esportivos que vive agora a maior eppéa do nosso tempo é aquelle que dispõe do mais sensível apparelho poetico das linguas vivas, o mais rico em entretons, em coloridos brandos e suaves, o que não exclue, quando necessario, o accento pathetico. Será isso porque a sua lingua foi modulada pela gente menos convencional do mundo? De qualquer maneira, pela gente mais dotada de poesia, mais liberta do contingente, mais em contacto directo com a essencia das coisas. E quanto mais livre mais proxima da verdade poetica, porque o poeta é substancialmente o individuo para quem todas as coisas são novas e só lhe suscitam emoções novas.

Estará ahí o motivo por que a Inglaterra, tão rotineira sob certos aspectos materiaes, é a terra dos originaes, dos excentricos e dos grandes poetas.

Não faltarão censuras ao sr. Edgard da Rocha Miranda por ter composto os seus poemas em inglês, desprezando a lingua materna. O poeta terá as suas razões, absolutamente pessoas, sem duvida, além das que já foram apontadas quanto á excellencia do instrumento que escolheu; e o que importa é que, até onde nos é possível formar um juizo menos arriscado, soube airoamente vencer as difficuldades da sua aventura.

Fiel aos antigos canones poeticos, ao soneto e ao verso rimado, o sr. Edgard da Rocha Miranda mostra-se muito preocupado com a forma, e não procura esconder fortes influencias parnasianas.

Confesso que acho isso sympathico; sympathica essa coragem de ser diferente dos outros...

Não só forma, entretanto, existe nos poemas ingleses do nosso poeta brasileiro: alguns delles, sobretudo os que abordam os velhos, queria dizer, os eternos themas do amor, da fuga do tempo, da morte, são de um poeta authentic.

Se fosse possível, numa nota ligeira, dar o sentido ultimo da poesia do sr. Rocha Miranda, eu diria que é a que resulta do contraste da mocidade no seu apogeu com a decadencia do fim inelutavel... — O. T. de S.

ARACY MUNIZ FREIRE —  
**A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA ESCOLA SECUNDARIA.** — Companhia Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Laicizando a escola e abrindo-a a todas as classes, a democracia, se lhe augmentou a capacidade de **ensinar**, diminuiu-lhe a de **educar**. Milhares de crianças e adolescentes eram entregues a professores que, por força das circunstancias, nada mais podiam fazer do que transmittir o que sabiam, na sua disciplina. A formação do character, a orientação para a vida, a educação, emfim, poderia vir como sub-producto — ou não vir. E como, nas actuaes condições da sociedade, raros são os paes que sabem, podem ou querem educar seus filhos, as jovens gerações, de quem se exigiam conhecimentos exactos de sciencia e de linguas, de historia e de geographia, só não aprendiam a conduzir-se na vida.

Sentindo essa deficiencia gravissima, cuidaram os americanos de preenchê-la criando o que elles chamaram de "guidance", isto é, um orgão que, nas escolas, guiasse de facto os alumnos. Que os estudasse, que lhes conhecesse as peculiaridades, que estivesse a par de seus problemas, e, assim, os pudesse amparar e corrigir, diminuindo desajustamentos e incompreensões. Esse papel, que nos collegios religiosos incumbem ás chamadas mestras de classe, exige qualidades raras de tacto, de paciencia, de devotamento.

Entre nós, a primeira pessoa a cuidar seriamente desse problema foi a autora deste livro, que, tendo-se especializado em **guidance** na America do Norte, pôde ter, na Escola Amaro Cavalcanti, uma admiravel acção como orientadora, pois é este o titulo que deu ás suas funcções.

Neste volume, em que resumiu os seus conhecimentos do assumpto e a sua experiencia de educadora efficiente e abnegada, ella transmite, mesmo aos que só por curiosidade o lêem, um pouco do entusiasmo que a anima e a comprehensão da tarefa admiravel a que se dedica. Livro sem litteratura, livro de technico, conciso e simples, **A orientação educacional na escola secundaria** merece ser lido e meditado por quantos sabem o que é uma alma de adolescente, o bem e o mal que tem em potencial, o valor da educação para os individuos e para a sociedade. — **L. M. P.**

**MAX REINHARDT — A VIDA DE ELEONORA DUSE.**

— Vol. 9 da colleção "O Romance da Vida". — Livraria José Olympio Editora. — Rio, 1940.

A José Lins do Rego foi confiada a traducção da bella biographia de Eleonora Duse, realizada por Max Reinhardt.

Eleonora Duse foi, sem duvida, uma das maiores sensibilidades artisticas que o mundo já conheceu.

Poucas existencias tão accidentadas, tão coloridas de romanesco e tão tragicamente marcadas pelos vestigios da desgraça, tão bafejadas pelo incenso da gloria e tão vergastadas pelos soffrimentos mais duros, pelas mais amargas decepções, quanto a dessa illuminada artista, filha de modestos comediantes, que teve bem ceço de conviver na mais estreita fraternidade com a miseria. Arrastando-se, criança, em companhia dos paes, seguindo-lhes o rythmo irregular da vida nomade, estudando ao acaso das temporadas da trupe em que trabalhava seu pae, perdendo a mãe sem ter tempo de havê-la conhecido bem, viuva de affectos, pisada pelo destino, Duse conheceu todas as amarguras da vida na idade em que as crianças felizes ainda vivem no mundo das bonecas e dos sonhos mais doces. A sua carreira artistica, em que haveria de alcançar victorias como poucos artistas

já têm conseguido, trouxe-lhe, todavia, soffrimentos que abafaram muitas vezes todas as consagrações. Foi injuriada, calumniada, diminuida. E a sua sensibilidade finissima soffreu muito com isto. E o amor, a par dos poucos momentos felizes, de arrebatamento, de felicidade absoluta, havia de trazer-lhe os mais negros dissabores. Duse conheceu, no caso de D'Annunzio — o homem a quem amou exaltadamente, apaixonadamente — todas as humilhações, todas as offensas de que é capaz um coração duro, como foi o do seu poeta. Mas a sua capacidade de renuncia manteve-a fiel até o fim, o seu doloroso fim, á paixão áquelle homem que ella amava como a si mesma, mais do que a si mesma, a quem devotava todo o amor de mulher e de artista.

**ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY — TERRA DOS HOMENS.**

— Vol. da colleção "O Romance da Vida". — Livraria José Olympio Editora. — Rio, 1940.

O apparecimento do nome de Antoine de Saint-Exupéry na literatura franceza, em 1931, constituiu motivo de grande interesse para a critica e o publico em geral. Tratava-se de um aviador profissional que, num romance — **Vol de Nuit** — em que revelava perfeita envergadura de artista, se dispunha a transmittir as impressões de uma vida toda de perigos e desafio permanente á morte. André Gide, que o apresentava, augurava-lhe brilhante carreira. Os exitos posteriores de Saint-Exupéry justificaram todos os vaticinios.

Hoje, o leitor brasileiro trava conhecimento com esse escriptor tão original, através do livro **Terra dos Homens**, em bem feita traducção de Rubem Braga.

Encontramos ahi a tragedia e a poesia da aviação moderna, pois Saint-Exupéry é o precursor de uma nova sensibilidade. São paginas cheias de emoção e lyrisimo, impressões da vida do escriptor que, na sua luta constan-

te com a natureza, pairando sobre a terra, soube ver as coisas do alto, tirando conclusões verdadeiramente inéditas sobre o homem e o mundo. Essa obra, coroada com o Grande Premio de Literatura da Academia Francesa, apparece em português em elegante volume com capa de Santa Rosa.

NELSON WERNECK SODRÉ  
— **HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA** (Seus fundamentos economicos). — Vol. 23 da collecção "Documentos Brasileiros". — Livraria José Olympio Editora. — Rio, 1940.

Ensaista de merito, o sr. Nelson Werneck Sodré é uma figura conhecida em nossas letras, tendo-se firmado em plano de relevo na critica litteraria no Brasil. A sua **Historia da Literatura Brasileira**, que agora apparece, em 2.<sup>a</sup> edição, na collecção "Documentos Brasileiros", da Livraria José Olympio, é um trabalho que attesta em favor de sua capacidade critica e do seu apurado gosto litterario: Compõe-se de 30 capitulos, estudando-se no primeiro o "Panorama da Europa dos fins do seculo XV — Unificação do poder real — Surto de invenções — A imprensa — A reforma — As republicas italianas — Commercio", e no ultimo, "Rumos e tendencias do Brasil contemporaneo — Elaboração social e influencias externas — Caracteristicas que devem preponderar no nosso desenvolvimento — Evolução cultural consequente". Traz dois indices: um bibliographico e outro onomastico.

Além de outros meritos, como a segurança do methodo, a penetração critica, a clareza e simplicidade da exposição, a **Historia da Literatura Brasileira** de Nelson Werneck Sodré tem, a seu favor, a circumstancia de constituir a primeira tentativa de um estudo systematico da extensão e profundidade da influencia do factor economico em nossas letras. O desenvolvimento da lavoura da canna de açu-

car, o trafico negro, o commercio dos holandeses, o esplendor da mineração, as modificações trazidas para a nossa vida economica com a transmigração da familia real — todos estes factos e muitos outros, acham-se bem estudados, havendo o autor fixado, de maneira precisa, a cada um delles, o grau de sua importancia, a projecção do seu influxo no organismo nacional.

JAMES HILTON — **NÃO ESTAMOS SÓS**. — Vol. 27 da Collecção Nobel. — Livraria do Globo. — Porto Alegre, 1940.

Um livro, traduzido em varios idiomas, e um filme, applaudido pela platêa universal, deram a James Hilton uma popularidade extraordinaria: referimo-nos a **Adeus, Mr. Chipps**, filme e livro já apresentados ao publico brasileiro, com surpreendente exito.

O lançamento, em português — e em traducção de Erico Verissimo, o que, por si só, constitue uma garantia apreciavel — de outra não menos famosa obra de James Hilton, **Não estamos sós**, merece as honras de um registro especial em nossos annaes litterarios.

Neste romance apparece, com vida propria, uma outra figura que parece pertencer á familia de Mr. Chipps, desta vez um medico, David Newcome, uma figura jovem de cirurgião, que dedica a sua vida, mediocre e cinzenta, ao aperfeiçoamento de sua technica. Casado, deixa-se um dia arrastar pela paixão que lhe desperta uma cliente, uma dançarina alemã. O amor floresce terrivel na alma candida do "doutorzinho" da provincia, que termina sendo processado, condemnado e enforcado como assassino de sua mulher, Jessica.

**Não estamos sós** é uma historia apaixonante, contada numa linguagem simples e amavel. Não é possivel ler-se esse romance sem uma profunda e crescente emoção — o que é um segredo da arte subtil de James Hilton.

ERNST GLAESER — **O ULTIMO CIVIL**. — Vol. 28 da



Collecção Nobel. — Livraria do Globo. — Porto Alegre, 1940.

Os leitores brasileiros já se familiarizaram com Ernst Glaeser desde a publicação, em português, de sua famosa obra **Classe 1902**, nesta mesma Collecção Nobel.

O romance que agora se entrega ao publico, numa excellente traducção de Maria Jacintha, constitue, sem duvida, um ponto alto da actual literatura de ficção e se destiná a despertar o mais vivo interesse da parte de quantos apreciam procurar nos livros imagens faceis da vida.

Ernst Glaeser pinta, em côres firmes, nesse seu **O ultimo civil**, um quadro profundamente emocionante da Alemanha de nossos dias, fixando angulos originaes e palpitantes de realidade do drama extraordinario da luta antijudaica.

O que mais impressiona nesse livro é o seu calor humano, a sua intensidade, a sua verdade: Glaeser fez do heróe do seu romance um fetichista do clima nacional-socialista, que luta ardorosamente pelos seus ideaes, até o dia em que se apaixona por uma jovem judia. E' este um drama vigoroso, que o romancista alemão aproveita com rara felicidade, em paginas que hão de ser das mais felizes jamais saídas de sua penna.

**JOHN STEINBECK — RATOS E HOMENS.** — Vol. 29 da Collecção Nobel. — Livraria do Globo. — Porto Alegre, 1940.

Entre os novos romancistas norte-americanos, avulta o nome de John Steinbeck, autor de livros vigorosos e, sobretudo, rumorosos, nos quaes a realidade de certos aspectos da vida nos Estados-Unidos se reflecte nitida e cruel.

Um dos seus romances — **As vinhas da ira** — provocou uma onda em torno de sua obra: de um momento para outro, as paginas de Steinbeck passaram a absorver as atenções do

grande publico, discutidas apaixonadamente, lidas em livro, vistas no cinema e ouvidas no theatro. Daquella obra disse um critico, por exemplo, que era um **Os Miseraveis** norte-americano.

Proseguindo no seu programma de vulgarização dos bons livros da literatura mundial contemporanea, incluidos na Collecção Nobel, a Livraria do Globo oferece agora aos leitores brasileiros, em primorosa traducção de Erico Verissimo, o **Ratos e Homens**, obra de extraordinaria condensação de substancia humana e social.

A linguagem de Steinbeck é viva e cortante, porque só se preocupa em nos dar os factos em sua forma elemental e exacta, sem artificios nem revestimentos puramente literarios. A historia que elle nos conta, forte e pungente, foi aproveitada pelo cinema norte-americano: a United Press fez com ella o filme **A Caricia Fatal**.

**SAX ROHMER — O ROMANCE DA FEITIÇARIA.** — Livraria do Globo. — Porto Alegre, 1940.

Numerosos livros de Sax Rohmer, traduzidos no Brasil, têm sido apreciados pelo grosso publico da literatura policial, e o seu famoso Dr. Fu-Manchu é, talvez, um dos typos mais familiares áquelle publico, que acompanha com o maior interesse as peripecias desse mysterioso personagem de romance de aventuras.

O romance da feitiçaria destina-se a ruidoso exito editorial. Traduzido por Leonel Velandro, esse livro é dos que prendem a atenção e apaixonam, porque nelle se encontram historias curiosas sobre bruxas e bruxarias. Nostradamus, Cagliostro, Apollonius, Mme. Blavatsky apparecem por essas paginas, que têm, por isso mesmo, um gosto de romance — de romance de aventuras.

**A. J. CRONIN — NOITES DE VIGILIA.** — Livraria José Olympio Editora, Rio. — 1940.

O que há de extraordinario em A. J. Cronin é o seu poder de criar figuras humanas e de fazê-las transitar, vivas e palpitantes de realidade, pelas paginas de seus romances. **Noites de Vigília** é o ultimo livro desse poderoso escriptor que a Livraria José Olympio, a grande divulgadora de Cronin em lingua portuguesa, acaba de lançar, em excellente traducção de Godofredo Rangel; é mais um feliz attestado dessa inesgotavel, dessa estupenda força criadora que anima tantas vidas, levanta tantos typos, e que deu ao escriptor inglês uma tão grande e rapida celebridade em todo o mundo.

A vida atormentada, de tanta miseria, de tantos obscuros heroismos, que levam as pobras enfermeiras nos hospitaes sem recursos das pequenas cidades; corações que sangram, almas que se dilaceram perseguindo um ideal, que se consomem numa abnegação sem exemplo, que se rehabilitam dos proprios erros com attitudes de um desprendimento extrahumano — tudo isto circula nas paginas admiraveis de **Noites de Vigília**, paginas que se lêem de um folego, porque é impossivel ao leitor, que travou conhecimento com a dedicação de Anne, a frivolidade arrependida de Lucy, a bondade fechada de Prescott, afastar-se um instante dessas extraordinarias figuras, em cujas veias corre um sangue que é o nosso sangue, em cujo peito pulsa um coração que é o nosso coração.

RODRIGO OCTAVIO —  
**MEXICO E PERU.** — Vol. 18  
da collecção "Viagens". —  
Cia. Editora Nacional. — São  
Paulo, 1940.

Foi uma iniciativa realmente feliz a de incluir na collecção de livros de viagens e de imagens do mundo que a Editora Nacional vem organizando, com singular exito, o volume de Rodrigo Octavio — **Mexico e Peru**.

Viajante cujo olhar descansa sobre as longas perspectivas e se demora, igualmente, em minucias, o academico brasileiro soube ver, apreciar e fixar os flagrantés mais vivos de sua viagem pela America.

O que elle nos conta do Mexico e do Peru são coisas interessantes, que attestam, antes de tudo, a capacidade de ver e sentir desse escriptor cujo maior empenho é o de bem informar.

As paginas de Rodrigo Octavio são de uma naturalidade e de um sabor nittido de reportagem, embora aqui e ali repontem os traços mais salientes do escriptor academico que elle é e se preza de ser.

DONA BENTA — **COMER BEM.** — Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Um livro que pode ser considerado indispensavel á dona de casa é este **Comer bem** — um compendio de 1.001 receitas de bons pratos, organizado por uma especialista no assumpto, que se occulta sob o pseudonymo de Dona Benta.

Attendendo plenamente aos seus objectivos, este manual da boa mesa constitue um repositorio completo de suggestões e formulas culinarias de primeira ordem, seleccionadas a capricho e escriptas com a maior simplicidade.

A dona de casa encontrará nessas paginas — nessas 615 paginas massiças — todas as indicações praticas e conselhos uteis referentes, não só á organização de cardapios attrahentes, senão tambem a varios outros aspectos, alguns delles essenciaes, do problema do "comer bem".

CAMILLE DE CENDREY —  
— **O REI DAS NUUVENS.** —  
Vol. 68 da collecção "Terra-  
marear". — Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Constituida de livros cuidadosamente escolhidos para a juventule entre as melhores obras, no genero, existentes na literatura universal, a collecção "Terramarear" é, sem duvida, o mais serio e fecundo esforço no sentido da satisfação das necessidades culturaes das novas gerações. Nunca é demais gabar esse esforço, desde que se ac-



centue, nesse passo, o terem sido entregues aos moços, traduzidos com cuidado, livros de Kipling, Stevenson, Jack London, Mark Twain e outros.

De Camille de Cendrey é este **O Rei das Nuvens** a primeira novella que se inclue na apreciada bibliotheca, e não há duvida de que os seus jovens leitores hão de apreciar-lhe a obra e fixar-lhe o nome entre os seus autores predilectos de historias de aventuras e mysterios.

Não há referencia quanto á autoria da presente traducção. O que é para lamentar.

CONCORDIA MERREL —

**A SETIMA MISS BROWN.** —

Vol. 77 da "Bibliotheca das Moças". — Cia. Editora Nacional. — São Paulo, 1940.

Este é o decimo romance de Concordia Merrel que a Cia. Editora Nacional inclue na sua conhecida collecção de livros destinados ás mãos femininas. O que provã, de algum modo, que a popular escriptora ingleza já tem, no Brasil, o seu publico certo. As suas historias, repassadas de romantismo, agradam sobremodo ás almas sensiveis, que se emocionam em face de um caso de amor descripto em 200 ou 300 paginas.

**A setima Miss Brown** constitue um desses livros que penetram fundo o coração feminino: é um romance a que não faltam os seus traços de drama, e cujo enredo pode despertar as mais delicadas emoções e o encanto mais vivo.

Esse romance foi trazido ao nosso idioma por Tati A. de Mello.



# LETRAS PORTUGUESAS

NUNO SIMÕES — PORTUGUESES NO MUNDO — Lisboa, 1940.

Este volume, que traz como sub-título “Esboço para um estudo e notas para uma campanha” e é, realmente, composto, na maior parte, de artigos escriptos em diferentes datas — occupando estes, em typo miudo, mais de duzentas paginas, enquanto o texto, em typo maior, só vae a cento e cincoenta — revela no autor uma constante preocupação por um problema na verdade importantissimo para Portugal. O da immigração. O da incessante partida, para os quatro cantos do mundo, de homens e mulheres e crianças que vão trabalhar para si — e tambem para a sua e para outras patrias. Que vão levar a terras distantes um pouco da velha cultura e da alma generosa de Portugal. Que se vão adaptar a novos climas, a novos estilos de vida, sem comtudo perderem o seu feitio proprio, nem o amor á aldeia em que nasceram. E’ desses portuguezes, desses humildes portuguezes que vemos misturados entre nós a todos os passos da vida, que se occupa com interesse, quasi com carinho, o sr. Nuno Simões.

Vae para um milhão o numero de portuguezes espalhados pelo mundo, sendo que no Brasil estão aproximadamente dois terços dessa somma.

“Em todos os sentidos em que se olhe para o mundo que não é português, diz o autor, com uma ponta de orgulho, há portuguezes trabalhando. Há-os na Espanha e na França, na Inglaterra, na Belgica e na Alemanha. Há-os em Marrocos, no Congo Belga, no Congo Francês e na União Sul-Africana. Há-os na America do Norte, no Brasil, nas Republicas do Prata e na Guyana Inglesa. Há-os na India britannica, na Persia e na China. Há-os nas ilhas de Sandwich...”

O estranho é que os portuguezes da metropole prefiram fixar-se em país estrangeiro, a ir trabalhar nas colonias d’além-mar. Estranho? Talvez não. Porque nessa ansia de partir não há apenas a necessidade de ganhar o pão; há o amor do risco, da aventura, do desconhecido. Com pouco mais de sete milhões de habitantes, Portugal ainda não conhece a falta de espaço vital, pretexto de tantos crimes, e suas possessões abrigariam perfeitamente o possivel excesso. Mas as colonias são, afinal de contas, a continuação do país, e o português, tão rotineiro nos habitos, na vida quotidiana, tem, no fundo d’alma, o gosto da novidade, do perigo. E se assim não fôra, não teriam possuido metade do mundo. E se assim não fôra, não teriam cumprido o seu destino historico. Não o cumpririam, ainda hoje, espalhando-se pelo mundo, levando consigo as suas tradições, as antigas aquisições da raça.

O emigrado português — ao menos no Brasil — integra-se sem se despersonalizar. O que não significa que não soffra a influencia do meio. Neste livro há um quadro das conclusões do inquerito sobre as colonias de portu-



gueses no estrangeiro pelo qual se vê que a colonia no Brasil, tão rica e numerosa, têm 113 instituições de beneficencia, economicas, culturaes, etc., e possui 152 nos Estados-Unidos, onde é de pouco mais de cem mil membros.

Depois disso, não se diga que os lusitanos são pouco porosos ao ambiente! Receptividade, porém, que os não impede de se manterem fieis a si, ao genio de sua raça.

Assim tambem este livro; algum tanto disperso, tem, comtudo, um fio que o mantém coheso: os esforços incansaveis do autor para que se não esqueça a patria dos longinquos filhos. Segundo elle, bem pouco tem sido feito nesse sentido, bastando dizer que, por não haver Portugal adherido á convenção internacional para a redução das taxas postaes, a franquia do Brasil para Portugal é de 1\$200; e de 400 rs. para a Espanha; sabendo-se que se escrevem annualmente, daqui para lá, 1.200.000 cartas, veja-se quanto gasta, inutilmente, o pobre immigrante.

Com uma alta percentagem de analfabetismo, privados inteiramente da assistencia do país de origem, diz o autor, têm os immigrantes portuguezes que lutar em inferioridade de condições com os de outros países, melhor instruidos e assistidos.

E entretanto, nem se deixam vencer, nem esquecem a indifferente patria. A' colonia portuguesa no Brasil deve Portugal, entre muitas outras boas obras, a edição da **Historia da Colonização Portuguesa no Brasil** e a manutenção da cadeira de Estudos Camonianos na Universidade de Lisboa.

Todos os assumptos que se prendem com as actividades dos portuguezes no estrangeiro e a assistencia de que carecem, são pelo sr. Nuno Simões estudados com minuciosa objectividade, certo de que "esses portuguezes do mundo são uma forte realidade demographica, social e economica que, nem por ignorada ou esquecida, deixa de constituir uma reserva espiritual e material para a nação."

Certo, não cabe á critica estrangeira apoiar ou combater as palavras do sr. Nuno Simões sobre a situação dos portuguezes immigrados e as suas relações com a patria. Isso é assumpto privado, sobre o qual seria desasado opinar.

Aliás, vendo tão pouco no portuguez um estranho, nós, brasileiros, não o sentimos entre nós desprotegido nem isolado. Mas é verdade que elle não immigra só para o Brasil; tambem a outros países, de lingua diversa e diversa formação, vae buscar "o ouro da immigração que irriga o país sob a forma de pensões e mesadas a muitos milhares de familias que, sem ellas, morreriam á mingua; que edifica e sustenta escolas e hospitaes; que movimenta e valoriza a propriedade rustica e urbana e que auxilia e enaltece, por mil formas, a vida local, construindo, arroteando, dando trabalho, criando civilização e conforto..."

Sem literatura, sem declamações, consegue o sr. Nuno Simões suggerir-nos o que é, pelo mundo em fora, a quotidiana e heroica epopéa desses pobreziños, desses desterrados que levam a trabalhar e a economizar a vida toda, obscuros, pacientes, ignorados, sempre a sonhar com o regresso a alguma minuscula aldeia plantada de choupos, onde o caldo é mais succulento, mais doce o sol, mais bellas as raparigas. Uma aldeia de chromo, onde tudo sorri.

E talvez — quem sabe? — os mais felizes sejam os que não voltam e não confrontam com a realidade — sempre mais triste, em qualquer parte do mundo — o seu sonho de exilados.

LUÇIA MIGUEL-PEREIRA

# ARTES PLASTICAS

Uma das formulas de programma que temos ouvido com mais insistencia ultimamente é a que attribue ao pessimismo tudo quanto é manifestação do atraso brasileiro. Da arte brasileira, por exemplo.

Pensamos inteiramente o contrario. Se há no mundo uma gente que acredita na sua "grandeza nacional" com todos os ornamentos do sentimentalismo e da rhetorica, é a do Brasil. Crença fixada num optimismo quasi infantil, onde a lei do menor esforço triumphá como o que há de melhor e mais sabio.

Desse optimismo cheio de condescendencias, impregnado pela mais oca das vaidades, temos um exemplo na attitude commum da opinião brasileira sempre "valorizando o que é nosso" por um principio moral.

Não há nada mais inutil que a preocupação de patriotismo em arte, nem peor maneira de servir á "cultura nacional" do que a condescendencia por dever civico.

Vivemos a tratar o Brasil como o pac ou a mãe que facilmente se enternece de admiração pela sua criança-prodigio. Só não enxergamos o paradoxo dessa vaidade: consagramos a infantilidade brasileira desde que não temos coragem para expor a um julgamento franco aquillo que criamos e produzimos. E' o optimismo da debilidade entre cueiros, do amofinamento por excesso de denguices.

Muito mais verdadeiro e proveitoso seria culpar o exaggero de optimismo pelas nossas insufficiencias. Adoptar como forma de estimulo antes a insatificação do que o contentamento facil.

A pobreza de espirito critico neste país revela a enorme inconsciencia artistica do brasileiro. Pondo de parte a literatura, que nestes ultimos tempos tem tomado uma vida nova, o que vemos é a producção de arte orientada por uma opinião de amadores accessiveis, sempre dispostos a improvisar um elogio. Verdadeira praga de individuos que nunca adquiriram a minima cultura artistica e cujo sentimento cria uma atmosphaera ficticia, onde não se faz qualquer distincção de valores. Essa gente é que patrocina uma especie de "curso forçado" de muita manifestação de arte que vive sendo applaudida por este país.

## **XLVI SALÃO NACIONAL DE BELLAS-ARTES**

Foi bom que o Salão deste anno viesse logo após a visita dos franceses. Temos agora um ponto de referencia bem vivo ainda para evitar toda sophistication. Conhecemos o que há de mais puro e mais sincero na historia da arte moderna. A experiencia é dessas que esmagam as nossas vaidades,

mas nos deixam uma consciencia mais lucida para distinguir as tendencias criadoras do puro esforço de construcção esteril.

O grosso do Salão é obra de academicos. Não sabemos bem o que parece mais penoso naquelle vasto entulhamento: a deficiencia de composiçãõ ou a pobreza de imaginação. E' difficil encontrar alguma coisa que não seja empastada e confusa, que não seja o reino da "platitude".

Não faltaram mesmo os quadros patrioticos, em estilo de apotheosé, inspirados na revolução de outubro. São discursos de praça publica em forma de pintura. Maravilha da imaginação brasileira!

Uma lição tiramos dessa galeria academica: é essa a gente que fala mal do modernismo em arte, da livre imaginação dos modernos, que nos dão a fabulosa poesia de um Cicero Dias ou mesmo os recursos de composiçãõ de um Portinari.

E felizmente ainda é a presença de alguns modernos, em reduzidissima minoria, que salva o Salão. No meio delles, destacando-se logo duas telas de Guignard, umas figuras de moças brasileiras que parecem saídas de algum poema de Manuel Bandeira. E vamos citar outros: além de Portinari, com dois retrátos, Oswald de Andrade Filho, R. Burlé Marx, Fulvio Pennachi, Rocha Miranda, Luís Soares, e mais uma meia duzia de discipulos de Portinari.

**R. NAVARRA**



# CINEMA

## "...E O VENTO LEVOU"

Poucas vezes tem havido, na historia de Hollywood, filme tão celebrado quanto esse **Gone with the wind**, que acabamos de ver aqui com uma apresentação sensacional. E se na verdade não merece elle, por outros motivos, o nome de grande, pode-se dizer muito bem que é o filme maior que já vimos: a sessão dura, ao todo, quatro horas completas. Isso sem uma folga, sem um minuto de interrupção, sem um pouquinho de claridade, sem nem ao menos um momento de paisagem para descansar a vista.

\*

Os Estados-Unidos, colossal matriarchado, vão coherentemente consagrando como obras-primas as produções dos expoentes da mentalidade de clube de mulheres que dá lei ao país. Os seus escriptores de maior successo (salvo as excepções obrigatorias, naturalmente) são escriptoras; vejam-se, por exemplo, os dois mais cotados **best-sellers** do anno de 1939: **Rebecca**, de Daphne du Maurier, e **Gone with the wind**, de Margaret Mitchell. E elles traduzem, exactamente, a linha media do gosto feminino popular: realismo moderado, idealismo, amor (muito amor), e aventura. O heróe de **Rebecca**, como o heróe de **...E o vento levou**, são, sob exteriores ligeiramente disparees, o homem-padrão do typo ideal para senhoras maduras, solteironas ardentes e matronas sentimentaes: rudes, quasi brutaes, furiosamente viris, beijando e espancando ao mesmo tempo; e, escondida sob essa casca aspera, uma alma elevada de **gentleman**, sonhando sempre com um amor puro, e de uma lealdade, de uma sinceridade que nem o cavalleiro Roldão as teria tão grandes.

As mulheres oscillam entre dois typos: ou a ingenua 100%, convenção literaria que as autoras apresentam talvez para não derogar a tradição, e sempre sob um certo angulo ironico (é uma verdade provada que a mulher não crê muito na propria virtude, **et pour cause...**); ou a vampiro desalmada, mas amorosa, capaz de sangrar um christão para fazer um chá para o amado, dando o corpo com maior ou menor desenvoltura, mas conservando sempre, num canto da sua alma, uma especie de "jardim secreto" inviolavel. (Essa invenção de "jardim secreto" já é antiga; parte, se não me engano, de Marcel Prévost, romancista de senhoras, muitissimo apreciado no seu tempo.)

Marcados esses typos principaes, todos os outros são accessorios, como accessorio é o ambiente, e variam de autora para autora, conforme seus dotes literarios e suas preferencias sentimentaes. Margaret Mitchell fez evoluir os seus bonecos durante a guerra da Seccessão. Usou a Georgia como



scenário, uma Georgia devastada pela guerra civil e pelos olhos verdes e diabólicos de Scarlett O'Hara. Fz circular entre os soldados os aristocratas e as damas de saia-balão, um bello bruto de coração ardente, homem sem fé nem lei mas capaz de muito amor, pô-lo em conflicto sentimental com a vampiro, e com isso conseguiu encher oitocentas paginas do livro e ganhar alguns milhões de dollares.

\*

O filme, dirigido mediocrementemente por Victor Fleming, não se afastou dessa linha mestra traçada pela autora, e é apenas uma animação em technicolor do romancço, em todos os seus detalhes essenciaes, estirando-se pelas suas scenas mais marcantes, sem nenhuma independencia, sem nenhuma autonomia. Com a abusiva riqueza de exemplares humanos de que elles dispõem, em Hollywood, chegaram até a ultrapassar em magnificencia physica os personagens imaginados pela romancista. Vivian Leight, que faz a heroína, essa Scarlett O'Hara já celebre no mundo inteiro (é assombrosa a quantidade de mcninas baptizadas com o nome de Scarlett, do anno passado para cá, nos Estados-Unidos), é realmente de uma belleza estranha e singular. Clark Gable, — cujos dotes physicos são notorios há muitos annos, — realiza espectacularmente o typo de Rhett Butler, o galã. Ashley Wilkes, o louro poeta incompativel com a dureza da vida pratica, é feito por Leslie Howard. E a meiga Melanie, a eterna ingenua, figura aureolada da historia, é interpretada por Olivia de Havilland.

Escravatura, Estados do Sul, guerra civil... O thema nos faz pensar em alguma bonita historia de algodão, de negros, de combates, tendo por fundo a bella terra da Georgia, magnifica e devastada. Infelizmente o filme não nos apresenta nada disso. De negros, só apparecem uns pretos domesticos, de casaca e carapinhã postiça, e um **Big-Sam** muito moderno, escapado de algum **ring** de boxe. Ou a gorda Hattie Mac Daniel, declamando e resmungando, disputando o lugar de Mae Robson preta. Paisagem nenhuma; nem um campo de algodão, nenhuma ampla visão de rio e valle, nem um claro pedaço de céu. Só interiores, só dialogos; e quando o **cameraman** se arrisca num ar livre, é por entre algum tremendo pedaço de incendio, ou dentro de crepusculos cõr de sangue, com a silhueta da heroína se recortando em preto sobre o fundo de allegoria. Durante toda a fita só um momento, e muito rapido, viu-se uma bella scena de conjunto: quando centenas de feridos da guerra chegam a Atlanta e se estiram a esmo, como bichos, morrendo e gritando pelo leito da via ferrea. E nada mais há para ver.

RACHEL DE QUEIROZ

# POLITICA INTERNACIONAL

## OS BOMBARDEIOS DE LONDRES

Os alemães desencadearam a guerra aerea contra a Grã-Bretanha, cumprindo a promessa de destruição feita pelo sr. Hitler, no discurso do Reichstag.

Não o fizeram, porém, contra os objectivos militares, os portos, os aerodromos, os depositos de munições, as fabricas. A theoria do terror levou-os a preferir Londres. Contavam que os dez milhões de habitantes da grande cidade, tomados de panico, obrigariam a Inglaterra a render-se.

Cometteram um erro da psychologia. A população londrina, apesar da inclemencia dos ataques diarios e quasi incessantes, resistiu com a fleuma tradicional do povo inglês.

A destruição tem sido enorme, porque a Luftwaffe timbra em atacar casas de apartamentos, hospitaes, museus, escolas, pensando alastrar o incendio e a morte.

O sr. Hitler procede com a mentalidade do almirante Von Tirpitz em 1917, quando conseguiu impor aos dirigentes alemães a guerra submarina irrestricta, em consequencia do que os Estados-Unidos, accetando o desafio, entraram na guerra. Afirmava o velho criador da esquadra germanica que três meses de campanha submarina total dominariam a Grã-Bretanha e assim terminariam os soffrimentos da Europa.

Viu-se mais tarde a immensidade do seu erro. Herr Hitler deixou-se tambem convencer pelo marechal Goering de que os bombardeios em massa das cidades inglesas forçariam a paz. Doloroso engano.

Essa especie de ataque redobrou a energia britannica e acumulou as razões da humanidade contra o Terceiro Reich. Londres mutilada, cheia de chagas e queimaduras, defende-se com um impeto sagrado.

A Royal Air Force cresce em potencia e aggressividade. Os factos demonstram a inefficacia dos bombardeios como elemento decisivo da guerra, desde que não sejam acompanhados da acção das forças motorizadas, como aconteceu na Polonia e na França.

O inglês, sempre mais pratico e intelligente, concentra os ataques da sua arma aerea sobre objectivos militares.

A destruição das concentrações maritimas no Canal da Mancha, nas costas belgas e norueguesas, tem sido immensa.

Toda a longa e custosa preparação dos alemães para um desembarque nas costas britannicas tem sido fustigada implacavelmente pela RAF. A acção dos aviões de bombardeio britannicos na Alemanha limita-se estrictamente aos aerodromos, entroncamentos ferroviarios, depositos de combustiveis, fabricas de gasolina synthetica e de armas.

Seria facil aos pilotos ingleses responder á aleivosa aggressão aos habitantes de Londres, jogando as suas bombas nos grandes centros urbanos alemães. Isso, porém, seria dispersar um esforço que é muito mais util contra os recursos bellicos nazistas.

A destruição de aparelhos e pilotos alemães tem sido formidavel, guardando-se uma proporção de um para três a favor dos ingleses. Isso significa que os recursos aereos da Luftwaffe diminuem, enquanto triplicam as possibilidades de renovação da RAF.

Para os ingleses trabalham as grandes fabricas americaans, canadenses, australianas, que dispõem de materias-primas inesgotaveis. Para os alemães trabalham apenas as usinas germanicas, cujos estoques de materias-primas estão sendo consumidos rapidamente.

A consideração desse facto é que inspira, como recurso de desespero, esses tremendos e inuteis ataques contra Londres. Os alemães, levados pela espectacularidade do acontecimento, alvejam o palacio de Buckingham, a Cathedral de São Paulo, o British Museum, a Abbadia de Westminster.

Os ingleses, mais sabios, precavidos e methodicos, vão arrasando hangares, aerodromos, fabricas, estradas de ferro. Desmantelam assim a machina de guerra do contendor, enquanto esse se occupa no incendio de edificios famosos, compromettendo, pela barbaria da acção, o exito militar dos seus ataques. O futuro dirá qual dos dois methods trabalha realmente pela victoria.

### SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO NOS ESTADOS-UNIDOS

O presidente Roosevelt assignou a lei do Serviço Militar Obrigatorio, que o Congresso votou, após duas semanas de debate.

A importancia dessa lei é de tal ordem, que a collocamos entre os actos mais significativos da actualidade mundial.

O sentimento democratico do povo dos Estados-Unidos oppôs-se sempre á obrigatoriedade do serviço militar em tempo de paz.

Acreditava-se que a lei poderia fornecer um meio de oppressão politica, capaz de pôr em perigo o fundamento liberal das instituições nacionaes.

Houve, pois, que vencer essa repugnancia, convencendo a maioria dos representantes e senadores da necessidade desse sacrificio da theoria, em face dos perigos que ameaçam a nação.

Mais do que a dialectica da imprensa e dos politicos, foram os factos que venceram os obstaculos criados á lei.

A derrota surprehendente da França, o dominio da Europa continental pela Alemanha, os ataques terriveis desferidos contra a Inglaterra e a possibilidade de que os ingleses viessem a capitular, calaram profundamente no animo do povo americano. O espectro da guerra no Hemispherio Occidental, que há apenas alguns meses parecia impossivel, apresentou-se aos olhos das populações concentradas do Leste dos Estados-Unidos.

As grandes cidades sentiram o *frisson* dos hombardeios, que aniquilaram os maiores centros urbanos do Occidente da Europa.

Criou-se o *slogan* da America em perigo e a reacção publica foi instantanea, como acontece sempre naquelle país. Em poucos dias, o sentimento colectivo accitou a idéa do Serviço Militar Obrigatorio, e o presidente Roosevelt, aproveitando o ambiente favoravel, apressou-a, por meio dos seus lideres no Capitolio.



No curso deste mês serão recenseados para effeito do serviço militar cerca de dezeseite milhões de cidadãos dos Estados-Unidos.

Calcula-se que cinco milhões delles irão para as fileiras nos proximos sete annos.

Assim completa-se o programma de armamento com a organização de um poderoso exercito, para collaborar com a esquadra e as forças aereas.

O accordo anglo-americano, pelo qual a Inglaterra cedeu ao governo de Washington nove bases situadas nas suas possessões do Hemispherio Occidental, concluido no mês passado, reforça sobremaneira a defesa do continente.

Entendimentos successivos com o Canadá e a Australia estabeleceram entre os Estados-Unidos e a "Commonwealth" britannica compromissos que valem por uma alliança defensiva.

Forma-se dessa maneira entre os povos de lingua inglesa uma solidariedade mais intima, para responder ao deliberado proposito do totalitarismo de destruir a hegemonia anglo-americana no mundo.

Sob a direcção de Roosevelt, os Estados-Unidos transformam-se na mais formidavel potencia bellica do mundo e preparam-se rapidamente para assumir nos acontecimentos universaes uma posição definitiva.

E' o sentido da Lei do Serviço Militar Obrigatorio e desse rearmamento gigantesco, em que está empenhada a grande republica.

AUSTREGESILO DE ATHAYDE



# NOTAS E COMMENTARIOS

## EM GOZO DE FERIAS...

*Nunca é demais falar no insularismo britannico. Todos os dias as provas se accumulam no sentido de demonstrar que o inglês é em verdade um homem á parte, de um insularismo moral e psychologico que o torna por vezes excentrico, não raro comico e tambem heroico do melhor heroismo — seu fanfarronada, tranquillamente, sob as apparencias do acto mais rotineiro.*

*Há dias, quando o bombardeio aereo da Inglaterra já assumira as suas proporções maximas, e a vida em Londres lembrava aos correspondentes dos jornaes americanos as fantasias mais terriveis de certos romancistas de tom apocalyptic, lia-se no Correio da Manhã, perdido num canto de pagina quasi só de annuncios, o seguinte telegramma de Lisboa: "O embaixador da Inglaterra, sr. Walford Selby, partiu hoje de avião para Londres, em gozo de ferias."*

*Neu mais uma palavra. Na provincia portuguesa não faltavam sitios mais amenos e tranquilllos do que Londres para as ferias de um embaixador. Portugal, ainda immune da guerra, está cheio de deliciosos recantos a tentarem o espirito desportivo e o gosto do camping tão do feitio inglês. Mas o sr. Walford Selby está acostumado a passar os ultimos dias do verão e o primeiro mês do outonno na sua velha Inglaterra, ou, mais precisamente, na Londres agora inplacavelmente martyrizada.*

*Por que, pois, mudar este anno de habito? Por causa do bombardeio? Razão de somenos para o sr. Walford Selby.*

*E para a fumegante Londres voou com as suas valises elegantes, o seu cachimbo e a sua alma impavida o embaixador da Inglaterra na tranquilla e paradisiaca Lisboa...*

*Se a Inglaterra é um conglomerado ou uma somma de Selbys — e tudo indica que os Selbys não são excepcionaes — a tão annunciada victoria germanica não se consummará com a rapidez do relampago.*

## VINGANÇA POSTUMA

*Ninguém em vida foi mais inimigo de oradores e de discursos que Machado de Assis. Para o autor de Quincas Borba o maior defeito de uma pessoa era ser "derramada".*

*As comemorações do centenário do nosso maior escriptor mostraram, pela repercussão em todo o país, a authenticidade de sua gloria. O Brasil inteiro voltou as vistas e o pensamento para o puro homem de letras que lhe enriquecera o nome e o patrimonio literario. Machado de Assis é lembrado a cada instante, e o seu nome, se não está ainda rotulando um prato da cozinha brasileira, se não caracteriza uma forma especial de feijoada, como o de Chateaubriand o bife famoso, serve para tudo, até para aquillo que mais enchia de horror ao artista sobrio: a oratoria, a declamação, a rhetorica.*

*Como se fôra uma vingança da posteridade, acaba de inaugurar-se, numa das mais illustres cidades do Estado de São Paulo, um "Centro Oratorio Machado de Assis".*

*Machado de Assis — patrono de oradores!...*

## OS MARINHEIROS AMERICANOS E O JOGO DO BICHO

*Não são só os brasileiros que gostam do jogo do bicho... infelizmente para os bicheiros. Os marinheiros de um destroyer americano que visitou Santos recentemente, ouviram falar do jogo nacional, gostaram, resolveram arriscar e quasi arruinaram os bicheiros locais, pois ganharam nada menos de 25.000 dollares.*

*O interessante é que, dando noticia do facto, a revista Time acrescenta que os ianques comprehenderam perfeitamente o mecanismo do jogo porque é semelhante ao "jogo dos numeros", muito popular em Harlem.*

*Será que nem o "bicho" é somente nosso?*

## COMO OS AMERICANOS VÊEM OS PORTUGUESES

*Se um artigo apparecido em Life traduz a opinião corrente na America sobre Portugal, Salazar, embora não democrata, é respeitado pelos ianques.*

*"Portugal é um esplendido terreno para a ditadura. Amaveis, serviciaes, os portugueses vivem cheios de planos e sonhos, mas não têm energia. Deixaram escapar quasi todo o vasto imperio que possuíam. O que quèrem é sentar-se e deixar correrem os acontecimentos. Expulsaram outrora os mouros, mas guardaram o feitiço oriental — na architectura, no typo, na conducta para com as mulheres. Contentes com pouco, gostam de comer á noite, sentados em roda, bebendo vinho da terra e ouvindo os tristes e sentimentaes fados.*



*“Mas o contraste entre a vivida paisagem e a degradação humana não será mais lamentado por muito tempo. Salazar fez tanto em 12 annos que hoje, no meio da desgraça européa, Portugal se mantém de cabeça erguida.”*

### EMIGRADOS FRANCESES

*Entre os francezes chegados recentemente á America do Norte estão Jules Romain e Julien Green. Do ultimo constou que viria para o Brasil, tendo mesmo dado algumas providencias nêssc sentido. Por que terá mudado de direcção?*

*Realmente, embora sem querer aproveitar da desgraça alheia, temos agora uma opportunidade unica para conseguir entre nós, em todos os terrenos, elementos de valor que em circumstancias normaes nunca por cá se perderiam.*

*Acontece, porém, que numa época dominada pela propaganda — essa propaganda que a Alemanha erigiu em arma de guerra — talvez fosse necessario, por parte dos nossos agentes no estrangeiro, um attento trabalho de publicidade em torno das possibilidades que o Brasil offerece. Uma immigração de elementos de elite será certamente de incalculavel alcance para um país como o nosso, que sempre viveu copiando e agora se arrisca a ficar sem modclos...*

# PESQUISAS E DOCUMENTOS

## UMA CARTA INEDITA DE BERNARDO DE VASCONCELLOS

*O grande homem que foi Bernardo Pereira de Vasconcellos — grande pela intelligencia solar, grande pela cultura, grande pelos immensos serviços que prestou ao Brasil — era ás vezes na vida quotidiana de uma mesquinharía de estarrecer os que mais o admiram.*

*Veja-se por exemplo o aferro com que trata, na carta escripta a Manuel Ignacio de Mello e Sousa, senador do Imperio, Barão de Pontal, do negocio de um escravo ao mesmo tempo ladino, sadio e insolente.*

*Note-se ainda na carta a Mello e Sousa o eco das dores ter-riveis que atormentavam o estadista maximo da Regencia — o martyrio da tabes-dorsalis que durante mais de vinte annos o fez, entre lutas e canseiras da politica e da administração, ansiar pela morte redemptora.*

Ao Ilmo. e Exmo. Snr. Manoel Ignacio de Mello e Souza.

— Marianna

Amigo e Snr.

Muito estimei a Carta q. acabo de receber, de V. Excia. e mto. estimarei q. continue a transmittir-me suas notas., q. mto. aprecio.

Logo que recebi a sua primeira Carta lhe respondi que approvava a suspensão dos trabalhos no Fundão, e a venda, comtanto q. não fosse feita ao Anacleto. V. Exia. me repete hoje a m.<sup>a</sup> opinião sobre o mmo. objecto, e tendo se consumido a sua primeira Carta, não sei se m.<sup>a</sup> resposta foi clara, ou se é sufficiente a q. dou nesta. Queira comunicar-me q. declaração mais deseja.

Rogo-lhe também as contas dessa nossa Sociedade.

O Albino está ainda em Casa de Custodio Leite, e não me quer apparecer, receioso de Castigo plos. mtos. desafóros q. me fez: em uma palavra tem dinheiro p.<sup>a</sup> sua Liberdade.; e Custodio Leite o protege mto.

Eu entendo que nem com dous moleques elle paga o seu valór, ps. tem mta. habilidade e he sadio. Logo que appareça Custodio Leite lhe communicarei sua resolução, e darei pte. do q. com elle paçar.

Continuo a soffrer de m.<sup>a</sup> antiga molestia e parece-me q. a morte, e só a morte, e bem proxima, lhe porá termo.

Em qualquer parte, em qualquer estado, será p.<sup>a</sup> mim gde. prazer qual-quer ocazião em q. possa mostrar praticamente qto. sou

de V. Exia.

Amigo mto. obr.<sup>o</sup> e Crdo.

Bernardo de Vasconcellos.

Rio, 1.<sup>o</sup> de Sbro. de 1833.

## VARIÉDADES

ZWEIG — Ouvido pela reportagem, ao chegar ao Brasil, Stefan Zweig, que acaba de escrever um romance, *Impaciencia de um coração*, declarou que o clima europeu “não permite o trabalho de pensamento” e por isso procurou o Novo Mundo “para ver e escrever”.

O popular escriptor referiu-se, nessa ocasião, ao dever dos homens de letras — o de fixar, documentariamente, o presente instante da vida universal.

“Estamos em uma época a mais movimentada, a mais tragica desde a queda do Imperio Romano — disse Zweig. — Por isso os que a vivem como eu, intensamente, em contacto com figuras representativas do momento, têm o dever de depor. Assisti a duas guerras, a uma revolução, aos phenomenos mais interessantes da economia, como a inflação, a crise, a fome; vi a emigração de massas immensas, os movimentos crepusculares dos povos. Por isso, meu proximo livro, já começado, uma *Autobiographia*, será também a historia de uma época. A vida do homem de hoje representa três ou quatro vidas. Dahi o meu desejo de fixá-la fielmente, como documento valioso para os que vierem depois de nós.”

O famoso biographo e novellista declarou ainda:

— “Vejo na America Latina, e especialmente no Brasil, a mistura da tradição com o modernismo, criando um ambiente especial. Paradoxalmente, a tradição foi mais bem conservada que no Velho Mundo, onde as crises sacudiram violentamente a humanidade. Isso será precioso para o futuro; é o contrapeso á tendencia niveladora, ao “standard”, que começa a surgir do excésso da machina. Prevejo aqui um grande renascimento da cultura latina, até agora dirigida pela França. Paralysada a França; caberá á America do Sul esse movimento fatal, que virá dentro em pouco.”

POLITICA LITERARIA — Contam que Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida haviam brigado, há tempos, por motivos literarios. Contudo, quando o primeiro se candidatou, recentemente, á Academia Brasileira, o poeta de *Desencanto* escreveu-lhe um cartão simples: — “Oswald: ahi vae o meu voto.” Na eleição para a vaga deixada por Luis Guimarães Filho, o novellista da *Trilogia do Exilio* obteve um voto: o de Guilherme de Almeida. E os dois campeões do modernismo em São Paulo assim se reconciliaram.

A ACADEMIA BRASILEIRA EM 1940 — Com a eleição de Manuel Bandeira, o poeta de *Libertinagem* e escriptor e critico de *Noções de Historia das Literaturas*, a Academia Brasileira de Letras completou o quadro de seus membros effectivos. Um matutino carioca levou a effeito uma interessante verificação estatística: a distribuição — por Estados e por profissões — dos actuaes academicos.

São os seguintes os resultados, quanto á representação dos Estados na Casa de Machado de Assis (pondo de parte o sr. Filinto de Almeida, português): Pará — Oswaldo Orlico; Maranhão — Viriato Corrêa; Ceará — Clovis Bevilacqua e Gustavo Barroso; Rio Grande do Norte — Rodolfo Garcia; Parahyba — Pereira da Silva; Pernambuco — Antonio Austregesilo, Ademar Tavares, Olegario Marlanno, Celso Vieira, Mucio Leão, Barbosa Lima Sobrinho e Manuel Bandeira; Bahia — Afranio Peixoto, Xavier Marques, Octavio Mangabeira, Pedro Calmon e Clementino Fraga; Distrito Federal — Miguel Osorio de Almeida, Alceu Amoroso Lima, Aloysio de Castro, Magalhães de Azeredo, Fernando Magalhães e Roquette Pinto; Estado do Rio — Ataulpho de Paiva, Levi Carneiro e Oliveira Vianna; São Paulo — Alcantara Machado, Cassiano Ricardo, Claudio de Sousa, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Rodrigo Octavio e Macedo Soares; Santa Catharina — Affonso de Taunay; Rio Grande do Sul — Alcides Maya e João Neves da Fontoura; Minas Geraes — Hello Lobo; Mato Grosso — D. Aquino Corrêa.

Como se vê, Pernambuco e São Paulo são os Estados que têm maior numero de academicos: sete cada um.

Algumas unidades federadas não estão representadas na Academia: o Acre, Amazonas, Piauhy, Alagoas, Sergipe, Espirito Santo, Paraná e Goiás. Destas, o Acre, o Amazonas, Espirito Santo e Goiás nunca tiveram representantes no Petit Trianon. Piauhy teve Felix Pacheco; Alagoas, Goulart de Andrade; Sergipe teve Sylvio Romero, João Ribeiro e Laudelino Freire.

Pelas profissões, os academicos se distribuem assim: são professores — Aloysio de Castro, Miguel Osorio de Almeida, Pedro Calmon, Ademar Tavares, Clementino Fraga, Afranio Peixoto, Alcantara Machado, Alceu Amoroso Lima, Antonio Austregesilo, Barbosa Lima Sobrinho, Clovis Bevilacqua, Fernando Magalhães, Viriato Corrêa, Rodrigo Octavio, Roquette Pinto, Levi Carneiro e Xavier Marques; são funcionarios publicos — Gustavo Barroso, Affonso de Taunay, Alcides Maya, Cassiano Ricardo, Oswaldo Orlico, Barbosa Lima Sobrinho, Rodolfo Garcia e Mucio Leão; são diplomatas — Magalhães de Azeredo, Hello Lobo e Ribeiro Couto; são magistrados — Ataulpho de Paiva, Ademar Tavares e Rodrigo Octavio; são jornalistas — Barbosa Lima Sobrinho, Gullherme de Almeida, Amoroso Lima, Cassiano Ricardo, Oswaldo Orlico e Mucio Leão; é arcebispo D. Aquino Corrêa; é tabellião Olegario Marianno.

Os membros fundadores da Academia são hoje quatro: Carlos Magalhães de Azeredo, Clovis Bevilacqua, Filinto de Almeida e Rodrigo Octavio.

AS ACTIVIDADES DE ERICO VERISSIMO — Ouvido por um reporter, em São Paulo, Erico Verissimo fez declarações referentes á sua obra. Alludindo á substancia politica de seu ultimo e rumoroso romance, o conhecido escriptor gaúcho disse que a carta que Vasco escreve a Fernanda, no fim de *Saga*, é uma introduccão a um programma social.

— Qual de seus livros prefere? — perguntaram-lhe.

— “Acho que *Saga* é melhor realizado e construido. Tenho, porém, minhas preferencias para *Caminhos cruzados*. E’ uma technica diferente e que me agradou.”

Erico Verissimo disse que não tinha preferencias por uma ou outra de suas personagens: um pae não deve dizer que gosta mais de um filho que de outro.

• Adeantou que está escrevendo novo romance:

— “Chama-se *Caravana*. E’ o cyclo do Rio Grande do Sul. Vae de 1740 até 1940. Trata-se das missões. Estudo o desenvolvimento de uma familia.”



**PORTUGAL ESPORTIVO** — Em Lisboa, segundo telegrammas recentes, estão movendo uma campanha severa contra o nudismo — seja, o seminudismo — nas praias. E' uma noticia, essa, que repercutiu no Brasil, particularmente no Rio, com um accento algo estranho e humoristico, já que nos vamos habituando ao regime do quasi-nada nas praias. O banho de sol em Lisboa está custando caro e a policia não pretende fazer liquidação. Consta, ainda, que antes do fim do anno, deverá ser promulgado um "codigo" para os banhistas, contendo medidas de severidade ainda maior do que as que estão sendo agora postas em pratica. Entre as restricções que provavelmente constarão desse "codigo", haverá uma prohibindo aos banhistas, dos dois sexos, deitar-se sobre a areia das praias.

**ERA DE CIRCO** — Aconteceu em Rochester (Estado de New-Jersey): a sra. Estelle G. VandeMark, de 24 annos de idade, conseguiu a annullação legal do seu casamento quando provou que seu marido, Robert, de 26 annos, mascava laminas de barbear, comia vidro e cosia botões na pelle. O juiz William Love, da Córte Suprema, deu sentença favoravel á queixosa, depois de ter sido apurado devidamente que o marido se habituara a fazer taes "proezas" porque antes de ser vendedor de automoveis trabalhou como artista excentrico, num circo.

Em sua queixa, d. Estelle accentuou que não podia viver sossegada, porque se sentia nervosa ao apreciar, todo santo dia, o marido "fazer das suas". Realmente, não era para menos...

**ABUSO DE AUTORIDADE** — Telegramma de Brainerd, Minnesota: "Pela primeira vez na historia da Justiça local, um juiz condemnou-se a si proprio, no Tribunal que dirige, e, baseado na letra da lei, multou-se em dois dollares, por estacionamento de automovel em local não permittido. As pessoas que se encontravam na sala do Tribunal ouviram o seguinte dialogo, que na realidade é um monologo:

— "Considero-me culpado, senhor juiz", disse o "cidadão" Richard Ebert. — "Imponho ao réo a multa de dois dollares e recomendo-lhe que não repita a infracção", sentenciou o "juiz" Richard Ebert."

**DOCUMENTO LITERARIO** — Ao candidatar-se, recentemente, á Academia Brasileira de Letras, Oswald de Andrade, rompendo com a praxe da casa — a da visita aos academicos para entrega directa das obras e solicitação pessoal do voto —, dirigiu aos membros do Syllogeu a seguinte carta, que constitue uma nota inedita em nossos annaes literarios:

"Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1940 — Sr. academico — Será v. s. uma das raras intelligencias desse gremio, que comprehendem a actual situação do mundo e portanto a da propria Academia? Ou será v. s. um dos membros da quinta columna que, camuflados no fardão, sabotam, ahi dentro, as magras conquistas do espirito brasileiro?"

Passará pela cabeça de v. s., alertada pelos bombardeios contemporaneos, que o fim dos quarenta immortaes que rias ultimas decadas adormeceram o espirito francês "sons la coupole", pode ser um campo de concentração? Ou será v. s. daquellas teimosas velhas de Botafogo que ainda acreditam no pavoneio dos titulos literarios, roubados aos verdadeiros trabalhadores da cultura? Neste caso quererá v. s. que a Academia Brasileira de Letras seja um espelho Luiz XV dum grupo de arrivistas coloniaes e suspeitos, pretendendo explorar uma multidão de analphabetos?

Ou quererá v. s. lealmente que o nosso povo se emancipe, participando afinal da vida intellectual do país, como da sua vida economica, juridica e social?

Todas essas interrogações vêm nas dobras da minha candidatura a um *fauteuil* nessa casa. Sobre ella decidirá v. s. com a mentalidade que representa. O futuro julgará sesa eleição mais do que essa eleição me julgará.

Protocollarmente sou candidato ao voto de v. s. e com prazer me subscrevo. — Att.º obr.º.

a) *Oswald de Andrade.*"

DO AMOR — A policia de costumes de São Paulo está de olhos atentos para o amor, não acreditando, portanto, que só o amor construa para a eternidade. Um dia destes — e foi uma noite — as autoridades apprehenderam nada menos de cincoenta casaes nos bairros de Perdizes e Barra Funda. Segundo noticia divulgada na imprensa carioca, os namorados foram conduzidos á Central da Policia paulista, em rumorosa "canoa", e, a seguir, chamados os' paes das jovens, os quaes se mostraram surpresos com o succedido, pois estavam crentes de que as filhas tinham ido ao dentista.

Se há alguma coisa a lamentar nisso tudo — no limite do possivel — é o facto de apresentarem os jovens amorosos, numa cidade adeantada, pretextos tão velhos e legitimamente provincianos — verdadeiros lugares-comuns nessa tactica subtil do amor perseguido.' Oh! a falta de imaginação...

FACTOS DIVERSOS — Em Bello Horizonte descobriram há pouco um cidadão de invejavel appetite, que só se alimenta de terra e capim. Ninguem o faz comer outra cousa: tijolo é o seu solido e capim é a sua verdura. Questão de vitamina não se discute.

— Apareceu em Diamantina um pretinho de 16 annos, surdo-mudo, cujo prato predilecto é carniça. Disputa aos urubus tudo quanto é carne podre. Qualquer animal morto o interessa: muitas vezes o enterra durante dias para depois regalar-se. Canja, para elle, é gallinha morta.

— Aconteceu em Bello Horizonte: Bertolino falou mal de uma moça. Os irmãos da moça o aggrederam e tentaram arrancar-lhe o bigode com um alicate. Bertolino gritou por soccorro.

— O commerciante Theobaldo tinha o seu prestigio em Fortaleza. Numa noite, foi dançar e, a certa altura, tirou a senhorita Coelho para um samba. "Já estou compromettida", ella teria dito. Vae o commerciante Theobaldo, saca de um revolver, e tome bala. A senhorita Coelho morreu, uma outra ficou ferida e elle tentou suicidar-se. Não conseguiu.

— Um rapaz de Teresina, funcionario publico, quis tomar parte numa caravana organizada por academicos para percorrer o interior do Piauhy em propaganda do Recenseamento. Pediu permissão para isso ao director da repartição, que não o attendeu. Que fez elle? Casou-se e, no gozo dos sete dias regulamntares das bodas, incorporou-se á caravana.

O LADRAO DE ESTATUAS — Em Nictheroy appareceu um individuo que se especializou em roubar estatuas, abusando, evidentemente, da situação de suas victimas.

"Fez mal quando roubou uma coroa de bronze da estatua de Caxias — commentou, em deliciosa chronica publicada num jornal do Recife, o jornalista Luís Delgado. — Caxias merece mesmo a consagração de uma, de varias estatuas. Mas, apoderou-se de varias placas de metal commemorativas de acontecimentos ou personalidades que os telegrammas não dizem quaes fossem. E' de crer que nem todas essas placas fossem justificadas e merecidas. Uma selecção realizada entre ellas pode ter sido coisa magnifica. E o ladrão cynico fez mais: pegou ás occultas o

busto de um ex-governador fluminense, transformou-o em barras de metal e vendeu-as a algumas companhias de navegação. Poetas pantheistas do tempo do parnasianismo imaginavam ser um dia, depois de mortos, flor ou fruto, por causa das transformações da matéria; o ex-governador fluminense, depois de morto, foi busto e estará sendo torneira, talvez, a bordo de algum navio mercante..."

"Mas, o que interessa — continua o escriptor pernambucano — é a attitude do ladrão. Os telegrammas não lhe recusaram esse feio nome e comtudo talvez elle seja antes um policial de homenagens: há, no Brasil, tantas homenagens perpetuadas no bronze mas injustas, que uma tiragem se impõe... Devidamente preparado por uma solida instrução moral e civica, um ladrão desses é uma necessidade social."

BALZAC — Conversando certa vez com Balzac, o actor Frederick Lemaître lhe disse:

— E' muito interessante a *Eugène Grandet*. Uma pintura tão viva quanto as de Molière.

— Talvez mais viva — respondeu-lhe Balzac. — Molière pintou o avaro; eu pintei a avareza.

GAUGUIN — No momento em que se presta significativa homenagem á memoria de Van Gogh, vale a pena volver os olhos para um dos amigos do genial pintor, pintor tambem e tambem de genio — Gauguin.

Renée Hamon, biographa de Gauguin, percorreu longamente a região onde o estranho artista passou os seus últimos annos de vida e veio a fallecer. De uma entrevista que a esse respeito ella concedeu a *Les Nouvelles Littéraires*, extrahimos o trecho abaixo. Ao reporter, que lhe pergunta se viu o tumulo de Gauguin, Renée Hamon responde:

— Sim, visitei-o varias vezes. Gauguin repousa sobre a collina da ilha de Hiva-Oa, sua inspiradora mais fecunda, á frente do Pacifico, que tanto amou. O vento e os rouxinões ali cantam para elle. Seu tumulo seria banal, como todas as tumbas, se a fiel Tioka — a quem o solitario deixara um pedaço de terra — nelle não tivesse gravado: "Paul Gauguin — 1903". Esse testemunho ingenuo reveste-se de uma singular grandeza.

— E os que estão ligados ao solitario pelos laços mais estreitos? Que é feito delles?

— Visitei sua mulher — responde a escriptora. — Ella se lembra de "Koké", que era doce e nunca lhe batia. Viveu seis annos com elle e foi um modelo ideal para o artista, a Eva taitiana do celebre triptico: "Que somos? De onde vimos? Para onde vamos?" Actualmente, ella é uma pesada matrona que, para viver, se occupa em criar porcos da China. Vi Emilio, o filho do pintor. Parece-se com Gauguin. Tem a fronte fugidia, o nariz achatado. Sua alma é simples e não se apaixona senão pelas brigas de gallo. Fez-me admirar o seu, que já ganhou varios campeonatos. Vi tambem a filha de Gauguin, atacada de elephantiasis. Não conheceu o pae e sabe somente que era um branco meio louco que consumia o tempo "à mettre de la couleur sur des sacs à coprah".

# A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS

## A ARTE DO BOM VIZINHO

Há phrases que só são pronunciadas como citações. "Relações culturais" é uma dellas. As relações culturais não estão entre as cousas que possuímos — e sim entre aquellas de cuja existencia somos informados pela leitura. E das quaes ouvimos falar a contragosto. O americano medio pode concordar com quem escreve sobre relações culturais com a America Latina do ponto de vista do interesse commercial dos Estados-Unidos. Mas não se sentirá inclinado a applaudir quem escreve sobre relações culturais com a America Latina, pensando realmente o que diz. A Historia não o permite. A Historia fala uma lingua clara, e, neste caso, importuna: traz á lembrança os emprestimos de Minas Geraes, a capitalização de Cosach, os fuzileiros de Vera Cruz. Faz a phrase soar lugubrememente. Entretanto é honesta essa phrase terrivel. Significa coisas graves. Significa coisas graves. Significa que a presente campanha de propaganda na America Latina é uma luta visando mais alto do que simples mercados. Naquella divisão do Departamento de Estado onde tanto trabalham Ben Cherrington e Charles Thomson, significa que um sub-secretario extraordinariamente sagaz e um extraordinariamente imaginativo assistente-secretario estão convencidos de que os ataques dos radios e jornaes alemães para a America Latina aos Estados-Unidos

não miram apenas fins economicos.

Houve tempo em que os homens que se criam capazes de tudo entender pensavam ser a grande divisão do mundo a existente entre os que tinham, de um lado, e os que não tinham, de outro. Os que não tinham queriam as riquezas, os mercados, as matérias-primas e as colonias dos que tinham. Era muito simples. Nada interessava, nas grandes areas dos mercados inexplorados, ou nas immensas zonas de cultivo de materias-primas, além das cousas a vender ou a comprar. Os que interpretam os negocios latino-americanos segundo essa theoria, não duvidam de que só os motivos economicos levem os alemães a tentar, através das ondas curtas, do contacto directo, da imprensa, destruir a cultura norte-americana. Se denunciavam na nossa civilização o materialismo, a grosseria, o plutocratismo, a vulgaridade, a falta de espirito artistico, a falta de poetas, pintores e até mesmo de verdadeiros eruditos, tudo isso não passava de uma diversão, um movimento de flanco na grande batalha commercial. Não podendo competir com os americanos nas grandes empresas, nos bancos, nos centros productores, os alemães os solapavam nas mesas de jantar das fazendas e das estancias ou das esguias casas de apartamentos do Rio da Prata.



Essa simplificação, porém, como todas as simplificações em questões sociaes, não podia satisfazer a cerebros imaginativos. Successos occorridos em longinquas partes da terra mostravam que a grande divisão na base da conjugação do verbo ter não era a verdadeira divisão do nosso tempo. Taes acontecimentos tornavam patente que os objectivos dos que bombardeavam cidades espanholas ou fuzilavam estudantes tchecoslovacos não eram apenas economicos, mas muito mais largos e ambiciosos. O que se disputava não eram apenas titulos de riqueza. Era toda a ordem moral, intellectual e artistica que, accidentalmente ou não, se assoclava a esses titulos.

Isso significa, em primeiro lugar, que o ataque de flanco á cultura da democracia do Atlantico Norte, na America Latina, não era um despistamento, mas a acção principal. E significa tambem, em segundo lugar, que aquelles que assistiram á peleja com indifferença emquanto parecia uma luta entre magros e gordos para o melhor pedaço de carne, não a viram mais com os mesmos olhos. Muita gente a quem tanto fazia que a Alemanha, em vez da Inglaterra, explorasse o povo da India, enthusiasmou-se quando percebeu que se tratava da morte ou da vida da civilização baseada no livre inquerito e no pensamento livre, a civilização da Europa Occidental e dos países aquem-Atlantico. Uma mudança que desse Tanganyka aos aiemães era uma cousa. Uma mudança que queimasse tambem na America os livros de Thomas Mann, que disciplinasse aqui como nos theatros de Moscou as composições de Szostakowicz, que assassinasse Garcia Lorca não somente em Granada mas tambem em Nova York, que organizasse as sciencias naturaes segundo o espirito de partido tanto no hemispherio occidental como na Siberia, era outra cousa muito differente.

E' para essa nova comprehensão da natureza da peleja que appella a phrase de tom terrível. O movimen-

to para promover relações culturaes entre este país e a America Latina não é em absoluto o movimento hypocrita e misslonario que a historia suggeriria. E' justamente o opposto dum empreendimento misslonario. Não visa beneficiar os povos atrasados que ficam para além do Rio Grande com os ricos dons da nossa cultura superior. Visa, ao contrario, defender a nossa cultura nos lugares em que ella está mais ameaçada. E assim sendo trabalha para persuadir os artistas e intellectuaes das nações da America espanhola e portuguesa de que existe uma cultura norte-americana, de que é uma cultura digna de apreço, e de que a sua substituição por outra influencia cultural na America só pode ser malefica.

No Chile, no Brasil, na Argentina e na Colombia, assim como em outros poucos lugares no mundo, as nações são julgadas pelas suas realizações culturaes, sendo esse juizo influenciado de modo extraordinario pelas opiniões dos intellectuaes de valor. As tentativas para convencer os latino-americanos da excellencia da nossa cultura não se dirigem ao milhão de leitores de revistas illustradas, aos dez milhões de ouvintes de radio, ou ao publico boquiaberto dos divertimentos scientificos. Não devemos, por outras palavras, esperar vencê-los com os mesmos meios por que vencem o publico as revistas illustradas ou as agencias de annuncios artisticos. Estamos tentando alcançar um jury pouco numeroso, exigente, argumentador e discriminador, de criticos, artistas e eruditos: um grupo *sui-generis* de gente instruida e distincta — um critico eminente de versos modernos á margem do Rio em Buenos Aires — uma autoridade em musica moderna nos parques de enormes arvores perto de Santlago — uma mulher nimbada pela fama em Miraflores, cujas palavras se dissolvem na luz dissolvente.

Querer persuadir um jury assim, não com factos, mas com trabalhos; não por propaganda, mas por do-

cumentos — livros, poesia, musica e pintura — não é hypocrisia nem vaidade. E', ao contrario, empresa franca e nobre. Difficil tarefa, que se pode tornar perigosa.

E' evidente a difficuldade de tal reprehendimento. O jury ao qual, num subito gesto de respeito, nos preparamos para submeter os frutos da nossa cultura, é um jury de antemão contra elles prevenido. Muito antes de terem os nazistas começado a depreciar a seus olhos os nossos escriptores, os nossos pintores e esculptores, os nossos actores, os nossos cientistas e homens de cultura, já os intellectuaes da America Latina os tinham em má conta. E não sem razão. Não poupámos esforços para lhes fazer crer que a nossa cultura era a cultura da *Grace Line*, do *National City Bank*, dos comicos de Hearst, dos astros de Hollywood, e dos *best-sellers*. E elles não podiam, por si, corrigir tal impressão.

Em termos de cultura, que não têm nada a ver com os da geographia, a America Latina é vizinha da Europa Occidental, principalmente de Paris. Um critico chileno conhecerá os escriptores norte-americanos como elles forem conhecidos em Paris — ou melhor, como forem conhecidos nas portas de Paris abrindo para o mundo que fala espanhol. Nada sabe da musica americana. E só pelas reproducções coloridas das revistas faz idéa da nossa pintura. Das letras e artes da America Septentrional só pode dizer que dellas não falam os seus amigos das colonias americanas de Santiago ou Buenos Aires, que as ignoram as revistas de Paris e Madrid, e que, quanto a elle, nunca as viu. O pequeno grupo de homens de rara curiosidade intellectual, como Mallea, de *La Nación*, que lêem largamente os poetas e novellistas norte-americanos, constitue excepção, como aqui são excepçionaes os que fazem a mesma cousa em relação aos latino-americanos.

E' essa idéa preconcebida, muito justa, do jury para o qual appella-

mos, que torna espinhosa a empresa. Entretanto há por aqui muita cousa boa, e se a soubermos apresentar com tacto e gosto conseguiremos convencer mesmo o mais prevenido dos jurys. Mas há tambem mediocridade e vulgaridade, em quantidade superior, com maior influencia, mais numerosos adeptos. Se aquelles que tomaram a si a responsabilidade do bom exito dessa empresa permittirem — e será difficil não o fazer — que as nossas "relações culturaes com a America Latina" caiam em mãos de corporações commerciaes com programmas de annuncios, de grupos de pessoas que se proclamam intellectuaes para fazer carreira, ou propagar credos; se aquelles que iniciaram este movimento d'elle se desinteressarem e o abandonarem, deixando o publico latino-americano mofo á espera de revelações culturaes que não chegam, o preconceito actual se transformará em definitiva, invencivel e profunda convicção.

Estamos enfrentando a difficuldade. O perigo a segue. Com ou sem intenção de levar a cabo a empresa, já nos compromettemos, e nos compromettemos por meio de agencias officiaes, a apresentar aos povos latino-americanos provas convincentes do poder criativo e da vitalidade da nossa cultura. Falhar será um desastre. E todavia ninguém, creio eu, considerando os factos, deixará de verificar que essas iniciativas foram tomadas sem a anterior e indispensavel segurança da cooperação daquelles cuja participação é essencial — o punhado de authenticos artistas e eruditos authenticos sem os quaes não poderemos cumprir essas promessas; sem garantias solidas contra a acção dos mediocres e dos vulgares — os favoritos da moda, os nomes do momento, os falsos valores — cuja interferencia tornará ridiculas as nossas afirmações; e sobretudo sem o calculo realista do que nos custará esse fracasso.

Em resumo, os iniciadores e promotores desse programma puseram

não somente a si, não somente aos artistas deste país, mas o proprio país, numa posição perigosissima, da qual a unica saída é caminhar para a frente. Se as relações culturaes entre povos fosse o que julgavam os nossos paes e nossos tios — divertimentos, cumprimentos, futilidades — o fracasso seria uma vergonha, e nada mais. Mas num mundo dividido, que só a cultura poderá unir, as relações culturaes não são futilidades. São alguma cousa de muito serio. Neste mundo a derrota cultural é a que não pode ser soffrida.

As simplificações nos são suspeitas, mas há uma que podemos formular com segurança. A menos que a civilização que repousa sobre instituições livres e sobre a liberdade individual consiga, na luta com idéas rivaes, justificar a sua existencia por suas obras, não a poderá justificar de modo algum.

Meditemos sobre isso, convençamo-nos de que nos arrojamos a arriscada e dura tarefa e façamos, antes que seja tarde, todos os esforços para o bom exito da nossa empresa.

ARCHIBALD MACLEISH, director da Bibliotheca do Congresso de Washington.

(Traduzido da revista *The Nation*).

#### O PEQUENO LORD BEAVERBROOK

Desde que William Maxwell Aitken, Barão Beaverbrook, foi nomeado, em maio ultimo, ministro da Produção Aeronautica do gabinete inglês, duas correntes se formaram sobre a maneira pela qual conduz sua repartição. Uma corrente mantém que demittiu mais auxiliares do que todos os outros serviços civis reunidos. A outra sustenta que, na verdade, não dispensou quasi ninguém, mas affecta grande violencia para estimular os collegas menos energicos. Acrescentam ter Lord Beaverbrook um comparsa, o qual, fardado de almirante ou general,

apresenta-se no seu gabinete sempre que elle recebe alguma visita importante. Mal o vê, o ministro explode: "Dou-lhe uma semana de vencimentos! Está despedido!" Depois volta-se para o visitante e diz calmamente: "Está vendo? E' assim que dirijo isto aqui. Não admitto sabotagem!"

Essa differença de opiniões é característica tanto da Inglaterra como de Beaverbrook. Como seu jornalista n. 1, Beaverbrook mantém o país, durante estes ultimos vinte annos, num estado de espantada admiração.

O seu actual posto foi criado expressamente para elle, que o accetou com a condição de ter completa liberdade. Esperavam, elle e Lord Churchill, que a sua escolha fosse combatida. Ao contrario, só teve applausos. Depois, houve muitas censuras á sua mania de requisitar painelas e frigdeiras de aluminio, mas os resultados obtidos fizeram calar a todos os murmuradores. O povo, que sempre viu em Beaverbrook um trabalhador milagroso, confia que elle permittirá á Inglaterra vencer sem outros auxilios. E no fundo é isso que deseja.

Apenas empossado, elle percorreu todas as fabricas de aviões, suspendeu a autoridade dos directores, substituindo-os por technicos que devem prestar contas não aos accionistas, mas ao governo. Augmentou e barateou a produção. Aplainou e resolveu todas as difficuldades. Convencido da superioridade da produção aeronautica inglesa, elle tem sempre combatido a tendencia a confiar no auxilio dos aviões importados dos Estados-Unidos, constando mesmo que teria, na viagem que fez a esse país no ultimo outomno, dito dos productores americanos: "Não esperem que compremos um só dos seus aviõezinhos." Embora agora já não pense do mesmo modo, pois acha que a Inglaterra precisa lançar mão de todos os recursos, ainda é principalmente com a produção nacional que conta para vencer.

E para vencer uma invasão na Inglaterra elle tem varios titulos.

O primeiro é ter, elle proprio, realizado uma invasão na Inglaterra quando Hitler ainda estudava em Vienna. Natural de Vaughan, aldeia canadense, chegou a Londres em 1913, levando uma grande fortuna, que acabava de ganhar, e uma maior vontade de fazer cousas interessantes. Os coloniaes, em Londres, são desprezados se se mostram polidos e admirativos, admirados se aggressivos e excêntricos. Beaverbrook escolheu a ultima attitude. Candidatou-se ao Parlamento, foi eleito, tomou parte na manobra que fez Lloyd George primeiro ministro. Depois da guerra, ennobrecido, feito barão com o nome de uma aldeia proxima da sua, onde costumava pescar, Beaverbrook começou a entediar-se. Comprou então um jornal fallido e, por suas extraordinarias qualidades de jornalista, pelo interesse humano que demonstrou, conseguiu fabuloso exito.

Emquanto dirigia o *Daily Express* achou tempo para tarefas secundarias, taes como criar um novo partido politico, guerrear o governo de Baldwin, immiscuir-se nos negocios matrimoniaes do Duque de Windsor, começar uma criação de cavallos de corrida, escrever varios livros e deblaterar continuamente contra a sua asthma. Na verdade, a asthma de Beaverbrook apparece quando elle não tem outros meios de chamar attenção; serve de pretexto para convocar regimentos de medicos ou para longas viagens nas quaes se esquece de que tem bronchios. Desde que é ministro não se lembrou mais da sua existencia. E entretantó trabalha dezeseis horas por dia.

A sua maior contribuição para a literatura é o livro *Successo*, publicado em 1920, onde mostra que a principal differença entre a America e a Inglaterra consiste no fact

de, na primeira, só pensarem em ganhar dinheiro os homens de maior intelligencia, e, na segunda, dedicarem-se estes á politica.

Quanto a elle, americano na America e inglês na Inglaterra, fez as duas coisas.

Educado na pobreza, nono filho de um pastor presbyteriano, foi lavador de vidros numa pharmacia, vendeu machinas de costura, tornou-se secretario de um banqueiro, e, com trinta annos, era multimillionario.

NOEL P. BUSCH

(Condensado da revista *Life*).

#### OS INGLESES E A ITALIA

Haverá, na tonitroante Italia de Mussolini, lugar para a memoria de Mazzini, o propheta da sua regeneração, o apostolo da liberdade? Foi há tão pouco tempo que a Italia lutou pela nobre causa da sua independencia... Mas já ninguem se lembra de Mazzini, e por isso não há que admirar de ver esquecidos pelos actuaes italianos os amigos que auxiliaram seus paes a sacudir o jugo estrangeiro e a unificar-se.

Entretanto, quem lê Wordsworth, Shelley, Byron, Sandor, e Hazlitt, os romanticos apaixonados da Italia; quem lê os Browning, Swinburne, Meredith, Mathew Arnold, os victorianos que esposaram a causa da independencia italiana, não pode esquecer a entusiasta ternura que sempre os ingleses votaram á Italia.

Era na Inglaterra que os exilados italianos encontravam acolhida, aclamados pelo povo, celebrados pelos poetas.

A unidade italiana nasceu em Londres, a cruzada libertadora partiu da cidade que hoje os italianos querem ver destruida.

(Condensado do *The Times Literary Supplement*)

## RESENHA DO MÊS

11 de agosto — Foi comemorado o 113.º aniversário da instituição dos cursos jurídicos no país.

12 — O presidente da Republica regressou de sua viagem ao Estado de Goiás. \* O prof. Afranio Peixoto fez uma palestra na Exposição do Livro Argentino.

13 — A Casa do Estudante do Brasil festejou a passagem do 11.º aniversário de sua fundação.

14 — Três conferencias: na Academia Brasileira, a do sr. Clementino Fraga, sobre *Bovarysmo*; na Escola Nacional de Bellas Artes, a do pintor Pedro Corrêa de Araujo, sobre *A pintura francesa do seculo XX*; na Faculdade de Sciencias Economicas e Administrativas, a do prof. Aristides Casado, sobre *O liberalismo económico de Adam Smith e o Estado Novo Brasileiro*.

15 — Inaugurou-se uma Exposição de Desenho, Pintura e Architectura promovida pelo Directorio Academico da Escola Nacional de Bellas Artes. \* No Museu Social, do Ministerio do Trabalho, o prof. Giorgio Mortara fez uma conferencia sobre *Os problemas sociaes e economicos da actualidade e a estatistica*.

16 — O jornalista Austregesilo de Athayde pronunciou uma conferencia sobre *Uma phase do jornalismo argentino*, na Exposição do Livro Argentino, que nesse mesmo dia recebeu a visita do presidente da Republica.

17 — Realizaram-se duas conferencias: a do sr. Pedro Calmon, sobre *A mulher e a defesa nacional*, no Palacio Itamaraty; e a do prof. Linneu de Albuquerque Mello, sobre *Getulio Vargas e a politica internacional*, na A. B. I.

18 — Foi brevetada a primeira turma de pilotos do Aero Clube de Juiz de Fora, com festas excepcionaes. O Aero Clube do Brasil realizou uma revoada áquella cidade mineira.

19 — Installou-se, solennemente, no Real Gabinete Português de Leitura, a Associação dos Amigos de Portugal.

20 — Com a presença do ministro Gustavo Capanema, realizou-se, no Palace Hotel, a abertura e *vernissage* do Salão de Pintura e Esculptura dos artistas modernos de São Paulo. \* Sob o patrocínio do C. R. Flamengo,



realizou-se, no Palacio Tiradentes, uma conferencia do major Ignacio Rollim em torno do *Papel das entidades desportivas na organização da Juventude Brasileira*.

21 — Chegaram ao Brasil o sr. Tomás Salomoni, ministro das Relações Exteriores do Paraguay, e o escriptor Stefan Zweig. \* Realizou-se no Palacio do Itamaraty uma conferencia do sr. Antonio Aita, escriptor argentino, sobre a actual literatura argentina.

22 — Conferencias: a do sr. Antonio Aita, na Academia Brasileira, sobre as letras argentinas contemporaneas; a do sr. Celso Kelly, no Instituto de Educação, sobre o *Recenseamento de 1940*; e a do sr. João Lyra Madeira, no Ministerio do Trabalho, sobre *Possibilidade e acaso*.

23 — O presidente da Republica recebeu uma homenagem dos artistas theatraes. \* Duas conferencias: a do prof. Victor Tapié, das Universidades de Lille e do Brasil, a proposito de Madame Récamier, no auditorio da A. B. I.; e a do prof. Hermes Lima, sobre o thema *A Sociologia e o Direito*, na Faculdade de Direito de Niteroy.

24 — Inaugurou-se, no Museu Nacional de Bellas Artes, a exposição commemorativa do centenario de João Zeferino da Costa. \* No Palacio Tiradentes realizou-se uma festa civica, em homenagem á Juventude Brasileira.

25 — Em todo o pais, foram prestadas homenagens ao Duque de Caxias, patrono do Exercito Nacional.

26 — O ministro da Guerra visitou varios estabelecimentos militares.

27 — O prof. Isaias Alves pronunciou uma conferencia, no Palacio Tiradentes, sobre *O dever da juventude na organização nacional*.

28 — No Instituto Brasil-Estados-Unidos, o prof. Edgar Susekind de Mendonça fez uma conferencia sobre a vida e a obra de Carlos Frederico Hartt, em commemoração ao centenario do geologo norte-americano.

29 — Regressou ao Brasil a Embaixada Brasileira ás festas centenarias de Portugal. \* Foi eleito membro da Academia Brasileira o poeta Manuel Bandeira.

30 — O Rotary Clube prestou homenagem ao Exercito Nacional. \* No Palacio Itamaraty, o prof. Giorgio Mortara fez uma conferencia sobre *O Recenseamento e as relações internacionaes*.

31 — O D. A. S. P. fez realizar, á mesma hora, em seis Estados, o concurso para escriptorario dos varios ministerios, do qual participaram 3.800 candidatos.

1 de setembro — Tiveram inicio, em todo o pais, os trabalhos do Recenseamento Geral. \* Inaugurou-se o XLVI Salão Nacional de Bellas-Artes.

2 — O presidente da Republica assignou um decreto-lei facultando a redução do salario minimo.



3 — A convite do D. I. P., o general Rondon pronunciou uma conferencia, no palacio Tiradentes, em torno do thema *Rumo ao Oeste*.

4 — Em todo o país, houve desfiles da Juventude Brasileira, como parte do programma especial de commemorações da Semana da Patria.

5 — O Exercito uruguayo prestou significativa homenagem ao Duque de Caxias. \* Três conferencias: na Academia Brasileira, a de Claudio de Sousa, *Impressões do Japão*; no Ministerio do Trabalho, a do sr. Pedro Calmon, sobre *Estruturação social do Brasil-Imperio e Brasil-Republica*; no Instituto de Estudos Brasileiros, a do sr. Luís Amaral, sobre *Organização economico-social da marcha para Oeste*.

6 — Realizou-se no Clube Militar o banquete offerecido pelo Exercito ás Delegações Militares Uruguaya e Paraguaya.

7 — Com excepcional brilhantismo, foi commemorada no país a data magna da Independencia brasileira.

8 — O Lyceu Literario Português commemorou a passagem do 72.º anniversario de sua fundação.

9 — Foram inaugurados o Instituto de Cultura Uruguay-Brasil e a Exposição do Livro Uruguayo.

10 — O Dia da Imprensa foi commemorado em todo o país. \* Instalou-se, no Rio, a Sociedade dos Amigos da Cidade.

#### OUTRAS NOTICIAS

Revestiu-se de excepcional significação a homenagem prestada, no dia 10 de setembro, a Augusto Frederico Schmidt por seus amigos e admiradores — entre os quaes homens de letras, homens de Estado e homens de negocios — como salientou o sr. San Tiago Dantas em seu discurso —, pela publicação do livro *Estrella Solitaria*. Os discursos pronunciados por essa occasião foram divulgados com exclusividade pelos *Diarios Associados*. \* Com um ensaio sobre *Poesia e Critica*, iniciou a sua actividade como critico literario do *Diario de Noticias*, a 15 de setembro ultimo, o sr. Sergio Buarque de Hollanda, que succedeu naquella funcção ao sr. Mario de Andrade. \* No auditorio da A. B. I., o sr. Philip Carr, escriptor e jornalista inglés, pronunciou duas conferencias sobre as personalidades jornalisticas e politicas que conheceu em Londres e Paris. Antigo secretario da Embaixada Britannica na capital francesa e correspondente do *Observer*, de Londres, o sr. Philip Carr evocou figuras expressivas da vida mundial, entre ellas algumas de projecção na actualidade europeá. \* No Salão de 1940 occorreram factos ineditos: de inicio, foi retirado um quadro da exposição por uma questão de natureza moral, e, depois, ainda se verificou que uma sanguinea do sr. Fernando Lamarca não passava de copia de um famoso desenho de Feuerbach. \* Entre as homenagens prestadas a Manuel Bandeira pela sua recente eleição para a Academia Brasileira, uma se reveste de singular significação: a dos seus alumnos de literatura do Collegio Pedro II. O poeta brasileiro teve a sua obra analysada, discutida e exaltada pela juventude. \* Quatro congressos nacionaes, de apreciavel alcance, foram levados a effeito em setembro: na Capital da Republica, o I Congresso Brasileiro de Gynecologia e Obstetricia, o II Congresso Nacional

de Hydro-Climatismo e a I Conferencia Nacional contra a Syphilis; em Santa Catharina, o IX Congresso Brasileiro de Geographia. Esses certames, que alcançaram absoluto exito, despertaram o maior interesse nos circulos scientificos. O ultimo, promovido pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, com a collaboração do Instituto Brasileiro de Geographia e Estatistica, recebeu cerca de 1.800 adhesões e perto de 200 theses. \* Passou por esta cidade o escriptor Olivio Montenegro, em viagem a Florianopolis, onde tomou parte, como representante do Estado de Pernambuco, no IX Congresso Brasileiro de Geographia, ali realizado. \* Annuncia-se o apparecimento, dentro em breve, de uma nova revista de literatura, no Rio Grande do Sul — *Movimento*, que contará com a collaboração dos intellectuaes gaúchos de maior evidencia. \* Dando inicio ás suas actividades, a Cooperativa Editora e de Cultura Intellectual, do Recife, vae reeditar a *Historia do Direito Nacional*, de Martins Junior — obra rara. \* Alcançou pleno exito a recente exposição do jovem pintor brasileiro Armando Pacheco. \* Com a devida permissão das autoridades brasileiras, veio ao nosso país uma expedição scientifica norte-americana, para observar o eclipse solar de 1.º de outubro. Chefiada pelo Sr. Charles K. Federer Jr., professor do Museu Americano, a referida missão se realiza sob os auspicios da Associação de Astronomos Amadores. \* Está organizada e em pleno funcionamento a Commissão de Execução do Monumento a Ruy Barbosa, composta dos seguintes membros: srs. Pedro Calmon e Mucio Leão, da Academia Brasileira de Letras; Raul Bittencourt e Americo Palha, do Instituto Brasileiro de Cultura; Justo de Moraes e Edmundo Miranda Jordão, do Instituto dos Advogados; Mello Vianna e Attilio Vivacqua, da Ordem dos Advogados; Horacio Castilhos e Carlos Guimarães, da Associação Brasileira de Imprensa. \* De Béatrix Reynal, a delicada poetisa de *Tendresses Mortes*, livro tão bem recebido pela critica, sairá este mês, editado no Brasil; mais um volume de versos, em que figurarão muitos poemas já conhecidos e apreciados pelo nosso publico.

## DOIS DISCURSOS E UM SONETO NO ALMOÇO EM HOMENAGEM AO AUTOR DE "ESTRELLA SOLITARIA"

Com a adhesão de elementos destacados da diplomacia, do governo e dos meios artisticos e sociaes, realizou-se no dia 10 do corrente a homenagem promovida por um grupo de intellectuaes ao poeta Augusto Frederico Schmidt, por motivo da recente publicação do seu livro de versos *Estrella Solitaria*. Constou a homenagem de um almoço de cerca de 200 talheres, durante o qual foram pronunciados os discursos que aqui hoje publicamos e lido, pelo academico Manuel Bandeira, o soneto que tambem reproduzimos:

### SONETO A MANEIRA DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

(A AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT no dia 10 de setembro de 1940)

*Nos teus poemas de cadencias biblicas  
Recolheste os sons das coisas mais ephemeras  
O vento que enternece as praias desertas  
O desfolhar das rosas cansadas de viver*

*As vozes mais longinquas da infancia  
Os risos emmudecidos das amadas mortas  
Mathilde, Esmeralda, a mysteriosa Luciana  
E Josephina, complicado ser que é mulher e é tambem o Brasil*

*A tudo que é transitorio soubeste  
Dar com a tua grave melancolia  
A densidade do eterno*

*Mais de uma vez fizeste aos homens advertencias terriveis  
Mas-tua gloria maior é ser aquelle  
Que soube falar a Deus nos rythmos de sua palavra*

MANUEL BANDEIRA

A SAUDAÇÃO DE SAN TIAGO  
DANTAS

Meu caro Schmidt:

Os seus amigos — homens de letras, homens de Estado, homens de negocios — incumbem-me de lhe dizer, nesta hora, por que razão o Brasil lhe presta esta homenagem. Não sabem que a incumbencia fere um escrupulo que nunca venci: o de dizer em publico o que penso a seu respeito, o que julgo valer para nós e para o nosso tempo a sua pessoa e a sua obra. Estas palavras que vou dizer, há dez annos que as ensaio. Esses juizos têm vivido e se transformado em mim; quasi poderei dizer que elles têm a historia da minha propria formação intellectual. Vendo-nos agora, um deante do outro, no centro desta homenagem que se está prestando á sua gloria litteraria, revejo aquella tarde longinqua em que pela primeira vez nos encontramos, e em que tínhamos, — ai de nós! — um 22 e outro 16 annos. O *Navio Perdido* apparecera há poucos meses. E aos olhos do adolescente que eu era então, asseguro-lhe que o poeta apparecia tão grande como hoje todos o vemos, e que na alma um pouco revolucionaria que tínhamos naquellê tempo, a sua gloria já me parecia sem igual.

Desde então posso dizer que não nos separamos e juntos vivemos todos os episodios da Comedia litteraria. Não haverá melhor occasião do que esta para eu lhe dizer quanto lhe devo: livros que conheci nas suas mãos, amizades que recolhi entre as suas amizades, e sobretudo o convivio, o entusiasmo, o debate que nos

trazia apaixonados e presos ao grande movimento universal das idéas.

Tudo isso me vem neste instante com o doce amargor das reminiscencias: revejo os livros, lidos de noite, no escriptorio da Livraria, as caminhadas pela cidade, noite a fora, o entusiasmo por Proust e por Barres, a revelação de Rimbaud, a descoberta de Camões, o conhecimento de Goethe.

E dominando todos os episodios — a sua multipla, inquieta, pittoresca e incansavel convivencia, através da qual formou-se esta nossa amizade, onde a admiração encontrou desde o principio, não só uma base para o julgamento menos indulgente, como uma fonte insubstituivel de comprehensão intellectual.

E, talvez por isso, criou-se em mim um escrupulo de dar testemunho a seu respeito.

Nenhum poeta conheci tanto, nenhuma poesia me serviu mais intensamente; vi nascer um sem-numero dos seus poemas, e posso dizer que estive ligado a muitas experiencias de que elles se formaram. E eis por que, ainda agora, quando já vou sendo levado por estas irretrataveis palavras, é para mim mais facil exprimir com seus versos o que sinto, do que dizer o meu pensamento a respeito delles, e temo que uma analyse venha a collocar duas ou três idéas convencionaes no lugar de uma admiração e resonancia intima que não precisava de termos para se explicar.

Está, porém, longe dos meus intentos fazer aqui, sobre os seus versos, algo que se pareça com uma critica. Na adhesão que damos a um poeta, nos motivos que nos levam



a preferir um a outros, na emoção, ou melhor, na revelação íntima que certos versos nos produzem, entram factores quasi tão indefinidos como os que actuam na criação poetica. E' inutil na maioria dos casos querer lançar a lucidez da consciencia sobre os caminhos obscuros dessas preferencias e escolhas.

Os poetas sobre que temos idéas muito claras, geralmente não são os que nos acompanham, nem são os que nos perturbam. Sobre estes o que sabemos, quando muito, é o ambiente, o sentido, a ordem em que a sua poesia nos situa, e não raro eses dados muito vagos augmentam a perplexidade com que sobre elles meditamos. Que nos diz de Rimbaud a idéa que temos de "vidente"? Que explicação nos dá ella do estranho poder que sobre nós têm alguns dos seus poemas, ao peso dos quaes nos inclinamos como sob uma revelação irresistivel? E a idéa de que uma ordem logica preside ás rarefeitas construcções mallarmeanas, porventura nos introduz na substancia poetica, crystallina, que encontramos como uma lympha no seio dos seus poemas?

Há no movimento criador do poeta uma simplicidade que ninguem pode afrontar. A poesia se explica por si mesma e della nada mais podemos saber senão que é uma relação entre o homem e o mundo, uma relação em que se estabelece não sei que íntima e inaccessivel victoria, pois no fundo de toda poesia real chega-nos sempre o mysterioso prazer do triumpho.

Relação entre o homem e o mundo; relação em que se estabelece uma victoria; — não sei levantar mais do que isso o véo que encobre a substancia poderosa e fugidia que procuramos. Haverá, talvez, como dizem uns, uma poesia que é conhecimento; ou que é accção, como affirmam outros. O certo é que em toda a poesia passa uma corrente entre o poeta e o mundo, e alguma contradicção ou falta, ou ausencia ou erro, tomba sob uma posse invi-

sivel, e em nós mesmos experimentamos a graça do resgate, ou, se me permittem, a euphoria da dominação.

Por que sentimos que certos poemas são construcções verbaes, ás vezes perfeitas, ou reportagens sentimentaes muito exactas, mas vemos que lhes falta precisamente a poesia? Por que razão sentimos que versos assim são inuteis? Não é senão porque ao poeta faltaram luta e victoria. A poesia nos allivia, a poesia nos enriquece, a poesia nos faz melhores e nos enche de indulgencia, porque com ella as nossas relações com o mundo, obscurecidas pelas sombras da nossa decaída condição, granjeiam, num ou noutro ponto isolado, aquella serena luminosidade que sobre todas as coisas estenderá a graça total.

Nessa relação entre o homem e o mundo, para onde se dirige o olhar do poeta Augusto Frederico Schmidt? Quero salientar aqui, já que não penso em fazer nenhum estudo dos seus versos, aquillo que me parece ser a linha definida e constante da sua evolução poetica, cuja ultima etapa é precisamente essa *Estrella Solitaria* que aqui estamos para commemorar.

Essa linha, eu a definiria, escusando-me do traçado muito simples, como sendo o gradual declinio do homem e a ascensão do mundo nos themas da sua poesia. Penso no *Navio Perdido* e depois no *Estrella Solitaria*. Naquelle primeiro livro, para o qual conservo o entusiasmo com que há onze annos o li, o poeta está incessantemente voltado para si mesmo, e a sua vida, a sua posição nesse mundo que o envolve é o primeiro motor do seu profundo, íntimo e tragico lyrismo.

*Sou navio perdido na nevoa:  
Uma ancora, Senhor!*

Todos os seus themas, todas as suas lutas, giram em torno da sua propria e obsedante figura, que como uma enigmatica sombra se es-

tende a seus pés e immobiliza o seu olhar. Quando esse olhar se ergue e pousa nas coisas, o que vê é sempre um mundo impregnado de sua presença, onde se vão reflectir ou ecoar os sentimentos que delle partem, que nelle têm origem.

Lembro-me logo de poemas innumerados que por certo acodem, meus senhores, neste instante ás vossas memorias:

*Ai de mim!*

exclama o poeta a cada passo. E a sua tragica condição de solitario, a sua meditação incessante e fecunda sobre a morte, o seu sentimento da figura e do destino do homem, chegam-nos nessas admiraveis obras que são o "Canto Solitario", "Quando eu morrer", "Viagem", "A Partida", e o "Poema de Finados", em que um grande critico já viu o ponto maximo do livro, e talvez um exemplo sem igual do "vidente", que exclama:

*Flores nos tumulos,  
Rosas, rosas, rosas  
(Todas as rosas se desfolharão).*

A phase que se segue ao *Navio Perdido*, assignala o começo da transição. Todo o *Passaro Cego* ainda é, porém, um livro do soffrimento comsigo mesmo, embora reponte aqui e ali uma variação de themas que daria o que anotar. Nesse anno de 1930 viveu Augusto Frederico Schmidt momentos muito graves da sua vida de homem de letras. Elle não recebera, a meu ver, profundamente, a influencia intellectual de Jackson de Figueiredo, mas delle recebera certas idéas politicas, que bem se harmonizavam com o seu ensinamento dos seus mestres francezes preferidos.

A revolução de 1930, elle a comprehendeu e situou no mesmo quadro de idéas em que haviam sido julgadas as rebeliões anteriores. Seu espirito, porém, feito para tratar grandemente os themas, recebeu da insegurança e da mobilidade social que todos respiravamos naquelles

dias, uma suggestão profunda, e não duvido em ligar á sua perplexidade deante dos acontecimentos daquelle tempo, o instante singular na sua trajetoria literaria que são as "poesias propheticas". Elle as fez com uma grandeza de voz e uma autoridade de doutrina, capazes de despertar emoções profundas, como as daquelle seu poema lido, uma noite, do pulpito de São Francisco de Paula. Ah!, perpassa nos seus versos o accento do psalmista. Mas a publicação seguinte — *Desaparição da Amada* — volta aos themas e aos rythmos da poesia interior. Não poderei deixar de ter uma palavra em favor desse poema, do qual geralmente não se gosta, mas em que sinto, apesar das innegaveis deficiencias literarias, uma das mais pungentes criações deste antigo poeta do abandono e do desespero, um canto sombrio, opaco, fluctuante, que bem sei como corresponde a certa época em que o seu autor era impellido para o aniquilamento.

Deixarei de vos falar no *Canto da Noite*, que um homem da autoridade intellectual e moral do sr. Octavio de Faria já disse lhe parecer o maior livro brasileiro de versos, e direi por que vejo na *Estrella Solitaria* o termo de uma evolução que depois do *Navio Perdido* se iniciara.

Se o *Navio Perdido* e o *Passaro Cego* são os livros do homem, do seu soffrimento e do seu destino cosmico, no *Canto da Noite* se inicia e na *Estrella Solitaria* se define uma poesia voltada para o exterior, para o espectáculo do mundo. Não mais como outrora para recolher os reflexos do soffrimento e do destino sobre as coisas, ou para colher o testemunho que ellas dão sobre o homem que a ellas se liga, mas para ver, comprehender e amar as coisas como coisas, é que o poeta Augusto Frederico Schmidt dirige sobre o mundo o seu olhar.

*Eu queria cantar a borboleta branca,  
A mysteriosa dançarina  
Que eu vi, palpitante e estranha,  
Na manhã estival.*

Ou então:

Quero sentir o grande mar, violento  
[e puro.

Quero sentir o mar nocturno e  
[enorme,

Quero sentir o silencio, o aspero si-  
[lencio do mar!

contemplando, na sua tragica bel-  
leza, aquelle

grande e escuro passaro que o gela-  
[do e repentino vento suffocara,

ou olhando

A lua quasi plena, enorme e de ouro,

ou escrevendo esta verdadeira repli-  
ca ás "Rosas" do "Poema de Fina-  
dos":

Rosas, vós sois da terra humilde  
[e escura

Um gesto puro, um alto pensamento,

é para o mundo que elle se volta, e  
em vez do poeta que se deixa mover  
pela dor e pelo mysterio de si mes-  
mo, temos o cantor invadido pelo  
espectaculo da criação.

E não só invadido pela grandeza  
das coisas criadas, como pela sua  
belleza; não só pela vida que nellas  
estua, como pela sua perfeição fu-  
gitiva; e sobretudo um cantor cujo  
olhar se alarga sobre o mundo des-  
vendando nelle uma riqueza, um  
sentido, uma extensão que não sus-  
peitavamos.

Na sua nova poesia do mundo,  
Augusto Frederico Schmidt se trans-  
figura; uma exuberancia, um en-  
thusiasmo profundo, espalham pelos  
seus versos uma vasta resonancia,  
que lhes dá a atmosphaera do canto;  
e esse objectivismo, essa procura da  
criação como thema dos seus poe-  
mas, faz com que elle deixe, cada  
vez mais, de ser poeta "vidente", —  
como tão bem soubera ser nos "Prin-  
cipes" — para ser essencialmente  
um poeta lucido, claro, preciso, cuja  
visão se contém nos limites senso-  
riaes do homem commum, e que  
apenas parece ter, mais do que nós,  
os olhos abertos, e a palavra capaz

de esposar a substancia das coisas  
reaes.

Tambem devemos notar que os  
poemas dos seus dois ultimos livros  
testemunham a ampla experiencia  
intellectual que lhes serve de lastro.  
Essa riqueza de tons, essa precisão  
de palavras, esse commedimento e  
bom-gosto que tanto faltavam nos  
seus versos antigos, é que dão aos  
de hoje uma tão alta qualidade li-  
teraria, — o que demonstram senão  
a experiencia, o trato dos escripto-  
res, a communhão intellectual com  
as grandes obras? Eu não me aven-  
turaria a opinar sobre o que seja o  
homem verdadeiramente culto, mas  
da leitura de uma pagina que Or-  
tega y Gasset escreveu sobre Gæthe,  
ficou-me na memoria esta observa-  
ção que é capital:

"La vida es en si misma y  
siempre un naufragio. Naufragar  
no es ahogarse. — El pobre  
humano, sintiendo que se su-  
merge en el abismo, agita los  
brazos para mantenerse a flote.  
Esa agitación de los brazos con  
que reacciona ante su propia  
perdición, es la cultura — un  
movimiento natatorio. Quando  
la cultura no es más que eso  
cumple su sentido y el humano  
asciende sobre su propio abis-  
mo." (Gæthe desde dentro, ed.  
Rev. de Occidente, 1933, pag. 6).

Há nessas palavras uma verdade  
capital, de que todos deveriamos ter  
bem impregnados os nossos espiritos.  
Se sentimos claramente — e todos  
sentimos — que há uma differença  
entre a cultura e a erudição, é por-  
que a cultura é coisa viva, coisa or-  
ganica, enquanto a erudição é ape-  
nas da ordem do que se mede, conta  
e pesa. Ora, o que dá vida a uma  
cultura não é outra coisa senão  
aquelle sentimento do perigo, a que  
allude o philosopho, aquelle senti-  
mento da nossa propria perdição,  
que a cada minuto se renova, a ca-  
da minuto se conjura, mantendo-  
nos no perpetuo esforço com que

equilibramos as forças que nos arrastam para o nada.

Quem conhece o poeta Augusto Frederico Schmidt sabe quanto esse sentimento do perigo anima a sua vida intellectual. Nunca o conheci tranquillo, nunca o vi confiante: na sua natureza, propensa a dar resonancia aos presagios, o mundo vive em constante alarma; os perigos moraes, os perigos sociaes, e os perigos ontologicos, despertam e vivificam a curiosidade intellectual. E' bem verdade que a feição do seu espirito não lhe permite aprofundar a duvida, nem deixa o sentimento das grandes contradicções e faltas em que o trabalho de uma intelligencia, não raro, se absorve: uma constante inquietação o exerce, e movimenta o seu espirito em muitos sentidos, principalmente na direcção dos factos, das idéas a que se prendem momentaneamente os acontecimentos universaes.

Será preciso, para bem comprehender o que fica dito, inventariar e reunir num unico livro o lavor desse publicista, cuja palavra se tem feito ouvir sobre quasi todos os themas dominantes da nossa vida nos ultimos annos. Poderemos, então, julgar tambem o prosador, — um escriptor dos mais lucidos, e pensador de cuja capacidade critica temos esses dois preciosos testemunhos, que são as conferencias sobre Machado de Assis e Ruy Barbosa.

E ahí está, meu caro Schmidt, o que me pareceu util dizer nesta homenagem, para que lhe chegasse, através de um depoimento pessoal, a prova de ser a admiração que todos lhe tributamos a mais alta a que pode aspirar um homem de letras: — o esforço para comprehender o seu papel entre nós.

O que veio fazer ao nosso lado este poeta? E' o que perguntamos a nós mesmos, surprehendidos e humildes, pois o Eterno manda os poetas e os prophetas como signaes. Não sabemos responder, não podemos explicar, mas sabemos que os

seus poemas nos fazem melhores, e que delles saímos pacificados e fortes.

#### AGRADECIMENTO DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Não comprehendo bem por que estamos aqui todos nós: livros e poetas é o que não nos falta, e de alguns livros recentemente publicados, notadamente as *Poesias Completas* do nosso grande Manuel Bandeira, posso dizer, sem falsa modestia, que têm uma outra importancia, uma outra força que, sem duvida, a minha *Estrella Solitaria* não possui. Mas o vosso desejo, meus amigos, foi, decerto, homenagear e exaltar a Poesia, e, assim, pouco importa o erro de me terdes escolhido porque vossa intenção foi singularmente nobre e justa. O vosso desejo foi recorrer á Poesia nesta hora deshumana do mundo, nesta hora crucial para o homem, nesta hora de dominio das forças irresistiveis e cegas, hora escura em que as proprias almas a quem só contentam os grandes e asperos movimentos já estão sentindo o excessivo sacrificio de tudo á liberdade destruidora e implacavel.

Não direi que a Poesia seja o contrario do que está dominando no mundo, porque isto seria dar uma definição impossivel e precisa á Poesia. Nem direi, outrossim, que a Poesia não mais existe neste tempo: isto são velhas coisas affirmadas por um espirito ainda nas suas perplexidades e na sua crise de comprehensão. E' possivel verificar, apenas, que onde está o homem, por mais humilde e obscuro que elle seja, está invisivel e presente a Poesia, com a força de revelar todas as coisas; de extrahir, mesmo do que é mais pobre e mais ephemero, a substancia perenne e transfiguradora.

A meditação sobre o mysterio poetico é uma aventura, uma viagem cheia de surpresas e que nos pode conduzir ás mais estranhas para-



gens. A velha phrase de Renan "Ce qu'on dit de soi est toujours poésie", tão affirmativa para quem cultivou a duvida como destino, essa pequena phrase traduz uma verdade exacta, fugidia e primeira, pois poesia é experiencia, é o que desceu ao espirito, o que recebeu o contacto da alma e participou assim do que é eterno no ser humano. Dahi, talvez, o não existir um assumpto proprio para a Poesia.

O estado poetico é um estado de abandono e de innocencia, é uma hora em que a alma está á flor, tal como a terra no instante propicio á germinação.

Poesia é resurreição. O dom do poeta é o de fazer com que torne á vida o que é a propria essencia da vida e vae continuamente sendo levado para o nada, de mistura com os factos, com as imagens, com o que se realza e passa.

O poeta surprehende a substancia da vida, o que dá vibração, alma e côr ás coisas que se verificam, ao que vem, ao que surge e pode ser uma physionomia ou um gesto, uma paisagem ou um objecto.

Assim o poeta é o homem do real e a poesia é um acto de perpetua volta á realidade. de restituição á vida do que foi uma hora e morreu, do que resultou da criação permanente e desceu levado pela grande corrente subterranea.

Não há poesia sem luta, disse-nos há pouco o vosso orador, não há poesia sem morte. E' preciso que as sementes da vida, das coisas, da natureza, morram na alma do poeta para que a poesia se levante como a flor do coração da terra.

O que o amadurecimento é para o fruto — essa hora em que a sombra adoça a substancia e a torna integralmente ella mesma, quer dizer, lhe dá a sua plenitude, a posse das suas proprias virtudes — essa hora de maturidade e perfeição, é o que é para a intelligencia a poesia. Ella é que vem completar o mundo, levantar o véo que encobre tantas coisas que estiveram connosco e que não

nos apercebemos que estavam. O que dizemos de nós é realmente poesia, porque as imagens mortas renascem sempre á luz poetica, resurgem todas ellas desse naufragio que é a vida.

A medida da poesia é o homem e não o objecto poetico.

Eu vos estou dizendo tudo isto, meus amigos, para estar de accordo com a vossa generosidade de hoje, de que sou tão indigno objecto. Eu vos estou dizendo tudo isto para participar tambem da vossa confiança, da vossa comprehensão da importancia do mysterio poetico.

Que sou eu e que tem sido a minha vida senão um mysterio que a Poesia dirige por caminhos os mais surprehendentes com a sua claridade primeira e elementar? Que tem sido minha vida se não um grande milagre, uma grande prova de força da Poesia? E o que teria sido de mim sem a Presença da Poesia na minha vida?

Ao vosso lado, cercado pela vossa inequivoca estima, honrado pelas palavras desse jovem mestre, vosso orador, a quem o Brasil já está principiando a reconhecer tal como é, espectáculo exemplar de ordem e de cultura, figura singular na sua geração e cujo destino illustre já se está realizando — sem surpresa para mim, aliás, que me orgulho de o ter presentido há muito, logo que o encontrei, grave, humano e tão diferente, na hora alvorçada e incerta da adolescencia — ao vosso lado, ia dizendo, e naturalmente emocionado pela vossa companhia e pelo que significa esta companhia neste momento — que hora melhor na minha vida poderia eu encontrar para dizer o que devo á Poesia?

Em primeiro lugar é um dever confessar-vos, ai de mim! — que não foi a gloria poetica que eu persegui no tempo em que jurava pela existencia da gloria. Outros sonhos eram os meus e em outra direcção errava o meu espirito. A Poesia foi na minha vida a inoportuna visita, a realidade que surprehende

quando nos surge, mas, sempre, a estrella unica de uma noite de inquietação e de desespero.

San Tiago Dantas, nas palavras admiraveis que acabamos de ouvir, tão mais admiraveis quanto mais pobre foi o assumpto que as inspirou, allude, de passagem, a uma certa multiplicidade de minha vida, a uma certa predisposição para viajar por muitos caminhos. O que isto significou, meus amigos, senão uma continuada tentativa de evasão da Poesia, de evasão da propria evasão?

A Poesia era, na realidade, o meu destino, boa ou má, com o signal de durar no tempo ou de ter a ephemera existencia dos frutos que ninguem recolhe e que apodrecem nos proprios braços da arvore materna; de uma ou de outra maneira, a Poesia era o meu destino. Dahi essa hesitação em enfrentá-la, em abandonar-me ás aguas desse mar sem termo, povoado por tantas sombras illustres e de onde surgiram, para serem ouvidas durante todo o tempo do homem sobre a terra, tantas vozes pederosas e estranhas, vozes asperas ou delicadas e frageis, vozes de commando e de imposição ou de murmurante supplica.

O encontro do homem com a sua missão no mundo é um episodio dramático e obscuro. E' que ao reconhecermos qual o destino da nossa vida e as disposições irresistiveis do nosso espirito, sentimos o que precisamente ficará longe de nós, perdido para a nossa posse. Não ser um poeta foi a minha intima e desesperada ambição quando a Poesia se apresentou deante de mim, quando eu a senti presente e insondavel. E' que de uma certa maneira o mundo se acabara, é que se haviam fechado as portas de tantas illusões que eu viera alimentando na alma sempre insatisfeita.

Nenhuma existencia, entre nós, terá sido tão perfeita e tão realizada no afastar uma vocação de poeta como esta minha existencia vivida na luta, sem lustre, dedicada ás activi-

dades que podem ser qualificadas de antipoeticas por excellencia.

Nas horas da adolescencia, quando o ser ainda se está formando, modelado pelos estilos a que o mundo o submete, fui afastado pelas circumstancias de toda a actividade do espirito, banido da vida da intelligencia. Nas horas inquietas em que os meus companheiros se preparavam para cursar as escolas superiores, aguardava-me, como casa de estudo, como ambiente formador de minha cultura, uma severa firma commercial de fazendas por atacado e armarinho, casa tão rigida que o simples facto de usar eu oculos constituiu um thema discutido para a minha admissão.

Perdoae-me falar dessas coisas que só a mim interessam, que estão guardadas commigo, dessas velhas coisas idas e vividas, mas, ao ver-me entre vós neste momento, ao reconhecer entre os que estão aqui commigo algumas das grandes figuras do Brasil e tantos amigos, o meu pensamento irresistivelmente se volta para os principios mais do que modestos desta minha vida, para essas paragens discretas e humildes onde gastei e vivi os annos mais infelizes, mais fecundos e mais tristes desta mocidade que se vae findando. Ao vos sentir ao meu lado — sentindo orgulho da vossa companhia illustre e affectuosa, é para as horas rudes e duras de minha vida que se volta a minha lembrança como o passaro immigrado para a terra abandonada no desconforto e no frio. Revejo, um a um, os meus passos em algumas pequenas cidades, procurando collocar as mercadorias mais diversas; vejo-me escondido nos balcões de casas de commercio, tentando não ser visto, no pudor inconfessavel de uma condição, que me parecia ingloria, e porfiando por me accomodar nos limites de uma pequena existencia precavida e obscura, de onde me arancou um dia, não sei se para a minha salvação ou se para perigo de minha alma, essa voz indefinivel

que principiou a falar em mim e por mim, essa voz a quem devo ter sido admittido na vossa estima e no vosso convívio.

Todos nós, os que nos abandonamos aos perigos da vida literaria, participamos dos soffrimentos proprios dos homens publicos, e Deus sabe quantas incompreensões e quantas injustiças nos custa o estarmos de algum modo presentes na vida activa, na luta pelo amargo pão do espirito; Deus sabe quantos desenganos não guarda um homem a quem não foi permittido, pela sua propria natureza, ficar na distante e solitaria espera de que a poesia pura o visitasse e foi — tantas vezes — solicitado pelo "demonio de se definir" — deante dos tão ephemeros quanto assustadores problemas da vida politica e social do seu país, e que se tem de misturar com as coisas mais asperas do mundo.

Consolo de tudo isto me estaes proporcionando, porém, nesta hora, e consolo completo e generoso me vem de conceder o vosso interprete, testemunhando perante vós, pelas suas comprehensivas palavras, que do coração das minhas contradicções não emergi impuro nem indigno da minha missão de poeta — missão que nomeio e aceito tão só porque a reconheceis.

Ao ouvir San Tiago Dantas, não deixei de lembrar de todos a quem devo provas de confiança bastante para proseguir nessa estranha e melancolica vocação de poeta; a tantos criticos e ensaistas que deram um valor, de certo exaggerado, á minha poesia, mas que assim impediram viesse a dominar no meu espirito essa poderosa tendencia á negação, tendencia que se traduz, muitas vezes, numa ruidosa e transbordante apparencia de confiança no successo. Não quero, tambem, deixar sem uma referencia especial a esse homem infatigavel que consumiu a sua mocidade ardente na acção intellectual, a principio desinteressado e em seguida apostolar, a esse Tristão de Athayde a quem tanto

devo, e que encontrava há doze annos passados, na sua vida trabalhosa e util, horas vagas para dedicar a um vago rapaz, gerente de uma serraria em Nova Iguassu e que fazia poemas inexpressivos. Deus sabe — e o sei eu — o que valeram as cartas, os livros e a confiança desse homem, já então grande nome, o que me valeu a sua assistencia nesse tempo distante em que principiei a ouvir os primeiros chamados para a partida — e a sentir os primeiros signaes dessa instabilidade que me caracteriza. Ainda ouço como outrora os trens apitando na hora nocturna e augmentando a solidão terrivel que os meus pobres poemas primeiros do *Navio Perdido* procuraram fixar.

A maior gloria, a unica possivel a um poeta menor, a unica forma de gloria de um homem que nasceu para o martyrio de se abandonar ao mundo, de entregar ao mundo as suas mais secretas experiencias — essa gloria rara — é a de ter tocado em algumas almas, de ter sido comprehendido, de se ter libertado da sua solidão pelo milagre da Poesia — e essa graça de ter sido reconhecido a uma luz do espirito eu a tive hoje, nesta demonstração que marcará na minha vida bem mais do que imaginaes.

Presumo saber o que é um grande poeta, para não me illudir sobre o meu valor. Muitas vezes me arrisquei na companhia desses espiritos vertiginosos, desses mundos immensos onde respiramos um ar puro de liberdade, onde a luz e as proprias sombras são diferentes e immensas; deixei-me perder muitas vezes nesses desertos dantescos e shakespeareanos, onde sopra o Espirito como um grande vento.

Detive-me horas seguidas á sombra da alma virgiliana, contemplando os seus limpidos céos; vi nos seus movimentos innocentes e puros mover-se o mar homerico, palpitar o mundo homerico, tanto mais humano quanto mais perdido no seu elementar sortilegio. Senti á força, o



poder, o sopro camoniano, para não esquecer ao Poeta que fecundou e enriqueceu com o seu genio a nossa lingua; bem sei, meus amigos, o que é um grande poeta, um interprete da alma de um povo, um condensador de forças silenciosas e dispersas, eu sei o que é um Poeta assim. Eu sei tambem que o não possuímos ainda em nossa Patria, não obstante as estrellas singulares que marcam a poesia brasileira.

No entanto, esse Poeta Nacional ha de vir, para que a alma brasileira se possa contemplar e crescer nelle, aquecida ao calor do seu genio, ennobrecida e victoriosa pela sclennidade da sua Presença. E é para o Poeta que há de vir, para o annunciador da plenitude espiritual do Brasil, para o ser mysterioso, para o Poeta que o futuro nos esconde e nos guarda, que me volto, na humilde consciencia de que nada sou e de que não me posso considerar entre esses bem-aventurados, entre essas fontes de poesia que vieram fazer com que o ser humano se contemplasse e se reconhecesse tal como é, reflexo dAquelle que é o Principio e o Destino de tudo e de todos nós, dAquelle Ser que um dia soprou sobre o fragil barro a alma eterna, essa alma que triumphará da morte natural, como a luz da aurora sobre as sombras nocturnas.

(O *Jornal*, Rio, 15-9-940).

#### UMA FESTA NO "PEDRO II"

(Reportagem de Augusto Frederico Schmidt)

Poucas vezes alguma coisa me terá consolado tanto como a festa que venho de assistir no Collegio Pedro II, dedicada ao professor Manuel Bandeira, cathedratico interino de literatura do nosso velho gymnasio nacional. A iniciativa desse movimento de homenagem ao poeta da *Lyra dos Cincoenta Annos* foi dos alumnos exclusivamente e teve como pretexto a recente eleição de Manuel á Academia Brasileira de Letras.

Falaram muitos oradores, todos eloquentes e num enternecimento, num carinho realmente tocante. Além desses jovens tribunos, que traduziram os calorosos sentimentos dos diversos gremios literarios do Collegio e de algumas turmas de alumnos, não faltaram tambem numeros musicaes e a presença mesmo de um alumno declamador, aliás dos melhores que tenho encontrado e que enfrentou essa arte difficil e perigosa com uma tranquilla segurança da sua virtuosidade.

Para completar o encanto e a originalidade da festa, com chave de ouro, fez-se ouvir, com os seus bigodes e cabellos brancos, o moço inconformista, Pedro do Couto, que em cumprimento de uma lei, foi há pouco aposentado em plena força dos seus sessenta e muitos annos ou setenta, talvez.

A minha inhabilidade jornalistica não permittirá, decerto, que eu noticie, como desejava, tudo o que aconteceu nesse salão de honra do *Pedro II*. Um movimento assim não deve, porém, acabar entre as quatro paredes de uma sala, e é por isso que me decidi a escrever estas linhas.

Conheço desde a minha adolescencia o que é o poeta Manuel Bandeira — sei bem o que significa essa gloria permanente das letras brasileiras — faltava-me conhecer, porém, o que valia Manuel Bandeira professor, e isto eu acabo de verificar, pela vibrante consagração dos seus alumnos.

Há certas coisas que não se organizam, há certas coisas que a technica das manifestações não pode conseguir — essa unidade, esse entusiasmo desinteressado só nasce mesmo de uma convicção sincera.

Os alumnos de Manuel Bandeira reconheceram nelle, com um sentimento exacto e preciso da verdade, o homem que se apurou pela solidão, o authentico valor, ao mesmo tempo valor moral e valor cultural.

E' possivel que os adultos se iludam constantemente tomando por



authentic o que é pura falsidade e apparencia — (dahi o quasi nunca estarem os homens nos seus devidos lugares).

Mas á juventude é difficil levar para o que é mentira e artificio.

O professor Bandeira — a quem ouvi serem dirigidos os mais espantosos epithetos nos inflammados discursos dos seus alumnos e que vi applaudido de fôrma tão tocante, não é um homem facil de ser comprehendido, não é o que podemos chamar dentro de uma certa technica definidora, um *brilhante*.

Ao contrario, pelo seu pudor intellectual e moral, é preciso descobrir e procurar Manuel Bandeira para que elle se revele tal como é. E isto é o que os seus alumnos fizeram com um exito tão grande.

Pelo que me foi possivel observar, o prestigio do professor Bandeira (desse doutor Bandeira como o ouvi chamar tantas vezes ontem, deliciado em me lembrar que doutor Bandeira era o mesmo grande Manuel, outrora de Santa Teresa e depois do Beco — a estrella solitaria

da nossa poesia) pelo que surpreendi, ia escrevendo, no meu ligeiro contacto com os alumnos do poeta, o prestigio de Manuel é de uma natureza complexa, quer dizer, admiração pelo homem que ensina, pelo professor que conhece a sua disciplina a fundo, como tambem apreço e respeito pelas virtudes do homem, trabalhador sem fadiga e figura moral incomparavel.

Estivesse eu no lugar do ministro Gustavo Capanema, e submetteriam ao sr. presidente da Republica um decreto transformando o cathedra-tico interino em effectivo.

O valor de Manuel Bandeira é tão grande e attestado por suas obras, pela sua contribuição cultural e poetica, que elle merece esse tratamento tambem de excepção, não como simples recompensa mas em caracter de homenagem nacional a um dos mais authenticos valores deste país.

13 de setembro — 1940.

(*Diario Carioca*, Rio, 15-9-940).



*Você um dia nos escreverá uma  
carta como esta!*

*Inscriva-se no "Plano H" da*



Belém, 21 de Fevereiro de 1940

Ilmo. Sr. Antonio Veloso da Silveira  
D. Inspetor Geral da Empresa Construtora  
Universal Ltda.

Saudações cordiais

Acuso recebida sua carta de 8 de Janeiro deste ano, na qual me comunica que no sorteio instituído por essa Empresa, realizado em Dezembro p. passado, foi o título pertencente ao município de Alenquer, neste Estado, contemplado com o premio de cem contos de reis (100:000\$000).

Apraz-me, em primeiro lugar, felicitar a Empresa Construtora Universal Ltda. pela satisfação do compromisso assumido no respectivo título, o que, inegavelmente, constitue um elemento que lhe propicia a confiança publica, de vêr que tão prontamente ela satisfez as obrigações contraídas, pondo á disposição do sr. prefeito daquele município, num dos estabelecimentos de credito desta Capital, a importancia com que a sorte favoreceu o município de Alenquer.

Quanto á sugestão que V.Sa. fez para a applicação de tal importancia, não pôde ela ser integralmente aceita, porquanto já existe na cidade de Alenquer um edificio para o Grupo Escolar; será, entretanto, invertida na construção de um Posto Sanitário, de um Matadouro Modelo e de uma Estação de Monta, estabelecimentos esses necessarios ao desenvolvimento do progresso local.

Queira V.Sa. apresentar á Diretoria da Empresa as felicitações e os agradecimentos desta Interventoria pela solicitude e boa vontade com que se houve no caso em aprço.

*José Malcher*  
Interventor Federal

**Empresa  
Constructora  
Universal  
Ltda.**

MATRIZ — SÃO PAULO  
**R. Libero Badaró, 103-107**  
CAIXA POSTAL-2999

FILIAL - RIO DE JANEIRO  
**Avenida Rio Branco, 109-2º**

# REGISTRO BIBLIOGRAPHICO

A. Carneiro Leão — A EDUCAÇÃO NOS ESTADOS-UNIDOS — 94 pags. — Rio, 1940 — 10\$000.

Walter Spalding — A INVASÃO PARAGUAYA NO BRASIL (Documentação inedita) — Vol. 185 da "Brasíliana" — Ed. ilustrada — 633 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 22\$000.

Mario Quintana — A RUA DOS CATAVENTOS (Poesia) — 149 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 10\$000.

Concordia Merrel — A SETIMA MISS BROWN (romance) — Vol. 77 da Bibliotheca das Moças — Trad. de Tati A. de Mello — 267 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 5\$000.

Louis Bromfield — AS CHUVAS VIERAM (romance) — Vol. 1 da serie Gigante da Collecção Nobel — Trad. de De Sousa Junior — Retrato do autor — 515 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 18\$000.

H. G. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells — AS FORMAS DA VIDA — Vol. 2 da collecção "A Sciencia da Vida" — Trad. de Vivaldo Coaracy — 273 pags. — *Livraria José Olympio Editora*, Rio, 1940 — 13\$000.

Swift — AS VIAGENS DE GULLIVER A TERRAS DESCONHECIDAS — Vol. 1 da Collecção "Os Mestres do Pensamento" — Trad. port. de Henrique Marques Junior, revista e modernizada — Prefacio de José Pérez — 275 pags. — *Edições Cultura*, São Paulo, 1940 — 12\$000.

Emilio Willems — ASSIMILAÇÃO E POPULAÇÕES MARGINAES NO BRASIL (Estudo sociologico dos imigrantes germanicos e seus descendentes) — Vol. 186 da "Brasíliana" — 347 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 13\$000.

BRASIL, 1939-1940 (Relação das condições geographicas, economicas e sociaes) — Apresentação do ministro Oswaldo Aranha — Advertencia de José Jobim — 574 pags. — Publicação do *Ministerio das Relações Exteriores*, Rio de Janeiro, 1940 — 20\$000.

Dona Benta — COMER BEM — Cartonado — 615 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 20\$000.

Monteiro Lobato — CONTOS PESADOS — Vol. 2 da collecção "Os Grandes Livros Brasileiros" — Edição definitiva — 358 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 10\$000.

Alfredo Ellis Junior — FEIJÓ E A PRIMEIRA METADE DO SECULO XIX — Vol. 189 da "Brasíliana" — 588 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 22\$000.

Almir de Andrade — FORÇA, CULTURA E LIBERDADE (Origens historicas e tendencias actuaes da evolução politica do Brasil) — 271 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1940 — 20\$000.

Emil Ludwig — *GETHE — Historia de um homem* — Trad. de Gilberto Miranda — Edição ilustrada — 2 vols., 394 e 447 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 50\$000.

Luís Amaral — *HISTORIA GERAL DA AGRICULTURA BRASILEIRA* (No triplice aspecto politico-social-economico) — 3.º tomo — Vol. 160-B da "Brasiliana" — 333 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 15\$000.

Raul de Leoni — *LUZ MEDITERRANEA* (poemas) — 3.ª edição — Prefacio de Rodrigo M. F. de Andrade — Retrato do autor — 146 pags. — *Civilização Brasileira S/A*, Rio, 1940 — 8\$000.

Howard Spring — *MEU FILHO, MEU FILHO!* (romance) — Vol. 4 da 4.ª Série da Bibliotheca do Espirito Moderno — Trad. de Lygia Junqueira Smith e Monteiro Lobato — 399 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 15\$000.

Rodrigo Octavio — *MEXICO E PERU* — Vol. 18 da Collecção Viagens — 178 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 10\$000.

James Hilton — *NÃO ESTAMOS SÓS* (romance) — Vol. 27 da Collecção Nobel — Trad. de Erico Veríssimo — Retrato do autor — 251 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 10\$000.

Arthur Ramos — *O NEGRO BRASILEIRO* — 1.º vol.: *Ethnologia Religiosa* — 2.ª edição — Vol. 188 da "Brasiliana" — Edição ilustrada — 435 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 18\$000.

Camille de Cendrey — *O REI DAS NUVENS* (romance) — Vol. 68 da Collecção Terramarear — 179 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 5\$000.

Sax Rohmer — *O ROMANCE DA FEITIÇARIA* — Trad. de Leonel Valandro — 257 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 10\$000.

Ernst Glaeser — *O ULTIMO CIVIL* (romance) — Vol. 28 da Collecção Nobel — Trad. de Maria Jacintho — Retrato do autor — 429 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 12\$000.

Juri Semjonov — *OS THESOUROS DA TERRA* (Uma geographia economica para todos) — Vol. 8 da collecção "Tapete Magico" — Trad. de Gilberto Miranda — Edição ilustrada — 488 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 20\$000.

*PANORAMA DA LITERATURA BRASILEIRA* — Vol. 2 da collecção "Livros do Brasil" — Introducção e notas de Afranio Peixoto — 558 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 22\$000.

Afranio Peixoto — *PEQUENA HISTORIA DAS AMERICAS* — Vol. 7 da 3.ª serie da Bibliotheca do Espirito Moderno — 281 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 13\$000.

Manuel Bandeira — *POESIAS COMPLETAS* — 179 pags. — Rio, 1940 — 8\$000.

John Steinbeck — *RATOS E HOMENS* (romance) — Vol. 29 da Collecção Nobel — Trad. de Erico Veríssimo — Retrato do autor — 211 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 8\$000.

Gilberto Freyre — *UM ENGENHEIRO FRANCES NO BRASIL* — Vol. 26 da Collecção Documentos Brasileiros — Prefacios do autor e do professor Paul Arbousse-Bastide — Edição ilustrada — 223 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1940 — 20\$000.



## O CONFLICTO EUROPEU

**BASTIÃO AVANÇADO DA ALEMANHA** — Quando a Inglaterra ce-  
deu á Alemanha, em 1890, a ilha de Heliogoland em troca do protectorado  
de Zanzibar, a opinião germanica fez severas criticas a Guilherme II, que,  
entretanto, vinha de emprender a construcção do canal de Kiel e sabia  
muito bem o que estava fazendo.

A esse proposito recorda *La Petite Gironde*:

“Quasi logo depois de haver tomado posse de Heliogoland, o Almiran-  
tado alemão começou a fortificar a ilha. Do fim do seculo passado até á  
guerra de 1914, foram empregadas toneladas e toneladas de argamassa,  
construidos diques e portos. Consolidada a armadura granitica, fizeram-  
-se sobre essa base obras diversas, installaram-se torres blindadas, baterias  
(354 peças, das quaes mais de 100 de 400 mm.), um pharol, reservatorios  
de combustivel. No fim de julho de 1914, ás vespers da guerra, os natu-  
raes da ilha (mais de 2.000 pessoas) são brutalmente evacuados, em seis  
horas, para Hamburgo e Altona, e substituidos por uma guarnição de 5.000  
homens. De 1914 a 1918, Heliogoland desempenha efficazmente seu papel  
offensivo e defensivo. Finalmente, em Versalhes, os Alliados estipularam,  
no artigo 115 do Tratado de Paz, que Heliogoland seria inteiramente des-  
armada.”

Apesar de um movimento dos habitantes junto ao Conselho Supremo  
dos Alliados em favor de sua independencia, Heliogoland permaneceu ter-  
ritorio prussiano.

E, conclue *La Petite Gironde*, “as fortificações demolidas sob as vistas  
dos ingleses foram reerguidas por Hitler, e a ilhota rochosa, patria tranquil-  
la de pescadores, tornou-se, como sob Guilherme II, o bastião avançado da  
Alemanha no mar do Norte.

**ANIMAES NA GUERRA** — Depois do cavallo, do pombo, do cão, a  
guerra pretende utilizar outros animaes. Agora as cogitações se voltam  
para um insecto que sempre gozou a melhor reputação como elemento de  
ordem e de trabalho — a abelha.

Informa a *Revue des Deux Mondes* que interessantissimas experien-  
cias foram feitas no Japão e, em seguida, na Alemanha, para utilização das  
abelhas como mensageiras aladas.

“Graças a um processo chimico e á microphotographia — diz — mi-  
nusculas mensagens são confiadas ás abelhas que as levam colladas ao  
peito. Se esse meio de transmissão offerece vantagem consideravel sobre  
o emprego do cão e do pombo-correio, pela discrição do mensageiro e a  
quasi impossibilidade de o inimigo impedir-lhe a passagem, apresenta um  
duplo inconveniente: é impossivel usá-lo no inverno, as abelhas não sup-  
portam o frio; é difficil pedir a uma abelha para voltar á sua colmeia, se  
está muito distante do lugar de onde parte a mensagem.”



Ninguém duvida que os inconvenientes sejam afastados. O genio da guerra é mesmo muito poderoso. Enquanto isso, vê-se que nem abelha se pode ser mais...

**A ITALIA NA GUERRA** — Através de um dos seus órgãos mais expressivos, a revista *The Sign*, os catholicos norte-americanos expressam o seu ponto de vista sobre a posição da Italia na actual guerra, do seguinte modo:

“O povo italiano pode ostentar uma historia cultural superior á de muitos outros. Tem sido através dos seculos o guardião da cultura latina e da tradição christá. Algumas pequenas cidades da Italia podem perfeitamente pretender maiores brasões nas artes e na literatura do que muitas nações. E a historia da grandeza italiana não se deteve no progresso. Continuou no presente. Sob Mussolini, a despeito de muitos erros fundamentaes do fascismo, os italianos fizeram grandes avanços até se constituírem, como nunca antes, numa das grandes, fortes, unidas e brilhantes nações da Europa e do mundo.

E' com um sentimento de horror, assim, que se vê a decisão de Mussolini de entrar na guerra ao lado dos nazistas. Hitler e seus seguidores são inimigos blasphemos não apenas das pluto-democracias, mas do Christianismo mesmo e de quanto é mais sagrado na nossa civilização européa e christá. Na Europa e no mundo á face de Hitler, depois da victoria, não há lugar para Christo nem Sua Igreja, nem lugar para esses direitos e liberdades que os homens livres aprenderam com a religião christá, em toda parte, a prezar acima da propria vida. Juntando-se a Hitler nesse trabalho de destruição, Mussolini está traíndo o povo italiano — seu passado, presente e futuro. E' triste contemplar o papel do povo italiano reunindo suas forças ás de outro Attila e lançando a Europa na destruição a fogo e a sangue.”

**O “PREMIER” INGLÊS** — O *Times*, de Londres, saiu da sua habitual sisudez para fazer a Lord Winston Churchill estes elogios:

“Nenhum homem ascendeu ao poder em horas mais difíceis. Nenhum homem, nem mesmo o jovem Pitt, teve de experimentar maior serie de desastres militares. Nada elle occultou. Supportou tudo com absoluta coragem e energia.

“Sua recompensa é tornar-se para o nosso povo e os nossos amigos noutros países o symbolo da energia e da paciencia e a garantia da victoria final.”

**A QUEDA DE UMA ARVORE** — Escreve o semanario *Time*, de Nova York:

“Na cidade alsaciana de Zabern, em 1918, alguns franceses plantaram uma arvore como symbolo da volta da Alsacia á França. Contra essa arvore marchou há pouco a Juventude Hitlerista, seguida de um bando de jovens trazendo machados e tambores.

— Para a Alemanha esta arvore é um symbolo de escravidão e oppressão — exclamou o chefe. — Agora a arvore cairá.

Soam tambores. Machados cortam. Cae a arvore. Jovens hitleristas arrancam as raizes da terra e marcham gritando — *Sieg Heil!*”

RAUL LIMA

# ELLE ERA

*o melhor dos maridos...*



**E**MQUANTO viveu, só teve uma preocupação: — o bem da esposa e dos filhos.. Elle esqueceu, porém, de cuidar do Futuro. A prova é que desapareceu quasi de repente, e não deixou nem economias, nem bens capazes de garantir a subsistencia da familia.

Esta é uma situação dolorosa e que se repete diariamente. Procure evital-a, o Sr. que tambem tem esposa e filhos.. Si o Sr. não é rico, pense na hypothese de sua esposa vir a perdê-lo. Poderá ella, sosinha, prover ao mesmo tempo as exigencias do lar e trabalhar para sustentar e educar seus filhos? Não lhe interes-

saria conhecer, sem compromisso, o meio de proteger o futuro de sua familia, mediante pequenas parcelas de seu ordenado? Procure, então, trocar idéas com um Agente da "Sul America" sobre o Seguro de Vida. Não se preocupe com dificuldades que não existem. Tenha em mente que o Seguro de Vida não é privilegio de rico e que existem planos adaptados a todas as bolsas... Aproveite o coupon abaixo e peça o folheto explicativo sobre "Seguro de Vida".



**A' SUL AMERICA**

Caixa Postal 971 — Rio

*Desejo receber — sem qualquer compromisso de minha parte — o folheto explicativo sobre "Seguro de Vida"*  
é. v v v v.

Nome \_\_\_\_\_

Rua \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

## Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

Fundada em 1895



FUMEM

CIGARROS...



DA

CIA. SOUZA CRUZ